

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E
GEOCIÊNCIAS**

**O PAPEL DA CAMPAL NA (RE)
ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE
NOVA PALMA-RS.**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Vanessa Manfio

Santa Maria, RS, Brasil

2011

O PAPEL DA CAMNPAL NA (RE) ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE NOVA PALMA-RS.

Por

Vanessa Manfio

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências do Centro de Ciências Naturais e Exatas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Orientadora: Prof^a Dr^a Gilda Maria Cabral Benaduce.

Santa Maria, RS, Brasil
2011

M276p Manfio, Vanessa
 O papel da CAMNPAL na (re) estruturação do espaço urbano de Nova
 Palma-RS / por Vanessa Manfio. – 2011.
 126 f. ; il. ; 30 cm

 Orientador: Gilda Maria Cabral Benaduce
 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro
 de Ciências Naturais e Exatas, Programa de Pós-Graduação em
 Geografia e Geociências, RS, 2011

 1. Geografia 2. Desenvolvimento local/regional 3. Nova Palma-RS
 4. Pequena cidade 5. CAMNPAL 6. Cooperativa I. Benaduce, Gilda
 Maria Cabral II. Título.

 CDU 334

Ficha catalográfica elaborada por Cláudia Terezinha Branco Gallotti – CRB 10/1109
Biblioteca Central UFSM

© 2011

Todos os direitos autorais reservados a Vanessa Manfio. A reprodução de partes
ou do todo deste trabalho só poderá ser feita com autorização por escrito do autor.
E-mail: nessamanfio@gmail.com

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Naturais e Exatas
Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**O PAPEL DA CAMPAL NA (RE) ESTRUTURAÇÃO DO
ESPAÇO URBANO DE NOVA PALMA-RS.**

elaborado por
Vanessa Manfio

Como requisito para a
obtenção do Grau de Mestre em Geografia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Gilda Maria Cabral Benaduce, Dr^a
(Presidente/Orientadora)

Paulo Roberto Rodrigues Soares, Dr. (UFRGS)

Vilma Dominga Monfardini Figueiredo, Dr^a (UNIFRA)

Santa Maria, 01 de março de 2011.

Dedico este trabalho à minha mãe Celia, pelo apoio, incentivo nesta minha caminhada acadêmica e, sobretudo pelo amor incondicional, também dedico ao meu pai Ancelmo (in memoriam) pelo apoio e carinho, mesmo com a ausência estará sempre presente no meu coração e lembranças.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida e pela realização desta conquista.

À Universidade Federal de Santa Maria, por possibilitar um ensino de qualidade e gratuito, dos quais possibilitaram a minha formação de Mestre em Geografia.

Ao Mestrado em Geografia da UFSM pela formação em nível de Pós Graduação.

À CAPES pelos recursos financeiros que contribuíram para a realização desta pesquisa.

À minha orientadora professora Gilda Maria Cabral Benaduce, pelo carinho, dedicação, amizade e por estar me conduzindo e contribuindo para minha formação profissional.

À minha mãe e meu pai, pela dedicação e amor incondicional nesta etapa da minha vida.

À minha tia Marialene pelo incentivo, carinho e apoio.

À todos os amigos e familiares pelo apoio e carinho.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Geografia e Geociências, que contribuíram com seus saberes e possibilitaram a minha formação em nível de mestrado.

Aos colegas do mestrado, pela amizade ao longo destes dois anos e, nas quais muitos destes permaneceram sendo meus amigos depois de concluída esta etapa na minha vida.

À Prefeitura de Nova Palma, ao Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma pela atenção e disponibilidade de dados a realizar desta pesquisa.

À Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda pela colaboração na pesquisa, fornecendo informações relevantes.

À todas as pessoas que, de alguma forma ou outra, contribuíram para eu chegar até aqui.

*“Para realizar grandes conquistas,
devemos não apenas agir,
Mas também sonhar; não apenas planejar,
mas também acreditar.”*

(Anatole France)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências
Universidade Federal de Santa Maria

O PAPEL DA CAMNPAL NA (RE) ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE NOVA PALMA-RS.

Autor: Vanessa Manfio

Orientadora: Gilda Maria Cabral Benaduce

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 01 de março de 2011.

As pequenas cidades apresentam papéis urbanos importantes para o desenvolvimento local e regional, os poucos equipamentos urbanos são suficientes para atender a dinâmica da população. Nessa perspectiva, a pesquisa analisa a (re) estruturação urbana de Nova Palma, bem como os novos papéis urbanos ligados a CAMNPAL. É através desta cooperativa que a cidade se vê impulsionada e novas formas e funções urbanas vão desencadear uma expansão urbana promovendo o desenvolvimento local/regional, conectando o urbano novapalmense a uma rede comercial global. A cidade que surge em função da agricultura e da necessidade de comércio agrícola, tem nos dias de hoje, o principal papel urbano: a comercialização e beneficiamento dos produtos agrícolas da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana, e em decorrência deste papel, novas atividades e serviços passam a compor o cenário urbano de Nova Palma. A expansão contínua da cidade dependerá das políticas públicas, das ações dos atores locais e da sociedade em relação das potencialidades locais.

Palavras-chave: Pequena cidade; cooperativa; Nova Palma; CAMNPAL; desenvolvimento local/regional.

ABSTRACT

Master Degree Dissertation
Post-Graduation Program in Geography and Geosciences
Federal University of Santa Maria

THE ROLE OF THE CAMNPAL IN (RE) STRUCTURING THE URBAN SPACE IN NOVA PALMA - RS.

AUTHOR: VANESSA MANFIO

ADVISOR: GILDA MARIA BENADUCE CABRAL

Date and Location of Defense: Santa Maria, 01 de março de 2011.

Small towns play important urban roles for local and regional development; the few urban facilities are enough to meet population dynamics. From this perspective, the research analyzes the (re) structuring of urban Nova Palma, as well as new urban roles connected to the CAMNPAL. It is through this cooperative that City is improved and new urban forms and functions will initiate urban expansion promoting the local / regional development, connecting the town urban to a global trade network. The city, which arises due to the need for agriculture and agricultural trade, has today as the main urban role: the marketing and processing of agricultural products in the Region of the Fourth Colony of Italian Immigration, and as a result of this role, new activities and services will make up the urban landscape of New Palma. The continued expansion of the city depends on government policies, actions of local stakeholders and society regarding local potentialities.

Keywords: Small town; cooperative, Nova Palma, CAMNPAL; local / regional development.

PPGGEO/ UFSM, MANFIO, Vanessa

Mestre

2011

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Ilustração 1: Mapa de Localização da área de estudo.....	16
Ilustração 2: Mapa de Localização das Étinas e da ocupação do território riograndense.....	22
Ilustração 3: Lotes e núcleos da Colônia Silveira Martins em 1890.....	27
Ilustração 4: Mapa de localização dos municípios da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.....	30
Ilustração 5: Mapa das Unidades Geomorfológicas do Rio Grande do Sul ...	34
Ilustração 6: Mapa das Bacias Hidrográficas do Rio Grande do Sul	37
Ilustração 7: Mapa das Comunidades do Município de Nova Palma/RS.....	62
Ilustração 8: Instalações da CAMNPAL em Nova Palma em 1976.....	74
Ilustração 9: Unidade da CAMNPAL em Dona Francisca/RS - 2009.....	75
Ilustração 10: Unidade da CAMNPAL no distrito de Caemborá em Nova Palma-2009.....	76
Ilustração 11: Unidade da CAMNPAL em São João do Polêsine- 2009.....	76
Ilustração 12: Moinho da CAMNPAL em São João do Polêsine- 2009	77
Ilustração 13: Croqui de Localização Geográfica dos estabelecimentos e parcerias da CAMNPAL em 2010... ..	78
Ilustração 14: Unidade da CAMNPAL- Localidade São Cristovão (Rincão dos Padilhos) em Nova Palma.....	79
Ilustração 15: Sede da CAMNPAL em Nova Palma - 2002	79
Ilustração 16: Sede da CAMNPAL em Nova Palma - 2009	80
Ilustração 17: Aglomerado Urbano em 1930	86
Ilustração 18: Povoado Urbano em 1940	87
Ilustração 19: Povoado Urbano em 1956.....	87
Ilustração 20: Cidade de Nova Palma/RS em 1970.....	88
Ilustração 21: Cidade de Nova Palma/RS em 1992.....	89

Ilustração 22: Cidade de Nova Palma/RS em 2007/2009.....	89
Ilustração 23: Fotografia da Construção do prédio residencial/comercial de Nova Palma/RS.....	90
Ilustração 24: Esquema da comercialização da CAMNPAL - 2010	94
Ilustração 25: Esquema da Hierarquia Urbana segundo Milton Santos.....	98
Ilustração 26: Mapa da cidade de Nova Palma/RS, 2008	100
Ilustração 27: Fotografia da Praça Padre João Zanella.....	103
Ilustração 28: Fotografia do Balneário de Nova Palma/RS.....	103
Ilustração 29: Fotografia da Igreja Matriz Santíssima Trindade.....	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Datas da colonização e emancipação dos municípios da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.....	29
Tabela 2: RS, municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana- Dados censitários, população residente e distribuição populacional em urbana e rural em 2000 e 2010.....	33
Tabela 3: Principais produtos cultivados no município de Nova Palma/RS.....	59
Tabela 4: Dados da pecuária novapalmense.....	60
Tabela 5: Faturamento acumulado de 2009 e faturamento parcial de 2010 - CAMNPAL.	83
Tabela 6: RS: Nova Palma- valor adicionado por atividade econômica e percentual de 2006 a 2008.....	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparação entre as morfoestruturas e morfoesculturas que caracterizam o estado do Rio Grande do Sul.....	35
Quadro 2: Épocas de plantação e colheita das culturas agrícolas	61
Quadro 3: A distribuição dos serviços e equipamentos urbanos de Nova Palma.....	102

LISTA DE ANEXOS:

ANEXO A- Fotos da Quarta Colônia de Imigração Italiana (arquitetura italiana).....	120
ANEXO B- Formas de relevo presentes na Quarta Colônia: área de transição entre a Depressão Central e o Planalto Meridional Brasileiro.	121
ANEXO C- Roteiro da Entrevista A.	122
ANEXO D- Roteiro de Entrevista B.	123
ANEXO E- Reportagem sobre os futuros investimentos da CAMNPAL.....	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1: A COLONIZAÇÃO E FORMAÇÃO DA REGIÃO DA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA	18
1.1. O Processo de imigração europeia no Brasil: algumas características.....	18
1.2. A Imigração Italiana no território do Rio Grande do Sul.....	21
1.2.1. As colônias Conde d' Eu, Dona Isabel e Nova Palmira (Colônia Caxias).....	24
1.2.2. A colônia Silveira Martins.....	25
1.3. Características geográficas da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana: aspectos gerais.....	31
1.3.1. Aspectos humanos e culturais.....	31
1.2.1. Aspectos físicos.....	33
1.4. Características particulares dos municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana.....	39
1.4.1. Faxinal do Soturno.....	39
1.4.2. Nova Palma.....	39
1.4.3. Pinhal Grande.....	40
1.4.4. Dona Francisca.....	41
1.4.5. São João do Polêsine.....	42
1.4.6. Silveira Martins.....	43
1.4.7. Ivorá.....	44
CAPÍTULO 2: O ESPAÇO URBANO, AS RELAÇÕES URBANO/RURAL E A ESTRUTURAÇÃO URBANA DAS PEQUENAS CIDADES	46

2.1. O espaço urbano: alguns apontamentos teóricos.....	46
2.2. As relações campo/cidade: os novos conceitos e papéis.....	50
2.3. As pequenas cidades e as relações entre rural e urbano.....	53
2.3.1. As características do espaço rural de Nova Palma/RS e as relações urbano/rural.....	57
CAPÍTULO 3: O COOPERATIVISMO: DESENVOLVIMENTO E DINÂMICA DA CAMNPAL NO ESPAÇO NOVAPALMENSE.....	66
3. 1. O surgimento e desenvolvimento do cooperativismo: o cenário cooperativista no Rio Grande do Sul.....	66
3.2. A cidade, o cooperativismo e o desenvolvimento local.....	70
3. 3. A Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda (CAMNPAL): aspectos relevantes.....	73
CAPÍTULO 4: A INFLUÊNCIA DA CAMNPAL NA (RE) ESTRUTURAÇÃO DA CIDADE DE NOVA PALMA/RS: NOVOS PAPÉIS E ESTRUTURAS URBANAS.....	85
4. 1. A Estruturação urbana de Nova Palma/RS.....	85
4. 2. A influência da CAMNPAL na (re) estruturação urbana de Nova Palma.....	91
4. 3. O uso do solo urbano de Nova Palma/RS.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110
ANEXOS.....	119

INTRODUÇÃO

O urbano abriga vários modos de vida, inúmeros espaços, atividades associadas à indústria, a gestão administrativa e a prestação de serviços. É um ambiente de contradições, sejam elas: políticas, sociais, culturais e econômicas.

A cidade apresenta diferentes dimensões e complexidades sendo elas classificadas em: grandes, médias e pequenas cidades. As pequenas cidades diferentemente das grandes apresentam particularidades, poucos fluxos de mercadorias e pessoas, a tranquilidade, a arborização, a pouca extensão do tecido urbano, aproximando pessoas. Muitas destas, a maioria de características rurais, têm como eixo econômico a agropecuária e um modo de vida mais rural, de contato com a natureza.

Assim, como as grandes cidades, as pequenas desempenham um papel significativo para o desenvolvimento local e para a rede de cidades, das quais fazem parte. Por isso, os estudos das cidades locais são de extrema importância, já que a maioria, das cidades brasileiras é de pequeno porte.

O espaço urbano e a cidade novapalmense são pequenos, com formato irregular e surgem entorno das atividades agrícolas. Com o desenvolvimento do cooperativismo e com o desdobramento das atividades impulsionadas pela CAMNPAL a cidade passa a comercializar, industrializar e fornecer recursos aos pequenos agricultores. Através destas atividades a cidade novapalmense adquire novos papéis não somente ligada ao setor primário, mas também ao terciário¹.

O objetivo principal da pesquisa constitui-se no entendimento da reestruturação urbana da Pequena Cidade de Nova Palma a partir do desenvolvimento e organização da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda, no município de Nova Palma e na Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

¹ A partir do desenvolvimento local proporcionado pela CAMNPAL, o município novapalmense investe no turismo cultural e natural.

Entende-se hoje, que a CAMNPAL é um dos atores nas dinâmicas locais e regionais, cujo centro administrativo está na cidade novapalmense. A sua rede comercial impulsiona a formação de novos papéis urbanos, resultando assim, na reorganização citadina, a fim de atender as necessidades e aproveitar as atividades e recursos financeiros gerados por este complexo comercial para obter o desenvolvimento local.

Norteando a construção da pesquisa foi importante a utilização do método o histórico-analítico para entender as atuais transformações urbanas. Dessa maneira, tal método imprimiu uma linha metodológica para as entrevistas, coleta de dados e na análise das informações coletadas, ainda tal perspectiva metodológica possibilitou o entendimento do passado serviu para que pudesse realizar um resgate da colonização italiana do estado rio-grandense, especialmente da Quarta Colônia. Ainda delineou uma revisão da construção do espaço urbano do pequeno município de Nova Palma/RS.

Para atender os objetivos propostos o trabalho estruturou-se em quatro capítulos: No capítulo 1 estão expostos aspectos da colonização italiana no Rio Grande do Sul e na Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana, na qual faz parte a área de estudo, o município de Nova Palma (Ilustração 1).

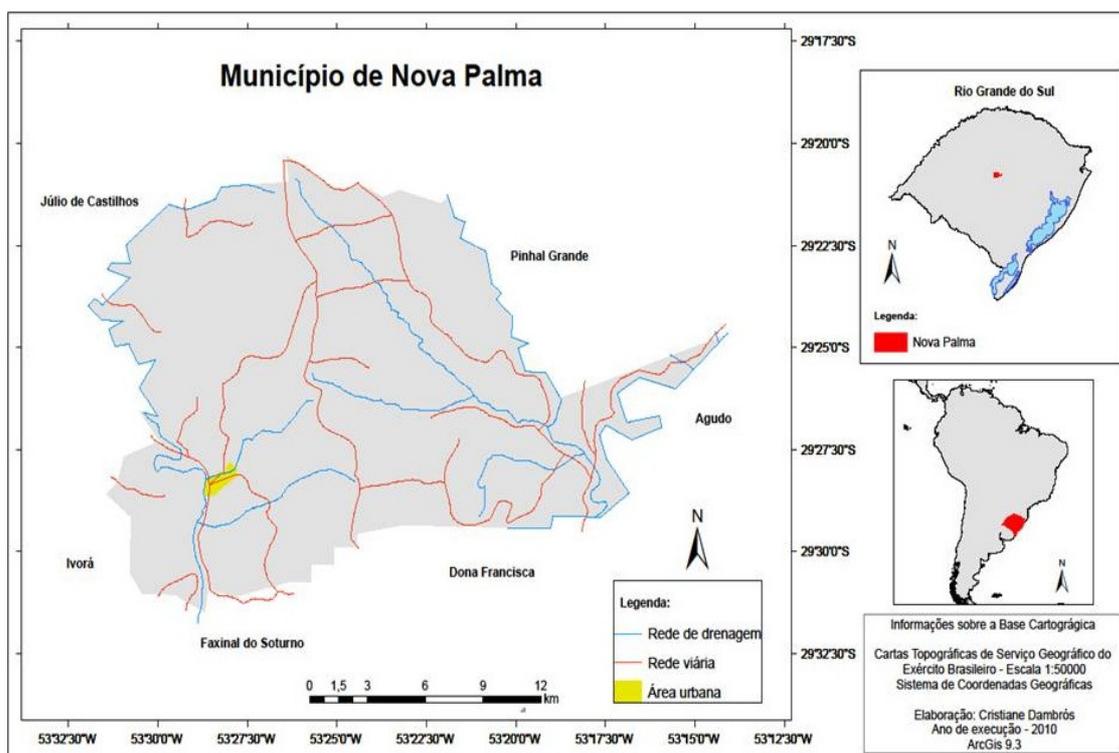


Ilustração 1: Mapa de Localização da área de estudo.

No capítulo 2 estão dispostos os aspectos teóricos e metodológicos a respeito do espaço urbano e das pequenas cidades.

No capítulo 3 aborda-se a dinâmica do cooperativismo, do desenvolvimento local e das características, estrutura e atividades da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda, relacionando cooperativismo, desenvolvimento local e cidade.

O último capítulo mostra as dinâmicas e a estruturação urbana de Nova Palma, bem como a reestruturação da cidade diante do dinamismo da CAMNPAL e os novos papéis urbanos do município.

CAPÍTULO 1: A COLONIZAÇÃO E A FORMAÇÃO DA REGIÃO DA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA/RS.

“A colonização italiana foi, incontestavelmente, um sucesso para o Brasil.” (Olívio Manfroij).

A imigração italiana foi fundamental para o desenvolvimento da agricultura do Rio Grande do Sul, ocupando várias regiões, nas quais, são reconhecidas e valorizadas atualmente.

O trabalho, a cultura e a religião italiana deixaram suas expressões no território rio-grandense e na formação étnica brasileira e gaúcha. As belas paisagens culturais, repletas de significados e sentimentalismo de uma população trabalhadora que reproduziu no natural o valor de suas origens e hábitos, desperta o interesse de muitos estudiosos e turistas.

Com isso, alguns aspectos da colonização e imigração italiana, no Brasil e no Rio Grande do Sul, serão abordados neste capítulo. Estes fatores estão associados à imigração e emigração italiana, além de destacar a formação, desenvolvimento, as particularidades e características da região da Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS, a área de estudo que faz parte do presente trabalho.

1.1. O Processo de imigração européia no Brasil: algumas características.

No século XIX, a expansão da cultura do café no sudeste brasileiro representava o desenvolvimento econômico do Brasil. Todas as decisões políticas e sociais atendiam aos interesses dos fazendeiros do café. Juntamente com o império do café, a abolição da escravatura ocorre, implicando na perda da mão-de-obra trabalhadora e no enfraquecimento econômico.

No sul do Brasil, entretanto, o governo, além da necessidade de desenvolver a economia interna, enfrentava dificuldades de assegurar a posse

das terras mediante a fraca ocupação do território rio-grandense e as freqüentes disputas pelas terras com os espanhóis.

Diante destas necessidades de mão-de-obra, ocupação do território e desenvolvimento da economia agrícola, o Brasil promove a imigração européia.

Conforme Saquet (2003, p.22), “A colonização apareceu, assim, como uma alternativa para o problema da oferta de alimentos e da força de trabalho.”

Concomitante a esse processo histórico do Brasil, a Itália, bem como, outros países europeus enfrentavam problemas sociais graves.

A Itália convivia com uma grave crise econômica, resultado da sua unificação com instabilidades políticas, econômicas e sociais. O país enfrentava ainda uma grave crise agrária, que deixou muitos agricultores italianos sem-terras e sem-trabalho.

O governo italiano precisava solucionar estes problemas enfrentados pelo país, mas, sobretudo, manter os privilégios da elite italiana e estabelecer novas relações comerciais internacionais. Dessa maneira, o estado incentiva a imigração espontânea dos italianos.

Segundo DE BONI (1979),

Ao contrário do que se poderia supor, a emigração não significou para as autoridades italianas e para as classes ricas uma catástrofe. A curto prazo, foi mesmo um alto negócio, pois carregou divisas, pelas mais diversas formas e livrou o país de milhões de deserdados. (DE BONI, 1979, p.65).

Reforça Brum Neto (2007),

O Brasil necessitava de contingentes populacionais para ocupar os “vazios” demográficos, enquanto isso, na Itália havia um excedente populacional pronto para emigrar em busca de melhores condições de vida. Tal situação resultou na expulsão da porção mais carente da população italiana. Desse modo, o “problema” italiano, ou seja, o excesso populacional tornou-se a solução para ocupação do território brasileiro. (BRUM NETO, 2007, p. 143-144).

Assim, os pequenos colonos e artesões, na esperança de serem proprietários de terra e ter trabalho, vieram para o Brasil “fazer a América”, deixando sua pátria de origem.

De acordo com Saquet (2003),

A possibilidade de ser proprietário e ter emprego mexeu com aqueles sem-terras e sem-trabalho e condicionou sobremaneira a desterritorialização, ainda mais, quando ratificada pela atuação dos padres italianos e dos agentes de empresa colonizadoras e de navegação.” (SAQUET, 2003, p.67).

Desde a imigração até a chegada no Brasil, os italianos passaram inúmeras dificuldades. As condições precárias nos navios, a falta de alimentação e higiene, levando a epidemias e mortes em alto mar, saudades e angústias são algumas delas. No Brasil, os problemas continuaram, pois as melhores terras já haviam sido ocupadas, restando as regiões montanhosas, recobertas por matas virgens. Os imigrantes italianos ainda enfrentaram a falta de infraestrutura, de incentivo do governo e precárias condições de trabalho, resultando em desilusões e frustrações.

Santi (1999, p.15) destaca: “Nos primeiros tempos tudo se representa monótono, idêntico e repetitivo, as desilusões diante um mundo desconhecido, o sentimento de abandono, o refúgio em Deus, as lembranças do mundo familiar deixado, irremediavelmente para trás”.

Os italianos encontraram refúgio dos seus problemas na religião, permitindo a manutenção dos seus sonhos e trabalhos. Esses imigrantes eram muito religiosos, cujas atividades religiosas eram sempre prioridade em relação aos demais trabalhos.

Manfroi (2001, p.120) afirma: “abandonados e perdidos no meio da floresta virgem, eles se reencontravam consigo mesmo e com os outros, através da prática da religião ritmos e cerimônias.”

No início da colonização no Brasil e, sobretudo, no Rio Grande do Sul, As práticas sociais destes italianos foram marcadas pela religiosidade. As festas, as missas e os encontros com outros italianos eram feitos nas capelas e igrejas construídas por eles no começo da ocupação das colônias, a fim de ficarem protegidos e mais próximos aos preceitos de Deus e dos santos.

Brum Neto (2007) reforça dizendo que

Outro aspecto importante na cultura italiana é a religiosidade. São inúmeras igrejas, capelas e capitéis e grutas que estão materializadas no espaço gaúcho e que foram construídas em nome da devoção a fé católica. O descendente italiano é considerado um povo muito religioso e, tal afirmação pode ser contestada na organização do espaço por esta etnia. (BRUM NETO, 2007, p.257-258).

Para os italianos, a construção de capelas e a religião eram mais importantes do que as atividades escolares. A escola, entretanto, surge a partir da igreja e voltada para as necessidades do trabalho.

Manfroi (2001) coloca que

A escola não teve uma importância decisiva na formação e estrutura das comunidades. [...] os italianos mostraram pouco interesse na construção de escolas e pela instrução de seus filhos. Quando esta existia, os alunos que freqüentavam aprendiam os primeiros rudimentos de leitura, escrita e aritmética. (MANFROI, 2001, P.147).

A organização social, cultural e econômica nas colônias italianas teve o padre, ou sacerdote, como principal agente responsável pelo desenvolvimento das regiões de colonização italiana.

O padre era o líder espiritual e material. Através de suas ações e incentivo, fundaram-se vários municípios, escolas, hospitais, estabelecimentos comerciais e também cooperativas entre outras.

Destaca Marin (1999, p.88) destaca que “os padres tinham prestígio nas comunidades e exerciam uma liderança política.”

Marin (1999, p.88) ainda argumenta que “o padre também era um ‘pastor vigilante’ de toda a comunidade paroquial”.

Cabe reforçar que boa parte das cooperativas de associativismo foi criada pelo apoio e idéias de religiosos. Um exemplo é a Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda (CAMNPAL), criada no município de Nova Palma devido ao trabalho e idéias do Padre Luis Sponchiado, colonos italianos e seus descendentes para a comercialização de gêneros agrícolas, a fim de diminuir as dificuldades de comércio regional.

A religião, juntamente com o isolamento das colônias italianas no sul do Brasil, contribuiu para o aprofundamento e valorização cultural nas regiões de ocupação italiana. É um fato notório. Os italianos construíram não somente uma história e o desenvolvimento econômico interno brasileiro, mas também contribuíram com seus costumes e trabalho para a formação da composição e cultura do povo brasileiro e, sobretudo gaúcho.

1.2. A imigração italiana no território do Rio Grande do Sul.

A Imigração no Rio Grande do Sul como se destacou anteriormente se deve na tentativa do Brasil de colonizar e ocupar as terras sulinas.

O território rio-grandense destinado a atividades econômicas ligadas a pecuária começou a ser ocupado efetivamente com a vinda dos açorianos em 1748, que contribuiu para o surgimento de várias cidades gaúchas entre elas, Porto Alegre, Passo Fundo, Osório.

No ano seguinte, o governo promove a vinda de imigrantes alemães ao estado para colonizar terras que ainda não estavam sendo ocupadas. Desta colonização, também resultou a criação e desenvolvimento de alguns municípios gaúchos, destaque para Santa Cruz do Sul, São Leopoldo, Campo Bom, marcando o cenário cultural do Rio Grande do Sul, através das suas festas, gastronomia e arquitetura. É, entretanto, a partir de 1870 que se consolida a colonização do Rio Grande do Sul com a vinda de imigrantes italianos ao estado. (Ilustração 2).

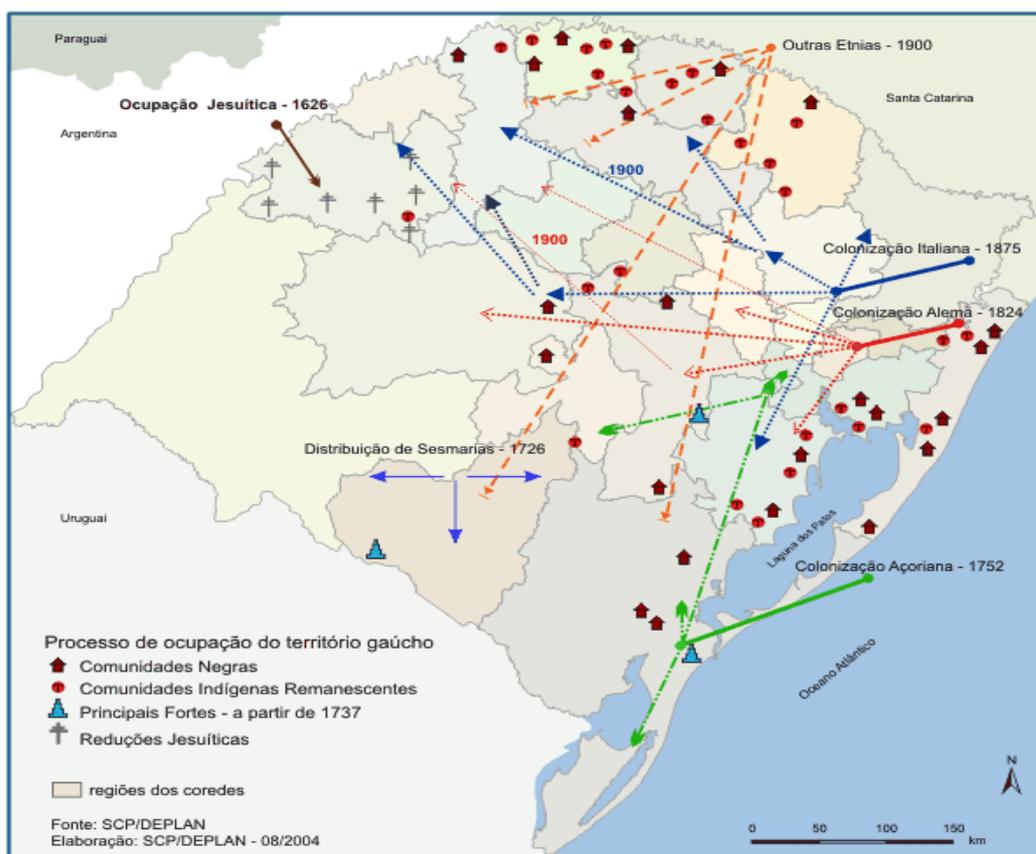


Ilustração 2: Mapa de localização das Etnias e da ocupação do território rio-grandense.
Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul/ acesso em maio 2010.

As terras planas e bem produtivas já tinham sido povoadas pelos imigrantes açorianos e alemães quando os italianos migram para o território riograndense, restando assim, as terras montanhosas. Estes receberam pequenos lotes de terras próximo a encosta do Planalto Meridional.

Pesavento, (2002) destaca que “as melhores terras já se achavam ocupadas e coube aos italianos receber lotes ainda menores de 25 ha na encosta da serra”.

A primeira colônia fundada pela vinda dos imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul pelo governo Imperial foi denominada de Conde d' Eu, atual município de Garibaldi. A segunda colônia foi fundada próxima da primeira com o nome de Dona Isabel, atual município de Bento Gonçalves. À medida que novos imigrantes se dirigiam para o estado, novas colônias eram fundadas, como é o caso da formação da terceira colônia italiana denominada Nova Palmira, atual Caxias do Sul.

O quarto núcleo de colonização italiana no Rio Grande do Sul foi fundado na região central do estado, a fim de ocupar terras devolutas e de mata virgem, recebeu o nome de Colônia Silveira Martins.

Cabe ressaltar que as três primeiras colônias localizadas próximas a capital gaúcha e aos centros econômicos tiveram inicialmente um desenvolvimento mais significativo do que a Colônia de Silveira Martins.

A partir de 1884, devido ao fato das colônias pioneiras, Conde d' Eu, Dona Isabel, Nova Palmira e Silveira Martins já estarem ocupadas efetivamente, a continua chegada de imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul resultou na formação de outras colônias entre elas: Colônia Antonio Prado (atual município de Antônio Prado), Colônia Alfredo Chaves, (atuais municípios de Veranópolis, Nova Prata, Nova Bassano e Cotiporã), Colônia Guaporé (hoje os municípios de Guaporé, Encantado, Muçum, Serafina Correa e Casca), Colônia Encantado, que originou os municípios de Encantado e Nova Brescia. Ao longo dos anos, novas áreas eram colonizadas pelos italianos no território rio-grandense (DE BONI, L. A. 1979).

Nestas regiões de colonização italiana no Rio Grande do Sul, através do trabalho e cultura dos imigrantes, o natural se transformou em belas paisagens, marcadas por traços culturais, sobretudo pelas festas, gastronomia, arquitetura,

dialeto, modo de vida. (A arquitetura italiana na Quarta Colônia de Imigração Italiana pode ser vista no Anexo A). Essas regiões preservam, até os dias de hoje, toda riqueza de detalhes da cultura italiana.

Santi (1999, p.15) afirma que “a reconstrução do ambiente de origem, através dos santos prediletos, dos capitéis, das igrejinhas, dos campanários e dos sinos, das cantorias, das festas tornaram-se os fundamentos desta nova terra.”

Brum Neto (2007, p. 270) salienta que,

dos códigos culturais dos italianos, pode se destacar a língua falada, a gastronomia, a religiosidade, e as festividades como responsáveis pela identificação dessa cultura. E, a materialidades no espaço ocorre mediante alguns aspectos que se salientam na paisagem, como as construções típicas e a organização do espaço. (BRUM NETO, 2007, p. 270).

A partir desta valorização e materialização do espaço pelos italianos e seus códigos culturais, a atividade turística neste ambiente desenvolveu despertando muitos visitantes e transformando as regiões de colonização italiana em verdadeiros espaços turísticos e extremamente conhecidos, como é o caso das regiões da Serra Gaúcha e a Quarta Colônia de Imigração Italiana, nas quais apresentam o turismo e a cultura italiana entre as demais atividades econômicas, reestruturando o espaço e preservando os cenários coloniais e as marcas da cultura.

O espaço vivido pela cultura italiana não tem apenas significados históricos e culturais, mas, sobretudo econômicos. Desbravadores e corajosos, mesmo repletos de dificuldades na ocupação da nova terra, os imigrantes transformaram as áreas de floresta em espaços rurais e urbanos, centros comerciais e industriais importantes no espaço rio-grandense, como é o caso da Serra Gaúcha, que compõe atualmente uma das mais importantes regiões do Rio grande do Sul, inclusive conhecida mundialmente pelo turismo, indústria e comércio.

1.2.1. As colônias Conde d' Eu, Dona Isabel e Nova Palmira (Colônia Caxias).

As colônias Conde d' Eu (primeira Colônia Italiana do RS) e Dona Isabel (segunda Colônia Italiana do RS) foram fundadas em 1870. Ambas cultivavam milho, fumo, batata, mandioca, trigo e centeio. A viticultura também marcou a economia destas colônias, afinal o colono italiano, após as refeições, tinha como costume beber vinho. A produção e fabricação do vinho para consumo próprio logo achou mercado consumidor no Brasil, representando mais uma renda ao colono italiano. Atualmente esta região ainda é conhecida pelas vinícolas e pela exportação de vinho e pelo turismo.

As proximidades com os centros econômicos gaúchos encontravam-se, inicialmente, em precárias condições de infra-estrutura e incentivos do governo, ficando dependentes de outros municípios para realização do comércio local.

As colônias Conde D' Eu e Dona Isabel emanciparam-se sob o decreto 9.183 de 12 de abril de 1884. (SPONCHIADO, 1996). Após este período, Ambas passaram a pertencer ao Município de Montenegro. Atualmente, a primeira Colônia Italiana do território rio-grandense corresponde aos municípios de Carlos Barbosa e Garibaldi e a segunda, ao município de Bento Gonçalves.

A colônia Nova Palmira (terceira colônia italiana do RS), situada nos Campos de Cima da Serra, foi ocupada rapidamente. Ficou dependente primeiramente em relação à comercialização agrícola e industrial que se desenvolvia na colônia ao município de São Sebastião do Cai, também encontrando precariedades de infraestrutura. Desenvolveu-se economicamente baseada na indústria e comércio. Atualmente Caxias do Sul, é um pólo industrial bastante dinâmico, herança cultural italiana.

A maioria dos imigrantes italianos que ali chegaram era proveniente das regiões de: Vêneto, Friuli, Trento e Lombardia.

Concomitantemente as outras duas colônias italianas, a Colônia Caxias emancipou-se sob o decreto 9.183 de 12 de abril de 1884, passando a categoria de 5º distrito de São Sebastião do Cai. Atualmente, corresponde aos municípios de Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha e São Marcos.

1.2.2. A colônia Silveira Martins.

O quarto núcleo de colonização italiana no Rio Grande do Sul localizou-se na região central do estado. Próximo a Santa Maria e Cachoeira do Sul, este núcleo foi denominado Colônia Silveira Martins, começando a acolher os primeiros italianos a partir de 1877.

Segundo Manfroi (2001, p.68), “o primeiro contingente enviado a Silveira Martins era composto por 70 famílias.”

Enquanto os imigrantes que chegavam à Quarta Colônia de Imigração Italiana esperavam a demarcação e distribuição das terras, estes migrantes enfrentavam problemas de alojamento e alimentação.

Saquet (2003) argumenta que,

Na colônia de Silveira Martins as primeiras turmas ficaram alojadas num barracão, na base da encosta do planalto. Este lugar foi denominado de Val de Búia devido a predominância de italianos provenientes de Búia, província Údine, Itália. Em Val de Búia uns dormiam no barracão outros em barracas feitas de lençóis ou ramos esperando a distribuição dos lotes de chão. (SAQUET, 2003, p.82).

Os imigrantes italianos da Quarta Colônia de Imigração Italiana eram na sua maioria provenientes das regiões de Vêneto, Friuli ou Venécia Julia e Údine, embora tenha uma minoria de imigrantes de outras regiões da Itália. Isso explica o nome dado aos distritos e povoados da Colônia Silveira Martins: de Vale Vêneto (distrito de São João do Polêsine), Novo Treviso (Faxinal do Soturno), Val de Búia (Ivorá) entre outros.

Como se destacou, os imigrantes eram de classes pobres nas quais, o processo político e econômico italiano contribuiu para as dificuldades de sobrevivência e trabalho. Sendo assim, os imigrantes, conforme Zanini (2007), “eram, em sua maioria, camponeses pobres que seguiam para perspectiva de melhores condições de vida. Eram também, majoritariamente católicos e analfabetos.”

Contudo, apenas os primeiros italianos que chegaram à Quarta Colônia de Imigração Italiana ficaram instalados em Silveira Martins, constituindo a sede da colônia. Os demais foram sendo distribuídos em áreas próximas, de mata virgem e terras devolutas, resultando na formação de novos núcleos interioranos próximos da sede da colônia Silveira Martins e na expansão

colonial na região central do Rio Grande do Sul. Estes novos núcleos foram denominados: o núcleo norte, soturno, Arroio Grande, Nova Treviso, Vêneto.

Na ilustração 3, observam-se a localização e distribuição dos lotes de terras na Colônia de Silveira Martins em 1890, formando os núcleos interioranos, nos quais se interligavam com a sede colonial. A abertura de estradas foi importante para esta comunicação entre os povoados da colônia.

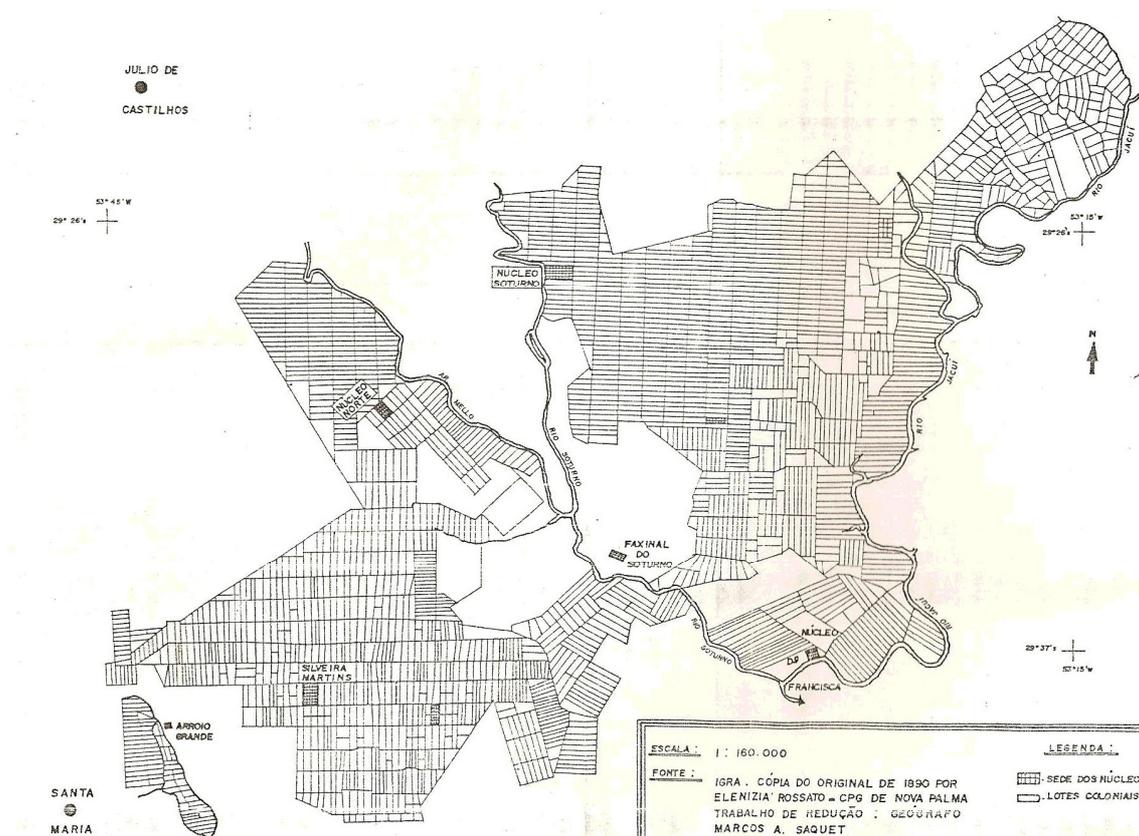


Ilustração 3: Lotes e núcleos da Colônia Silveira Martins em 1890.

Fonte: Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma/RS (CPG).

Na colônia de Silveira Martins, assim como em outros lugares, os imigrantes encontraram dificuldades iniciais de instalação e produção. A falta de assistência do governo brasileiro, poucos recursos financeiros dos italianos, terras declivosas e recobertas de florestas causou sofrimentos e desilusões aos italianos.

A coragem, religiosidade e o trabalho destes italianos permitiram não somente a sua sobrevivência, mas também o desenvolvimento e progresso da região da Quarta Colônia.

Saquet (2003, p.87) ressalta que “os imigrantes encararam os sofrimentos dos primeiros anos como condição para ganhos futuros, na terra e no Céu e, com isso, legitimaram e fortaleceram a produção de excedentes (...).”

Nos primeiros tempos da colonização, os imigrantes promoviam as atividades agrícolas de subsistência e seus momentos de lazer eram relacionados à religião através de missas, reza do terço, festas dos santos nos quais eram devotos.

Conforme Saquet (2003, p.93), “no início da colonização em Silveira Martins, as atividades sociais desses imigrantes eram limitadas as religiosas e, sobretudo nos dias festivos e domingos.”

Saquet (2003, p.93) salienta que “após a missa, aproveitavam para fazer compras e jogar bocha e baralho (Tressette) sempre acompanhados do vinho.”

Na Quarta Colônia, desenvolveu-se o sistema de pequena propriedade e da policultura baseado no trabalho familiar, já que todos os membros da família participam das lidas diárias da produção agrícola. As técnicas utilizadas pelos italianos eram rudimentares e simples, como a queimada e o plantio de rotação de culturas e instrumentos como a foice, enxada, entre outras. Este fato deu ênfase na atual atividade economia desenvolvida nos municípios originário da antiga Colônia Silveira Martins.

O processo de imigração na Quarta Colônia, conforme Zanini (2008), “tratava-se de uma migração familiar, incluindo membros de procedências dos mesmos lugares da Itália e falantes dos mesmos dialetos, o que favoreceu, de certa forma, sua instalação em terras brasileiras.”

Os excedentes da produção agrícola eram comercializados localmente e nos centros consumidores mais próximos, cujas precárias infra-estruturas e os atravessadores dificultavam o comércio, sendo o centro comercial de Santa Maria e da Campanha gaúcha os primeiros pontos de comercialização da Colônia Silveira Martins e de seus núcleos.

Todavia, o desmembramento da Colônia Silveira Martins resultou na sua fragmentação econômica devido à divisão do território da Quarta Colônia entre os municípios de Júlio de Castilhos, Santa Maria e Cachoeira do Sul (Santin, 1986).

Em 12 de agosto de 1882, no palácio do Rio de Janeiro, o imperador do Brasil, através do decreto 8.644, torna-se emancipada a Colônia Silveira Martins, passando a ser o 5º distrito de Santa Maria/RS. (SPONCHIADO, 1996, p.60).

O primeiro município a adquirir sua emancipação política foi Faxinal do Soturno, em 1959. Nova Palma emancipa-se no ano seguinte. Depois, foi a vez de Dona Francisca e dos demais municípios. Na Tabela 1, pode-se observar os períodos (anos) que ocorreram a ocupação e emancipação da Colônia Silveira Martins, resultando na atual Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Tabela 1- Datas da colonização e da emancipação dos municípios da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana

Municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS.	Início da colonização (ano)	Núcleo colonial	Emancipação (ano)
Silveira Martins	1877	Sede	1987
Nova Palma	1882	Núcleo soturno	1960
Ivorá	1883	Núcleo Norte	1988
Faxinal do Soturno	1884	Núcleo Soturno e núcleo Novo Treviso	1959
Dona Francisca	1886	Núcleo Dona Francisca	1965
São João do Polêsine	1893	Núcleo Vale Vêneto	1992
Pinhal Grande	1917	Núcleo Soturno	1992

Fonte: Nardi, O. 2007
Org.; Manfio, Vanessa

No entanto, as dificuldades econômicas e de comercialização agrícola destes municípios originados da colonização da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana, após a emancipação política dos mesmos, continuaram estorvando o desenvolvimento da agricultura na região. Entretanto, a partir de 1963, funda-se a CAMNPAL no município de Nova Palma/RS, incentivada pelas idéias do pároco do município, para facilitar o comércio novapalmense e, posteriormente, de toda região.

Na colônia de Silveira Martins, a valorização cultural também foi fortemente marcada no espaço regional, assim como nas outras colônias italianas. A valorização do espaço vivido e afetivo permaneceu presentes entre

os descendentes italianos que cultivam, ainda nos dias de hoje, hábitos e o dialeto italiano, além de incentivarem o turismo às belas paisagens e ao conhecimento da cultura, conservando objetos e casas antigas dos imigrantes italianos.

Os descendentes italianos têm orgulho e patriotismo à cultura italiana. Este aspecto contribuiu para o desenvolvimento do turismo na região e de vários festivais locais e internacionais.

Assim sendo, a Quarta Colônia de Imigração Italiana (também denominada Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana) deu origem a sete municípios: Silveira Martins, Ivorá, São João do Polêsine, Faxinal do Soturno, Dona Francisca, Nova Palma e Pinhal Grande. (Ilustração 4)

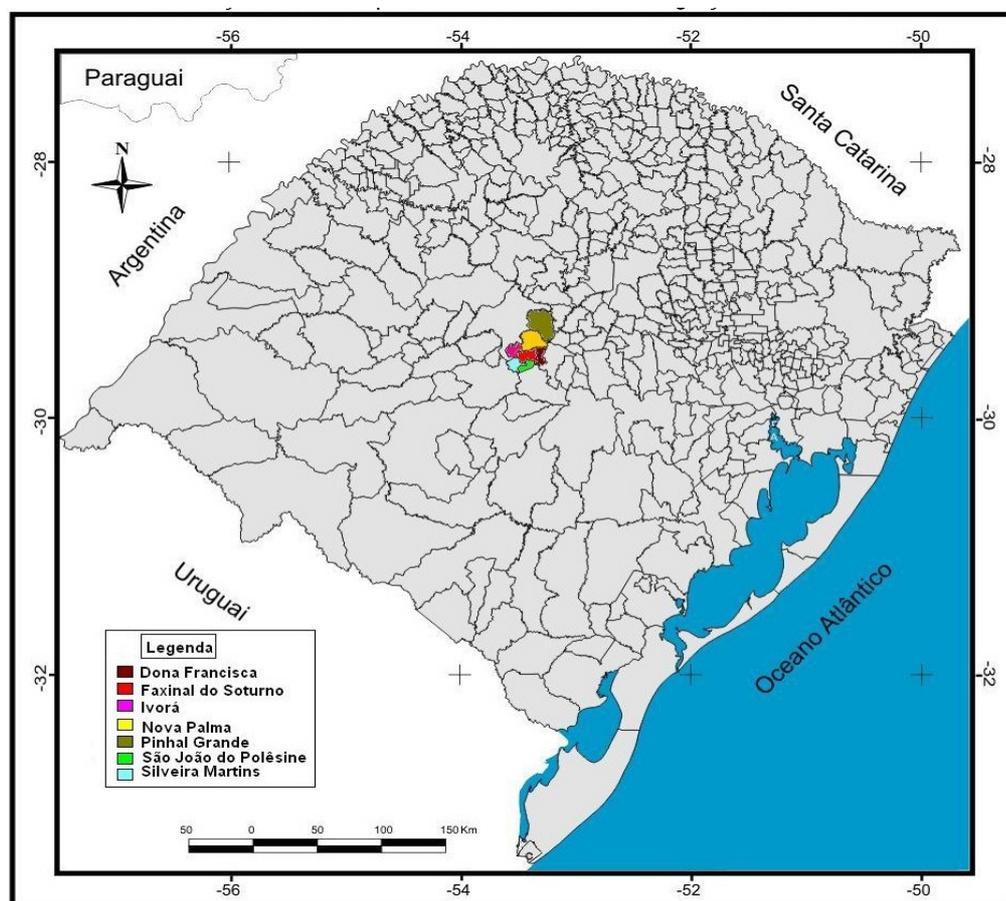


Ilustração 4: Mapa de localização dos Municípios da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Fonte: Fundação de Economia e Estatística (FEE).

Org.: MANFIO, Vanessa

A colonização italiana nesta região permitiu notoriamente o desenvolvimento da agricultura, a comercialização dos gêneros agrícolas

(através da CAMNPAL) e o turismo, além de estabelecer o desenvolvimento da interconexão entre os municípios locais. Sobretudo, os núcleos coloniais deram origens a pequenas cidades voltadas a atividades industriais e agrícolas.

Em 1991, diante da política de descentralização da gestão ambiental prevista no Sistema Nacional de Meio Ambiente e do tombamento da Mata Atlântica e de seus Sistemas ambientais pelo governo estadual em 1992, criou-se o consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS), no qual forma-se a Região da Quarta Colônia de Integração do CONDESUS (Região da Quarta Colônia), passando a compor uma das seis regiões do CONDESUS e desencadeando o Projeto de desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (PRODESUS), conforme ITAQUI, 2002.²

Assim sendo, a Região da Quarta Colônia do CONDESUS é formada pelos municípios de Restinga Seca, Agudo, Faxinal do Soturno, Nova Palma, São João do Polêsine, Ivorá, Silveira Martins, Pinhal Grande e Dona Francisca.

No entanto, como a pesquisa centra-se na construção do espaço urbano de Nova Palma, a partir do desenvolvimento da CAMNPAL e colonização italiana, cabe reforçar que o presente estudo não trabalhou com a Região do CONDESUS, e sim com a Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul.

1.3. Características geográficas da Região da Quarta Colônia: aspectos gerais.

Este item discorre alguns aspectos envolvendo a geografia física e humana da Região da Quarta Colônia, localizada no território rio-grandense, a fim de proporcionar o entendimento a cerca da Região de estudo e, especialmente, do município de Nova Palma.

1.3.1. Aspectos humanos e culturais

² Ver sobre o assunto em: http://quartacolonia.prumosweb.com.br/quartacolonia_condesus.jsp; e também no livro: ITAQUI, J. (org.). **Quarta Colônia: inventários técnicos**. Santa Maria: CONDESUS, 2002.

Os municípios que compõem a atual Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana guardam entre si características peculiares em decorrência da colonização italiana. A cultura e os hábitos italianos tornaram-se uma marca econômica e social específica da região.

Além disso, esses municípios estão voltados para as atividades primárias decorrentes da formação do território a partir da colonização italiana no espaço e do relevo. As cidades, entretanto, estão estruturadas basicamente por uma igreja, praça, centro político, estabelecimentos comerciais e sociais e poucas avenidas. Destaca-se assim um pequeno centro urbano rodeado pelo meio rural, e das quais exercem significativas influências e dinâmicas sobre todo o espaço municipal.

Para Spolaor (2010),

Pequenos municípios, como os da Região da Quarta Colônia, apresentam características rurais em seu cotidiano. Isso ocorre, seja pelo apego as tradições, seja pela falta de infraestrutura para o seu funcionamento como cidade em si, ou ainda pode-se considerar o rural como valor, podendo ser uma valorização turística da região. (SPOLAOR, 2010, p.161).

No entanto, esta realidade vem sofrendo mudanças, a medida que alguns municípios já apresentam características urbanas, desenvolvimento de atividades típicas do urbano (turismo e industrialização) e predomínio da população urbana sobre a rural, como é o caso dos municípios de Faxinal do Soturno, São João do Polêsine e Dona Francisca. Há uma forte tendência nos municípios de Nova Palma e Silveira Martins para urbanização, já que as diferenças entre população urbana e rural são pequenas. (Ilustração 2)

Com base na tabela 2, observou-se que as cidades da Quarta Colônia de Imigração Italiana apresentaram um decréscimo populacional entre 2000 e 2010, com exceção de Nova Palma que teve um pequeno aumento populacional, passando de 6312 habitantes em 2000 para 6345 habitantes em 2010. A queda populacional na região é, em muito, provocada pela falta de empregos para pessoas com mestrado e doutorado, fazendo com que os jovens qualificados busquem outras cidades e estados para morar e trabalhar.

A vinda do Campus da Universidade Federal de Santa Maria para Silveira Martins obviamente tem contribuído para o desenvolvimento urbano e

aumento populacional na cidade. Enquanto, na cidade de Nova Palma, o aumento da população urbana está relacionado com a expansão dos negócios da CAMNPAL na área urbana novapalmense e com a criação e vinda de novas empresas e indústrias para a cidade.

Tabela 2- RS, municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana - Dados censitários, da população residente e distribuição populacional em Urbana e Rural em 2000 e 2010.

MUNICÍPIO/ANO	População total		Pop. Rural		Pop. Urbana	
	2 000	2010	2 000	2010	2 000	2010
Faxinal do Soturno	6841	6672	2744	2497	4097	4175
Nova Palma	6312	6345	3648	3262	2664	3083
Pinhal Grande	4725	4471	3219	2576	1506	1895
Dona Francisca	3902	3401	1578	1255	2324	2146
São João do Polêsine	2745	2635	1684	1281	1061	1354
Silveira Martins	2571	2452	1527	1361	1044	1091
Ivorá	2495	2156	1797	1451	698	705

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Org.: MANFIO, V.

Em relação aos dados da tabela 2, o município de Ivorá é o que apresentou menor crescimento urbano entre 2000 e 2010. Evidentemente, este fato decore da falta de médias indústrias e empresas na cidade.

Embora haja um significativo crescimento urbano na região, ainda é bem visível o processo de Ruralidade na Quarta Colônia de Imigração Italiana, seja através do modo de vida (cultivo de hortas e pomares e a criação de aves entre elas galinhas, codornas, gansos nos terrenos urbanos), festividades que valorizam o espaço rural ou da forte presença de atividades como agroindústria colonial e do turismo rural. A agricultura é a principal atividade econômica destes pequenos municípios.

1.3.2. Aspectos físicos

O território riograndense apresenta diversidades sociais, geomorfológicas, culturais e econômicas. A partir desses infinitos cenários diferentes e conflituosos, o espaço gaúcho se materializa.

Assim, ao ressaltar o meio físico do Rio Grande do Sul, percebem-se nitidamente dois espaços dominantes geoeconomicamente. Singer destaca que

O fato geográfico de maior significação para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul, além de sua pobreza em saídas para o mar, é a diversidade entre a região norte e a sul. A primeira é constituída principalmente por áreas elevadas, relevo acidentado, (embora

também possui campos), revestido por matas. A segunda notavelmente mais plana (principalmente a zona da campanha que cobre 50% de sua área), possuindo vegetação de campos em grande parte de sua superfície. (SINGER, 1977. p. 142).

Singer (1977) reforça que “as condições ecológicas da região sul tornaram-se extraordinariamente bem adaptadas à criação, ao passo que as da região norte exigiram o aproveitamento de suas terras, mas equilibrado entre lavoura e pecuária.”

Com isso, o Rio Grande do Sul, está dividido geologicamente em cinco unidades geomorfológicas: Planalto Uruguaio sul-rio-grandense, Depressão Periférica ou Central, Planalto Meridional (basáltico), Cuesta de Haedo, Planícies e terras baixas costeiras (Ilustração 5). Estas unidades foram formadas através das atividades dos processos endógenos (estrutura geológica) e exógenos (clima, ação humana). Tais atividades atuam respectivamente estruturando ou criando formas ao relevo e modelando as formas já existentes constituindo compartimentos geomorfológicos.

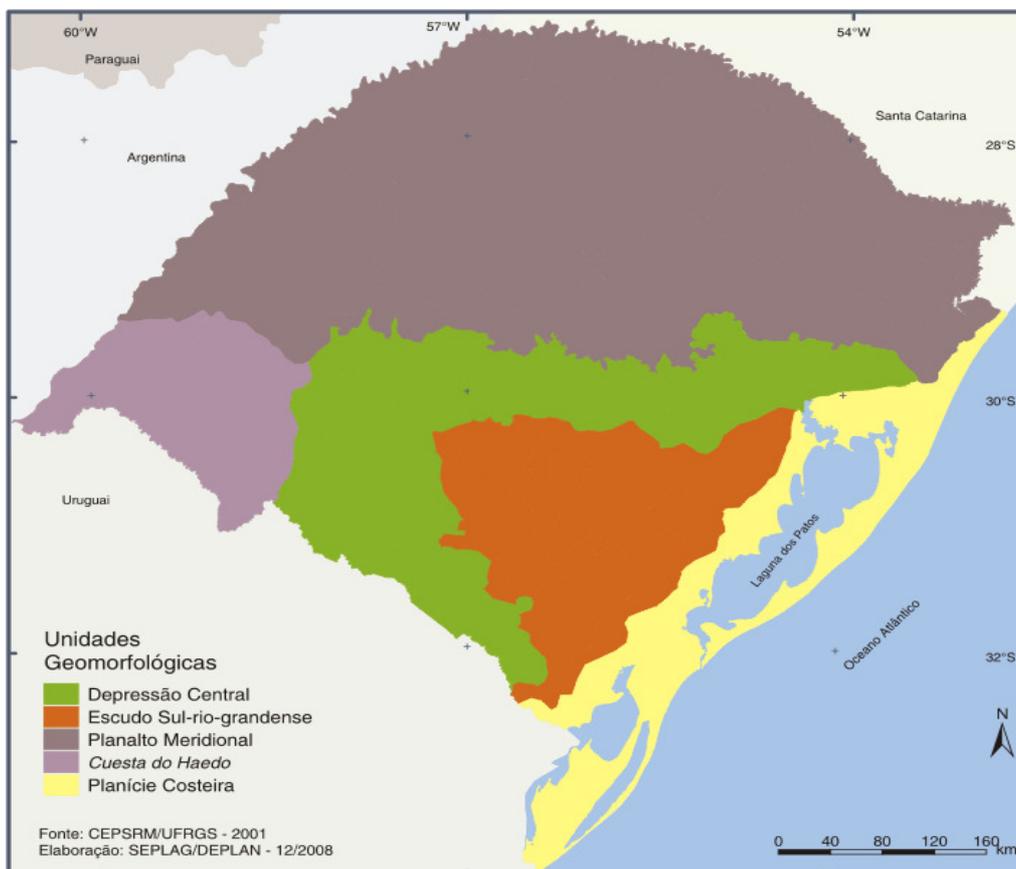


Ilustração 5 : Mapa das unidades Geomorfológicas do Rio Grande do Sul.

Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul.

Essas cinco unidades geomorfológicas que compõem o relevo do estado gaúcho surgiram de vários processos e épocas geológicas. No quadro 1, salienta-se os condicionantes morfoestruturais e morfoesculturais do relevo riograndense.

Morfoestruturas litológicas	Morfoesculturas	Época geológica
Cratón Rio Dela Plata e Cinturão Dom Feliciano. (ígneas e metamórficas)	Planalto uruguaio Sul rio-grandense	Pré -cambriano
Bacia sedimentar do Paraná. (Sedimentares e efusivas)	Depressão Periférica Planalto Meridional Cuesta de Haedo	Paleozóica Mesozóica Mesozóica
Bacia sedimentar de Pelotas (sedimentares)	Planícies e terras baixas costeiras.	cenozóica

Quadro 1: Comparação entre as Morfoestruturas e Morfoesculturas que caracterizam o estado do Rio Grande do Sul.

Fonte: SUERTEGARAY; FUJIMOTO, 2004.

O Planalto Uruguaio Sul-riograndense, também conhecido como Escudo Sul-riograndense, está localizado no sudeste do Rio Grande do Sul e é caracterizado pelas coxilhas (relevo ondulado com colinas). Esta unidade geomorfológica originou-se a partir das morfoestruturas Cratón Rio Dela Plata e Cinturão Dom Feliciano na Era do pré-cambriano. No escudo sul-riograndense, destacam-se as atividades agrícolas, de pecuária bovina de corte e cultivo da soja e arroz.

Entretanto, o Planalto Meridional cobre a parte norte do Rio Grande do Sul, caracterizado por relevo montanhoso, com a presença de duas feições: escarpa abrupta (em direção ao leste) e escarpa erosiva (ao oeste). Esta unidade geomorfológica é formada por extensões de arenito e outras de basalto, já que é originário da Bacia Sedimentar do Paraná.

De acordo com Suertegaray e Guasselli (2004),

O Planalto basáltico constitui-se numa unidade de paisagem que se individualiza pela configuração. Apresenta –se com topo caracterizado por uma superfície ondulada. As maiores altitudes e escarpas são dominantes na sua porção leste. Estas altitudes escarpadas decrescem para oeste, tornando-se a escarpa erosiva deste planalto gradativamente mais rebaixada. (SUERTEGARAY; GUASSELLI, 2004, p. 30).

Na agricultura da área de Planalto Meridional, a pequena propriedade e o trabalho familiar, associado a colonização do Sul pelos imigrantes europeus,

predominam, além da policultura (feijão, a mandioca, o milho, arroz, batata, soja e trigo)

A porção central do território riograndense é caracterizada pela presença da Depressão Periférica ou Depressão Central. Ela constitui-se numa área rebaixada e estreita, suavemente ondulada; a altitude pode variar entre 100 m e 200 m e o solo é composto por aluvião e arenitos. É também resultado da morfoestrutura da bacia Sedimentar do Paraná.

Na Depressão Central, devido as áreas planas e de extensas áreas de pastagens, favoreceu o desenvolvimento da pecuária extensiva e da produção agrícola de soja, arroz e trigo.

Entre o Planalto Meridional e a Depressão Periférica, na área de contato entre as duas unidades geomorfológicas, a Escosta ou Rebordo do Planalto está situada. Esta desenvolve, mesmo em condições desfavoráveis, a agricultura de policultura em pequenas propriedades rurais associadas com a vegetação nativa.

O rebordo do Planalto, conforme Descovi Filho (2007), “[...] estende-se de leste a oeste do nosso estado, coincidindo com o limite entre o Planalto, em sua vertente sul, e a depressão Periférica ou Central, representado por terminais escarpados e profundamente erodidos e recortados.”

O compartimento morfoescultural, a Planície Costeira, apresenta uma formação geológica recente (período Quaternário da era Cenozóica), construída por relevo plano, numa faixa litorânea de norte a sul do estado. Nesta região, o destaque econômico são o turismo litorâneo, a rizicultura e apicultura.

A Cuesta do Haedo é um planalto baixo localizado no oeste do estado gaúcho, também originário da Bacia sedimentar do Paraná na era geológica mesozóica. Encontram-se, neste compartimento, resquícios do planalto basáltico, principalmente na composição rochosa. Na região, destaca-se a produção agropecuária.

Quanto ao relevo da Quarta Colônia de Imigração Italiana, o mesmo é caracterizado por três formas geomorfológicas predominantes: planície sedimentar aluvial, encosta do planalto e o planalto com terrenos tubuliformes e

rio é um afluente da margem direita do Rio Jacuí e tem como características, águas limpas e um leito pedregoso, com exceção da porção sul, onde ocorrem as planícies de decomposição (DESCOVI FILHO, 2007).

Como o relevo desta região é bem montanhoso e o Rio Soturno percorre esta condição geomorfológica, o Rio Jacuí, assim como o Soturno são aproveitados para geração de energia. Além disso, este rio e seus afluentes são importantes para o cultivo de arroz irrigado na região, principalmente nas várzeas e áreas planas.⁴

O Rio Soturno também é responsável pelo turismo na região. Ao percorrer o relevo, ele forma belas paisagens, exploradas para o turismo. Ressalta ainda a criação do Balneário de Nova Palma, ao longo do Rio Soturno, que atrai vários visitantes durante o período do verão, desencadeando novas atividades e renda à cidade como hospedagem e alimentação.

Cabe destacar que, nos últimos anos, devido a problemas urbanos e degradação ambiental, O Rio Soturno provocou várias enchentes ao longo de suas margens, trazendo muitos prejuízos econômicos e sociais para as áreas e municípios atingidos.⁵

No que diz respeito à vegetação na região, há a presença exuberante da Mata Atlântica junto aos vales e rebordo do planalto, nos quais se implantou uma área piloto a Reserva Biosfera da Mata Atlântica no Rio Grande do Sul, dentro e nos entornos da sub-bacia do Rio Soturno. Há também a presença de uma vegetação primitiva da mata tropical, que se encontra quase totalmente devastada devido à expansão da atividade agrícola (DESCOVI FILHO, 2007, p. 27).

Quanto às condições físicas, a região apresenta um ecossistema e ambiente natural que potencializam o espaço agrário regional, especialmente na agricultura e no turismo. Seguem algumas características específicas dos municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

⁴ Especialmente nos municípios de Faxinal do Soturno e São João do Polêsine, a produção da cultura de arroz irrigado é extremamente dependente do Rio Soturno e de seus afluentes.

⁵ Em janeiro de 2010, o Rio Soturno, deixou isolada as cidade de Nova Palma, Faxinal do Soturno e São João do Polêsine, causando prejuízos a estes municípios, principalmente Nova Palma que foi o mais atingido, alagando muitas casas às margens do Rio e seus afluentes e destruindo plantações de soja, arroz entre outras.

1.4. Características particulares dos municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Neste item, seguem algumas características específicas de cada município envolvendo o desenvolvimento local/regional, a história e os aspectos populacionais, econômicos e turísticos. Embora pertençam a Região da Quarta Colônia e apresentem semelhanças, cada lugar tem também suas peculiaridades, o que faz com que cada lugar seja único.

1.4.1. Faxinal do Soturno

O município de Faxinal do Soturno surgiu mediante a colonização do Rio Grande do Sul, propriamente dito no centro do território gaúcho, por imigrantes italianos que chegaram à colônia de Silveira Martins e expandiram sua área de ocupação pelas áreas próximas formando núcleos interioranos (Ilustração 1). A partir do núcleo soturno, deu-se origem ao município faxinalense e passou a pertencer a Cachoeira do Sul, emancipando-se em 30 de novembro de 1958. O Nome foi colocado pela presença do Rio Soturno que banha as terras do município.

Faxinal do Soturno pertence à Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, colonizado por imigrantes italianos, como os demais municípios desta região, apresentam a manifestação da cultura italiana retratada através de códigos culturais sobre o espaço entre esses códigos estão: os costumes, hábitos, alimentação, monumentos e religiosidade.

A economia faxinalense está alicerçada na agricultura, no comércio e na indústria, possuindo um forte atrativo turístico, cultural e natural.

1.3.2. Nova Palma

O município de Nova Palma originou-se a partir da colonização da região da Quarta Colônia em meados de 1882. Mediante a imigração espontânea dos italianos na região, foram criados vários núcleos interioranos, entre eles o núcleo barracão (nome oriundo da construção do rústico barraco que abrigava

os agrimensores e os primeiros colonizadores), também denominado núcleo soturno.

A partir deste núcleo, deu-se origem ao município de Nova Palma, cujo nome se deve a presença de muitas palmeiras no lugar. Após a consulta plebiscitária, emancipou-se de Júlio de Castilhos, em 29 de julho de 1960, conquistando sua emancipação político-administrativa (SPONCHIADO, 1996).

Em Nova Palma, a colonização italiana e as condições físicas de relevo e hidrografia contribuíram para o desenvolvimento do setor primário na região e especialmente no município, em um sistema de agricultura familiar (pequenas propriedades rurais voltadas à agricultura de subsistência e a diversidade agrícola onde a família participa).

No setor agrícola, os principais produtos cultivados são Feijão preto, fumo, milho, soja e arroz. Na pecuária, salientam-se a criação de bovinos, ovinos e suínos, além da produção de leite.

Destaca-se ainda no município a presença de algumas pequenas indústrias de basalto, alimentícias e moveleiras, mas com pouco expressividade na arrecadação municipal. O papel mais significativo da CAMNPAL é na comercialização e industrialização dos produtos advindos da agropecuária.

O espaço novapalmense recebe grande impulso econômico dado não só pelo setor agropecuário e indústrias como também o turismo que dinamiza sua economia. O turismo rural realizado pela rede de cidades que compõe a chamada Quarta Colônia recriam espaços com a cultura italiana, através da gastronomia, paisagem e hábitos. Também se destaca o turismo ao balneário de Nova Palma, atraindo visitantes no período do verão.

Contudo, ressalta-se a importante dinâmica do campo e da cultura italiana para o desenvolvimento da cidade e do município novapalmense, no qual boa parte das atividades econômicas são frutos do meio rural, preservando o modo de vida italiano.

1.4.3. Pinhal Grande

O município de Pinhal Grande tem sua história associada à vinda dos imigrantes italianos. Inicialmente, foi povoado por indígenas de diversos grupos e portugueses que tentavam explorar o território.

O município passou a ser efetivamente povoado a partir da colonização da Quarta Colônia, principalmente mediante a ocupação de Nova Palma. Os italianos necessitavam expandir sua área de domínio frente às imigrações e avançaram sobre as terras devolutas, que fazem parte do município pinhal-grandense nos dias de hoje. A maioria da população atual do município é descendente de italiano.

Pinhal Grande emancipa-se politicamente e economicamente do município de Júlio de Castilhos sobre a lei municipal nº 9600 de 20 de março de 1992 (Prefeitura Municipal de Pinhal Grande).

As atividades econômicas de Pinhal Grande estão relacionadas ao setor primário, agricultura e pecuária. Os principais produtos cultivados entre as 800 propriedades rurais são a soja, o milho, o feijão, o fumo, a aveia e a mandioca. A piscicultura é uma atividade econômica em expansão no município, compondo a renda municipal.

O turismo rural e paisagístico tem representado um novo setor econômico no município, como em toda Quarta Colônia. A industrialização, todavia, é fracamente percebida no município pinhal-grandense, destacando-se algumas indústrias, entre elas: fábrica de embutido, de esquadrias, de móveis e da indústria de laticínios Parlacto. No município, as usinas de Itaúba e Dona Francisca também estão localizadas. Ambas estão no Rio Jacuí, que gera renda ao município (Prefeitura Municipal de Pinhal Grande).

1.4.4. Dona Francisca

Dona Francisca teve suas origens associadas à criação da colônia de Santo Ângelo, criada em 1855, nas margens do Rio Jacuí, e ao processo de colonização italiana na região central do Rio Grande do Sul, a partir de 1883, fazendo parte, por tanto, o atual município de Dona Francisca dos municípios da Ex. Colônia de Silveira Martins. (Ilustração 2).

Conforme Sponchiado (1996), a ocupação efetiva de Silveira Martins, desencadeou a criação, em 1883, do núcleo Dona Francisca, do Núcleo Norte (atual Ivorá) e do Núcleo de Arroio Grande (Distrito de Santa Maria). No ano seguinte, o núcleo soturno (atual Nova Palma) foi criado.

Até 1958, O município de Dona Francisca pertenceu a Cachoeira do Sul e, posteriormente, ao município de Faxinal do Soturno. Contudo, em 1965, emancipa-se politicamente de Faxinal do Soturno.

A economia municipal, baseada no processo de colonização e no relevo, tem como características o predomínio das atividades agrícolas, como os demais municípios da Região da Quarta Colônia. Contudo, o cultivo do arroz nas várzeas do Rio Jacuì será o mais significativo entre os demais gêneros agrícolas produzidos em Dona Francisca e o que a faz a Capital Nacional da produtividade do Arroz, além da produção do fumo.

Ressalta-se também a presença de algumas indústrias e uma filial da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda. Além da comercialização no município, a CAMNPAL é responsável pelo cuidado e manutenção do trevo da cidade. O turismo e a paleontologia representam uma nova atividade econômica e cultural para Dona Francisca.

1.4.5. São João do Polêsine

O município de São João do Polêsine surgiu mediante o processo de formação da Colônia Silveira Martins. Antes, estas terras pertenceram à propriedade de Manuel Py. Com a chegada dos italianos, em 1877, provenientes de Vêneto, o espaço começou a ser ocupado e recebeu uma identidade cultural, pois os imigrantes reproduziram no lugar a sua terra de origem.

Hoje, estes códigos culturais são extremamente valorizados e desencadearam uma atividade econômica em expansão na região: o turismo cultural.

O nome do município, São João do Polêsine, é decorrente as semelhanças do lugar com a planície do Vale do Rio do Pó ao sul de Pádua (Battistella, 2006).

São João do Polêsine pertenceu a Faxinal do Soturno até o início da década de 90. Em 20 de março de 1992, conseguiu sua emancipação político - administrativa.

As questões econômicas estão associadas à agricultura e ao meio rural, como os demais municípios da Quarta Colônia. A cultura do arroz irrigado merece destaque, já que é o produto agrícola predominante nas propriedades. Outros produtos cultivados no município são milho, soja, feijão e cana-de-açúcar, além do expressivo desenvolvimento da fruticultura. São João do Polêsine possui pequenas propriedades rurais e as agroindústrias familiares, caracterizando o espaço rural local e regional.

O turismo é outro importante eixo econômico, seja através da cultura ou da paisagem natural. Cabe ressaltar algumas festividades que atraem muitos visitantes ao município como a Mostra Gastronômica da Quarta Colônia, a Festa Regional do Arroz, Festival de Inverno, Festival Internacional de Música Erudita e a Semana Cultural Italiana dentre outras. Além disso, Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine, já foi cenário para algumas produções cinematográficas como o filme “O carteiro”, produzido pelo ator Reginaldo Faria, em 2010, e o curta-metragem “Leonel Pé-de-Vento”, dirigido por Jair Giacomini, baseado nos cenários e personagens do Distrito de Vale Vêneto.

1.4.6. Silveira Martins

Silveira Martins tem sua origem associada à colonização italiana no Rio Grande do Sul, propriamente dita na formação do Quarto Núcleo de Colonização Italiana. Na tentativa de ocupar as terras da área central do território rio-grandense, o governo imperial requisitou as terras devolutas existentes na região de Santa Maria da Boca do Monte e promoveu a vinda dos imigrantes italianos. Os primeiros imigrantes italianos chegaram à localidade de Val de Buia, atualmente Silveira Martins.

Após longo período de colonização e estruturação, Silveira Martins emancipou-se de Santa Maria no dia 11 de Dezembro de 1987.

Economicamente, Silveira Martins se destaca pelo cultivo do feijão, soja, milho e batatinha. A atividade turística também exerce importante papel econômico ao município, que atrai inúmeros visitantes pela gastronomia, atrativos religiosos, naturais e históricos da Quarta Colônia. Alguns festivais são reconhecidos no estado gaúcho, entre eles: Festival da Uva e das águas

de Silveira Martins, Primavera Culturalle - Festival Internacional da Primavera de Artes Plásticas e Cênicas, FESBATA- Festa Estadual Da Batata.

Cabe ressaltar a criação da Rota Turística Gastronômica Santa Maria-Silveira Martins com o intuito valorizar a cultura italiana.

O município de Silveira Martins apresenta atualmente um campus da Universidade Federal de Santa Maria (campus Silveira Martins), que permitirá o desenvolvimento da pequena cidade, até então desprovida de infra-estrutura como hotéis, moradias, restaurantes, entre outras. Através desta rede de ensino, o município tem a tendência para o desenvolvimento econômico e representará novos recursos financeiros, valorizando o espaço local e urbano. Mediante a isso, possivelmente há uma perspectiva de aumento da população urbana e das atividades comerciais e de prestação de serviços

1.4.7. Ivorá

O município de Ivorá foi colonizado por imigrantes italianos que vieram para região em setembro de 1883. Os motivos da colonização de Ivorá estão associados à chegada contínua de italianos no quarto núcleo de colonização italiana do Rio Grande do Sul, resultando na demarcação de novos lotes coloniais ligados a Colônia Silveira Martins e criando o núcleo norte (Ilustração1), por localizar-se ao norte de Silveira Martins. Depois, recebeu o nome de “Nova Údine”, devido à presença de imigrantes de Údine, província da Itália. Posteriormente, recebeu o nome de Ivorá, cuja emancipação político-administrativa ocorre em 9 de março de 1988, desmembrando-se do município de Júlio de Castilhos.

Ivorá atualmente apresenta uma população aproximada de 90% de descendentes italianos e 10% de descendentes de outras etnias, cuja cultura italiana é fortemente percebida pelos códigos culturais preservados no espaço geográfico e vivencia da população local (Prefeitura Municipal de Ivorá).

Economicamente, o município de Ivorá possui como atividades principais as provenientes da agropecuária como o cultivo de arroz, feijão, milho, fumo, soja, trigo, erva-mate, maçã e uva. Na pecuária, o destaque é para produção

de bovinos. É um município extremamente rural e o mais dependente entre os nove municípios da Quarta Colônia da agropecuária.

O turismo ligado a região da Quarta Colônia é, contudo, uma nova atividade que vem reestruturando o município de Ivorá e permitindo o seu desenvolvimento econômico.

Sem dúvida, os municípios da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana apresentam-se dependentes do meio rural, sendo a cidade articuladora entre o espaço rural e urbano. É neste contexto que o próximo capítulo abordará as relações urbanas e rurais, as dinâmicas do urbano e das pequenas cidades.

CAPÍTULO 2: O ESPAÇO URBANO, AS RELAÇÕES URBANO/RURAL E A ESTRUTURAÇÃO URBANA DAS PEQUENAS CIDADES.

“O espaço é que reúne a todos com suas múltiplas possibilidades, que são possibilidades diferentes de uso do espaço (território), relacionadas com possibilidades diferentes de uso do tempo.” (Milton Santos).

Neste capítulo, serão abordados os conceitos e discussões norteadoras da pesquisa. Primeiramente, contextualiza-se o espaço urbano e os processos decorrentes da construção do espaço geográfico. Enfatizam-se as relações campo/cidade e a dinâmica e características das pequenas cidades, que fazem parte da nossa área de estudo, Nova Palma/RS. Ressaltam-se as colocações de alguns autores que trabalham com estas questões para compreensão da temática que envolve esta pesquisa.

2.1. O espaço urbano: alguns apontamentos teóricos.

Atualmente, as discussões e pesquisas a respeito das cidades e das ocupações do solo urbano vêm sendo abordadas por muitas ciências e pesquisadores.

O Brasil, que em décadas passadas era um país agrícola, apresenta hoje uma população urbana superior que a rural, gerando assim novos estudos e pesquisas frente à dinâmica e conflitos existentes nas áreas urbanizadas, sobretudo nos grandes centros urbanos.

Assim, a cidade, que atualmente tem exercido funções sobre o campo, teve suas origens relacionadas com a expansão capitalista e com as novas formas dadas ao espaço, provocadas pelas revoluções tecnológicas e pela divisão técnica do trabalho⁶.

Moreira (2007) destaca que:

⁶ Sobre o assunto indica-se para ler: Milton Santos. Técnica Espaço Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. São. Paulo: Hucitec, 1997 e Milton Santos. Urbanização Brasileira. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

A cidade nasce a partir da divisão social do trabalho, que surge com o aperfeiçoamento das técnicas, possibilitando um aumento da produtividade do trabalho. Com a geração dos excedentes na produção, parte da população se disponibiliza para a realização de atividades não agrícolas (MOREIRA, 2007).

Mas o que vem a ser a cidade? A cidade é, sobretudo, o lugar do desenvolvimento das contradições, dos conflitos socioeconômicos, ambientais, políticos e culturais e das diversas manifestações que geram a história do lugar. Esta é marcada por traços deixados na arquitetura e na organização da mesma. Assim, o urbano se desenvolve através das formas de produção e reprodução, além de estar associado às atividades do comércio e da especulação imobiliária.

A cidade se caracteriza pela manifestação concreta do urbano e apresenta-se mediada por interesses de diversos atores que se articulam na organização e estruturação interna, permitindo que os serviços locais dêem continuidade as demandas do rural.

De acordo com Carlos (1992), “a cidade é uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta e diferenciada em função de determinações históricas específicas.”

Salgueiro (2005, p.99) reforça que “a cidade é um conjunto de lugares apropriados e produzidos pelos grupos sociais, experienciado tempos e ritmos diferentes”.

Pode-se definir a cidade como um aglomerado de casas e prédios com o movimento cotidiano de pessoas e carros e também a relação do homem com a natureza, consigo mesmo e com as outras pessoas.

Contudo, a cidade é o concreto, mas também o invisível, onde se processam os sentimentos e cotidiano da vida diária. CARLOS (1992) enfatiza que “a cidade é um modo de viver, de pensar, mas também de sentir. O modo de vida urbano produz idéias, comportamentos, valores, conhecimento, formas de lazer e também uma cultura.”

Nesse sentido, a cidade não pode ser pensada apenas como centro administrativo ou pelas funções e atividades que exerce, mas pelo vínculo afetivo que os seus habitantes estabelecem com ela.

Pelo fato da cidade ser a relação do homem com a natureza e com os outros homens, ela não é igual para todos, havendo desigualdades fortemente visíveis, principalmente nas grandes cidades, onde as diferenças são ainda mais acentuadas. No mesmo espaço da cidade, reproduzem-se grandes construções com modernas arquiteturas e infra-estruturas (exemplo: o Shopping Center, condomínios fechados, entre outros) e também espaços sem condições dignas de vida, como é o caso de das favelas e cortiços.

Como o espaço se constrói e se reproduz de forma desigual, a cidade vira o centro da luta de classes (ricos e pobres), de poderes e estruturas, desencadeando a violência. Carlos (1992, p.26) afirma que “a cidade é também um campo privilegiado de lutas de classe e movimentos sociais de toda espécie que questionam a normatização da cidade e da vida urbana.”

Entretanto, ao se discutir este conceito, percebe-se que existe uma grande dificuldade na elaboração e definição do que uma cidade é ou deixa de ser, já que a cidade exerce uma complexidade de atividades, formas e espacialidades. Geiger (1995, p. 23) afirma que “a cidade é um objeto conceitual, abstrato, embora construído sobre uma base material formada por edificações, arruamentos, monumentos, etc.”

Na cidade, o cotidiano é constituído sobre o tempo mecânico. O ritmo de tempo segue a velocidade da mobilidade excessiva dos processos de produção, circulação, troca, consumo e mercadorias. Sendo assim, no urbano, o tempo é movimento e é sobre este constante movimento que os referenciais, hábitos e costumes citadinos são constituídos (BAGLI, 2006).

Diante disso, a reflexão apenas de dados quantitativos não contempla a definição de cidade e poderia levar a problematização da realidade. Se a cidade é complexa, sua análise também deve ser realizada mediante a um conjunto de elementos.

Assim sendo, os autores Ângulo e Dominguez (1991, p 18-19) apud Bernardelli (2006) enumeram alguns critérios para definir ou tentar definir o que vem a ser a cidade, considerando o tamanho demográfico, densidade,

aspectos morfológicos, atividades, modo de vida, inter-relações urbanas, e geração de inovações. Com isso, pode-se perceber as frequentes discussões das ciências, a fim de elucidar o conceito de cidade.

Nesta linha, a paisagem urbana é composta por cores (presentes em *banners* e nas construções), por grandes e modernas edificações, por luzes visíveis decorrentes da concentração populacional, que, através desses elementos, configuram o espaço.

Moreira (1988) considera a paisagem urbana como sendo um mosaico de formas com diversas funções e que nos permite uma leitura em diferentes escalas.

Almeida (2007) reforça que a paisagem urbana

[...] é fruto de obra coletiva produzida pela sociedade e, por isto, contempla todas as dimensões humanas. Nesta idéia, a paisagem revela-se cheia de vida, assim como expressa sentimentos contraditórios, paixões e emoções. As marcas do tempo, impressas na paisagem revelam uma construção histórica cheia de arte e lembrança que são facilmente identificadas por aqueles que ali vivem, pois o lugar é o espaço da vida. (ALMEIDA, 2007, p.36).

Com estas colocações, percebe-se a paisagem urbana como o material e o simbólico resultado da abstração da mente humana e dos seus elos afetivos, que se tornam impossível de enumeração.

De um lado a cidade é a forma é o concreto, isto é, uma estrutura composta por casas, prédios, ruas, lojas e sentimentos. No que consiste a urbanização? A urbanização, todavia, é o processo que gera hábitos urbanos, organiza a paisagem urbana através de redes e relações, constrói dinâmicas, que criam papéis e funções que serão desempenhados pelas cidades, envolvendo todo o sistema (fluxos, atividades, formas, hábitos).

A cidade se define nas formas do espaço. Ela pode ser então cartografada e retratada diante de fotos e imagens. É visivelmente percebida. Entretanto, a urbanização é a dinâmica, o processo modulador do espaço. Assim, é analisada pelo social, cultural e econômico (SPÓSITO, 1999).

Scherer (2009, p.20) reforça que “a urbanização não é um fato em si, mas um processo permeado pela dimensão histórica e espacial cujas dinâmicas geram formas e conteúdos”.

Assim, o processo de urbanização e de produção sobre o espaço geram novos papéis urbanos, que se alteram ao longo do tempo e da materialização das atividades econômicas e sociais. De acordo com Carlos (2004, p. 83), “(...) o processo de urbanização da sociedade faz-se de modo ininterrupto, porém sucessivamente”.

Deste modo, uma cidade pode adquirir várias funções e papéis ao longo do tempo, dependendo da sociedade e da suas formas de espacialização. Estas funções podem definir as atividades da cidade, como é o caso das cidades turísticas. Gramado/RS, por exemplo, é estruturada para atender e atrair visitantes. Sobretudo, estas funções podem ser alteradas, pois a cidade é dinâmica e mutável, assumindo várias atividades e papéis que, ao longo do tempo, podem ser modificados referente às relações e construções do homem sobre o mesmo espaço. Da mesma forma, a Região da Quarta Colônia/RS esteve por muito tempo relacionada à função de produção agrícola. No entanto, percebem-se, atualmente, novas atividades e papéis do urbano, entre eles a comercialização agrícola e o turismo.

Conforme (Santos, 2008), “a reconfiguração do espaço urbano se dá através das novas funções e características que uma cidade pode vir a assumir ou abandonar.”

De outro lado, algumas cidades abrigam modos de vida e de produção que poderiam ser considerados “tipicamente” rurais, como as pequenas áreas urbanas cuja agricultura desempenha papel principal frente à dinâmica do lugar, como é o caso das cidades pequenas da Região da Quarta Colônia.

Nesta lógica, as relações campo e cidade são articuladas e, muitas vezes, dependentes um do outro. Porém, estas cidades têm em sua dinâmica também o urbano presente na materialização do espaço geográfico.

2. 2. As relações Campo/Cidade: os novos conceitos e papéis.

A cidade é o retrato da materialização do homem sobre o espaço e sua paisagem é formada por construções (casas, edifícios, e ruas), circulação de veículos e pessoas, barulho, agito e fluidez. Entretanto, o campo é o espaço da presença do verde, da natureza, da dispersão populacional, das atividades

ligadas a terra, ao cultivo e a moradia, marcada pela valorização cultural e ambiental.

Por longo tempo, o campo significou o lugar de produção de alimentos enquanto a cidade, o lócus de consumo e acumulação de capitais, juntamente com as características de lazer e beleza. Contudo, com o surgimento da divisão social do trabalho, a cidade passou a exercer funções sobre o campo e a ser o principal meio da produção, intensificada a partir do processo de industrialização, que provocou o crescimento urbano e, sobretudo, a expansão das cidades, enquanto que no rural ocorre o êxodo rural.

Singer (1979) comenta que

O resultado deste processo – moderna unidade de produção, a fábrica- é necessariamente um fenômeno urbano. Ela exige em sua proximidade a presença de um grande nº de trabalhadores. O seu volume de serviços requer serviços de infra-estruturas, (transportes, armazenamento, energia, etc.), que se constitui o cerne da moderna economia urbana (SINGER, 1979, p. 24).

Assim, a urbanização provocou a formação e expansão da estrutura urbana, juntamente com a centralidade e importância da cidade, transformando o meio rural cada vez mais dependente do urbano. (Lefebvre, 1969).

Nesta perspectiva, a cidade torna-se o centro de gestação das atividades e de todo espaço geográfico, assim denominado com funções de centro administrativo e econômico.

Para Marques (2002, p.107), “a cidade é transformada em meio, dispositivo material a serviço da organização da produção, do controle da vida cotidiana e da programação do consumo.”

Quando a divisão do trabalho entre cidade e campo se estabelece na cidade, ela deixa de ser apenas uma sede de classe dominante, onde o produto do campo é consumido. A cidade passa a contemplar a produção do campo, havendo uma verdadeira troca entre campo/cidade (SINGER, 1979).

A modernização também atinge o meio rural. Atualmente, podemos ressaltar novas atividades sobre este espaço, atividades que, anteriormente, eram próprias da cidade, são cada vez mais frequentes no rural, como é o caso do turismo e da indústria.

Conforme Singer (1979):

A divisão do trabalho entre cidade e campo sofreu deste modo uma transformação tão ampla que hoje já é legítimo se colocar a dúvida quanto a validade da distinção entre campo e cidade. Não é difícil, prever uma situação em que a maioria da população rural no sentido ecológico, se dedique a funções urbanas e que a prática da agricultura – mecanizada automatizada, computadorizada- em nada se distingue das demais atividades urbanas. (SINGER, 1979, p.27).

Diante disso, a urbanização e modernidade do campo produzem novas relações de produção e reprodução, além de configurar novos papéis campo/cidade e novos atores locais.

O campo adquire elementos e significados da paisagem urbana, perdendo, com isso, seu modo de vida e particularidade. (Lefebvre, 1969).

Nesse sentido, o campo não é mais um espaço primitivo de trabalho manual e com um modo de vida desprovido de lazer e cultura. Porém, continua a ser o espaço de proximidade com a natureza e de estilos de vida mais simples que a cidade.

O grau de articulação entre o meio rural e urbano depende da complexidade das relações econômicas desenvolvidas em determinadas regiões, sejam hábitos rurais transportados para a vida na cidade ou hábitos urbanos estendendo-se para as áreas rurais.

Nota-se que a modernização do campo e da cidade, através das tecnologias e recursos, aproximou os dois espaços, onde o campo adquiriu, neste novo período, novos modos de vida e atividades, assim como a cidade.

Atualmente, fala-se em rurano, ruralidades, urbanidades, espaço continuum, entre outras terminologias que surgem, a fim de compreender as novas funções e características do urbano e rural.

Pode-se considerar que a produção do espaço urbano e rural dependerá não somente dos agentes sociais e econômicos de cada lugar, mas também do tempo. A cada tempo, o espaço geográfico adquire novos significados e formas, sendo diferentes em várias áreas do mundo, pois os processos e formas não acontecem igualmente e nas mesmas proporções.

Para Saquet (2003, p. 215), “a cada instante histórico e geográfico, as relações entre o todo e as partes dão-se desigualmente, combinando-se em cada lugar diferentemente e produzindo as singularidades, o ser histórico e geográfico, as territorialidades cotidianas”.

Com isso, os estudos a cerca das relações urbano/rural estão frequentemente sendo retratados, abordando diferentes regiões e lugares, devido à importância destas relações e da construção e reestruturação do espaço.

2.3. As pequenas cidades e as relações entre rural e urbano

Por vários anos, a geografia urbana sempre esteve preocupada com o estudo das grandes cidades, complexos urbanos e metrópoles, a fim de entender a dinâmica e as relações dos grandes centros urbanos com a rede mundial. Atualmente, surge por parte dos geógrafos uma preocupação também com os estudos das pequenas cidades, cujas funções, embora não sejam em âmbito mundial, estão inseridas em redes urbanas e também desempenham funções econômicas significativamente menores, porém importantes para o regional.

Embora as pesquisas envolvendo a dinâmica dos pequenos espaços urbanos tenham ganhado novas proporções e interesses por parte da ciência geografia e de outras ciências humanas, ainda são poucos os estudos. Além disso, o próprio conceito de pequena cidade encontra-se em discussão, devido à dificuldade de caracterizar as cidades e, sobretudo, as pequenas cidades.

Endlich (2006) comenta que

O conceito de pequenas cidades é daqueles de difícil elaboração. As localidades assim denominadas oferecem elementos para se discutir não só o conceito de pequenas cidades como o próprio conceito de cidade, pois nelas são avaliados os qualificativos que devem compor o limiar entre a cidade e a não-cidade. As pequenas cidades são localidades em que tais requisitos se apresentam, ainda que com patamares mínimos (ENDLICH, 2006, p.85).

Analisando-se assim o conceito de cidades pequenas, Santos (1981, p. 15) reforça que “as estatísticas internacionais estabeleceram um marco de 20 mil habitantes para esse tipo de cidade, muito embora para este autor só a partir de um certo estágio de desenvolvimento e dinamismo é que a cidade se define”.

Para designar o conceito de pequena cidade, Santos (1979) utiliza o termo cidades locais, definindo como

A cidade local é a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir as necessidades inadiáveis da população com verdadeira especialização do espaço. [...] Poderíamos então definir a cidade local como a aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações. (SANTOS, p.71, 1979).

Sem dúvida, os estudos a respeito da pequena cidade são importantes já que no território brasileiro concentra-se um grande número de pequenas cidades. Conforme destacam Alves; et. al. (2008), “no Brasil, cerca de 83 % dos 5.507 municípios existentes no ano de 2000 tinham como sede municipal, núcleos cuja população era inferior a 20 mil habitantes urbanos”.

Pode-se dizer que as pequenas cidades se assemelham entre si pela tranqüilidade. Os habitantes têm um grande conhecimento a cerca da população do município e as manifestações sociais ligadas à vida rural são aspectos marcantes nas pequenas cidades brasileiras. Cada núcleo urbano tem suas características particulares, devido aos processos históricos e econômicos que se reproduzem sobre o lugar.

A forma de pensar e sentir a cidade pequena se dá mediante aos aspectos simples e comuns àquela população, diferentemente das grandes cidades onde as construções escondem o belo das paisagens, as pessoas nem se conhecem e tudo é distante.

Nas pequenas cidades, todos os lugares são próximos. Não há presença de ônibus municipais que circulam dentro da própria cidade, das periferias para o centro e vice versa, pois, na cidade de pequeno porte, o centro confunde-se com os bairros. Ainda caracterizando as pequenas cidades, percebe-se que o concreto é pouco visível, existindo a forte presença de árvores, mato, flores e terra. A maioria das pequenas cidades não é asfaltada, apenas calçada e os prédios, quase inexistentes, dão lugar a casas e estabelecimentos.

Bacelar (2005) enfatiza que, “na pequena cidade, os endereços não têm a menor importância. Conhece-se a pessoa pelos apelidos ou filiação”. A cidade pequena guarda uma riqueza de detalhes e sentimentos muitas vezes pouco percebida pelos grandes centros urbanos.

Destacam ainda ALVES; MELO; SOARES (2008):

Encontrar pessoas sentadas nas calçadas e praças é, ainda, bastante comum, nessas cidades. Parecem que vivem em um “tempo lento”. Há tempo para observar e para conversar com vizinhos. As ruas são calmas e o tráfego de veículos é bem diferente do que ocorrem nos médios e grandes centros urbanos (ALVES; MELO; SOARES, 2008, p.8).

Muitas pequenas cidades abrigam a função de moradia, pois são menos movimentadas e violentas, além de apresentarem-se conectadas aos demais centros urbanos maiores, facilitando o acesso diário à cidade grande, sendo comum, pessoas trabalharem em grandes cidades e residirem em cidades menores. Esse é o caso de muitos habitantes da Região da Quarta Colônia, no Rio Grande do Sul, inclusive do município de Nova Palma. Os habitantes residem nos municípios pertencentes a essa região e se deslocam diariamente para o trabalho na cidade de Santa Maria (Cidade Grande), através da diversidade de empregos.

Dessa maneira, as pequenas cidades não estão isoladas do restante da rede⁷ urbana. Elas apresentam dinâmicas e atividades que estão em movimento e integração entre as cidades vizinhas e a região de onde fazem parte. Dessa forma, o estudo de uma pequena cidade torna-se inerente sem a consideração de seu entorno espacial e regional (Endlich, 2006).

Por outro lado, as cidades locais apresentam precariedades de infraestrutura necessária para atender sua população e possuem papéis restritos, ficando dependente de um centro maior, fornecedor de serviços médico-hospitalares, empregos, educação, entre outros. Volta-se a reforçar que os moradores das pequenas cidades da Região da Quarta Colônia buscam atendimento médico especializado e formação acadêmica em Santa Maria, devido à falta de serviços locais.

⁷Para mais conhecimentos sobre o tema “redes” ler: Dias, Leila Christina. Redes: Emergência e Organização. In **Geografia: Conceitos e Temas**. Org. Iná Elias de Castro; Paulo C. da Costa Gomes; Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro. RJ Ed. Berthand do Brasil SA. 1995. p. 141 - 162.

Para ENDLICH, (2006) “Muitas das pequenas cidades estão vinculadas a função agrícola e/ou na dependência de serviços de cidades média ou metropolitana.”

Na maioria das pequenas cidades brasileiras, resultado também da história econômica do território brasileiro (agroexportador), as atividades econômicas estão relacionadas à produção agrícola e dependem desta produção. As cidades surgem em função do campo e passam a depender do rural, gerenciando as políticas em detrimento ao campo. Este caso é o do espaço urbano de Nova Palma que tem se estruturado em funções como a gestão do município e a comercialização dos produtos agrícolas advindas do meio rural.

Milton Santos (1993) ressalta que

“Nas regiões agrícolas, é o campo que, sobretudo, comanda a vida econômica e social do sistema urbano, (sobretudo em níveis inferiores de escala), enquanto que, nas regiões urbanas, são as atividades secundárias e terciárias que tem esse papel.”(SANTOS, 1993, p.68).

Assim, as cidades pequenas estão focadas nas atividades rurais e agrárias, destinadas a abastecer o consumo interno e a população urbana, principalmente dos grandes centros urbanos (Figueiredo, 2007).

Ao considerar as relações entre urbano e rural, nota-se que ambos estão sempre se articulando, pois existem cada vez mais espaços rurais dentro das cidades, principalmente nas de maior dimensão e população. O rural influencia o dinamismo das pequenas cidades ou das chamadas cidades rurais.

Em Nova Palma, como em outros municípios da Região da Quarta Colônia, o rural influencia no modo de vida da cidade e as relações entre rural e urbano são fortemente visíveis. Os hábitos típicos do meio rural são costumes desenvolvidos também na pequena cidade. É comum ver nos pátios das casas hortas e pomares de frutas, assim como plantações de milho e mandioca e criação de aves (galinhas, gansos, codornas, entre outras) nos terrenos urbanos.

A modernização da agricultura provocou novas mudanças no campo e na cidade. Embora o urbano esteja associado ao rural, suas relações apresentam-se diferentes: a cidade passa a industrializar e comercializar os

produtos que são cultivados no rural, além de desenvolver outras atividades não provenientes do campo, o lazer, o turismo, entre outras.

SPOLAOR & BOLFE (2008) apontam que “as pequenas cidades, diante do processo de urbanização e modernização agrícola, deixaram de ser apenas cidades no campo e passaram a ser cidades do campo, desempenhando diversos papéis e funções”.

A maioria destas pequenas cidades é dependente do campo e suas principais funções estão ligadas a comercialização e industrialização dos produtos agrícolas. As menores cidades exercem papéis locais e, muitas vezes, pela inserção de redes no espaço regional e mundial, fazem parte de um sistema global. Com a modernidade do campo e da cidade, os meios de comunicações permitem a conexão de diversos pontos da rede.

A pequena cidade de Nova palma é um exemplo deste processo e da atribuição a novos papéis urbanos frente à modernização e urbanização. Assim, os papéis urbanos do município de Nova Palma, atualmente, estão ligados a produção e circulação dos produtos de origem agrícola, além do turismo, do comércio estabelecido pela CAMNPAL e pela presença de algumas indústrias.

Nas cidades agrícolas, os dois espaços, rural e urbano, passam a exercer funções e atividades numa tendência “*continuum*”. Aspectos do rural estão presentes no urbano como hábitos e costumes, ruralidades, frequente nos moradores do urbano. A realidade do campo está fortemente associada ao cotidiano citadino.

2.3.1. As características do espaço rural de Nova Palma/RS e as relações urbano/rural.

Pelo fato de Nova Palma, em sua maior extensão territorial, estar situada no Rebordo do Planalto e Planalto, o município não propicia a estruturação fundiária em latifúndios, mas sim em minifúndios baseados na diversidade agrícola.

Assim sendo, o espaço rural novapalmense apresenta sua estrutura fundiária baseada na pequena propriedade de policultura. Destaca-se a

presença de médias propriedades e da introdução de monocultura do binômio trigo/soja apenas em direção ao noroeste do município.

A configuração de planalto em grande parte do setor montante do Rio Soturno apresenta topos planos e vertentes pouco planas com baixa declividade do terreno, propiciando os diversos usos da terra, entre eles, a agricultura com as principais culturas determinantes do local: trigo, fumo, milho e, principalmente, soja. Os equipamentos agrícolas são utilizados nestes terrenos, devido às pequenas declividades, contribuindo para as práticas intensivas (DESCOVI FILHO, 2007).

Dessa forma, a colonização italiana e as condições físicas de relevo e hidrografia contribuíram para o desenvolvimento do setor primário na região e, especialmente, em Nova Palma, num sistema de pequenas propriedades rurais voltadas a agricultura de subsistência e a diversidade agrícola.

A incorporação de tecnologia, a partir da modernização agrícola no município, por volta da década de 1960, foi diferente nas unidades agrícolas novapalmenses devido às condições de relevo montanhosas. As áreas mais declivosas ficaram desprovidas de maquinários e tratores. De acordo com Marin, “o centro da produção agrícola passou para as propriedades consolidadas financeiramente e com relevo favorável a mecanização.”

Outro aspecto que provocou as desigualdades agrícolas no município foi as condições econômicas de cada proprietário rural: os que tinham mais recursos financeiros tiveram mais condições de investir na modernização agrícola, os demais continuaram a produzir com técnicas rudimentares e com características de agricultura familiar.

Conforme Marin (2009),

As transformações mais significativas no espaço rural sócio-espaciais no espaço rural e na agricultura familiar do brasileiro têm início com a modernização da agricultura. Quarta Colônia - RS. Intensificando-se a partir da década de 1970, o modelo agrícola tecnológico (mecanização e insumos agrícolas) trouxe repercussões socioeconômicas e ambientais significativas ao espaço rural como um todo e a agricultura familiar especificamente (MARIN, 2009, p. 149).

No entanto, a modernização agrícola trouxe impactos ambientais para o município frente ao uso de fertilizantes e produtos químicos utilizados nas lavouras, contaminando os rios e os solos.

Assim como os fortes impactos ambientais e a crise econômica da produção, a migração, principalmente dos jovens, para a cidade e para outras regiões serviram de base para a população repensar as propostas e técnicas agrícolas e preservar áreas ainda não atingidas pela modernidade.

Para Marin, “consolidam-se na década de 1990, na Quarta colônia, novas políticas que dão apoio a agricultura familiar, e que estão permitindo uma (re) configuração dos espaços rurais, incorporando novas funções e atores sociais.”

Dessa maneira, novas atividades são desempenhadas hoje no meio rural de Nova Palma a fim de conter a degradação e viabilizar economicamente o município, entre elas a mais importante, o turismo rural.

Em suma, a modernização da agricultura no município de Nova Palma, devido às condições de relevo e recursos financeiros, foi lentamente sendo incorporada nas pequenas propriedades rurais.

No setor agrícola, os principais produtos cultivados, nos dias de hoje, são feijão preto, fumo, milho, soja e arroz. Com base na Tabela 3, percebe-se que o milho é o maior produto cultivado no município em 2007, na quantidade de 14400 toneladas, em uma área territorial de 4000 ha. O milho é cultivado em pequenas propriedades rurais seguido da soja (9600 toneladas, em uma área de 4000 ha). Ambos são cultivados em pequenas e médias propriedades, principalmente e em maior quantidade, no noroeste do município.

Tabela 3- Principais produtos agrícolas cultivados no Município de Nova Palma/RS.

Produto agrícola	Área (ha)	Quantidade produzida (ton.)
Milho	4.000	14.400
Soja	4.000	9.600
Feijão	2.300	3.450
Trigo	1.100	2.640
Fumo	1.300	1.300
Arroz	175	1.138
Batata- inglesa	23	210

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal- 2007.

O arroz é plantado em pequena porção no município, cultivado apenas nas várzeas dos rios Soturno, Jacuí e do Arroio Caemborá. A batata- inglesa

e outros produtos da agricultura familiar são cultivados em pequena quantidade, pois são para o consumo do próprio produtor.

Na pecuária, destaca-se, conforme os dados da tabela 4, que as maiores produções são de galinhas e bovinos, respectivamente, 20720 e 19550 cabeças. A produção de ovinos é a menor no espaço rural de Nova Palma: 2820 cabeças. Entretanto, a pecuária não é a fonte de renda municipal notória, pois a criação de animais tem um papel maior no consumo familiar da pequena propriedade e não na comercialização.

Tabela 4- Dados da pecuária Novapalmense

Animal/ efetivo dos rebanhos	Quantidade (cabeças)
Galinhas	20.720
Bovinos	19550
Galos, frangas, frangos e pintos	12880
Suínos	6.260
Ovinos	2820

Fonte: IBGE, Produção da Pecuária Municipal – 2008.

A utilização do solo no espaço rural de Nova Palma concentra-se na agricultura e na pecuária, sendo que a área agrícola encontra-se em dispersos espaços do município e a pecuária concentra-se ao noroeste.

Ao dividir o território em análise de acordo com os pontos de localização entre as áreas noroeste, nordeste, norte, sul, sudeste e sudoeste, podemos perceber melhor as questões de uso do solo e declividade do relevo.

Diante disso, nota-se que as áreas mais planas do município estão localizadas na **área noroeste**, pois estão no topo do Planalto Meridional, cujas propriedades rurais são de pequenas a médias e as culturas da soja e trigo são cultivadas principalmente. O trigo é plantado em maio, enquanto a soja, no período de outubro - dezembro (Quadro 2). Sendo assim, as terras são utilizadas durante o ano com a intercalação entre duas colheitas (trigo-soja). Esta área apresenta a maior ocupação do solo com pastagens e criação de gado.

Os maiores produtores rurais do município de Nova Palma têm suas lavouras nesta região do município. Devido às condições do relevo, esta região apresenta grandes potenciais agrícolas.

Produto agrícola	Época do ano (plantação)	Época do ano (colheita)
Arroz	Outubro – novembro	março
Milho	Agosto-setembro	Janeiro-fevereiro
Feijão (1º Safra)	Janeiro	maio
Feijão (2º Safra)	setembro	Dezembro-Janeiro
Trigo	Maio	novembro
Soja	novembro	Abril-maio
Fumo	Agosto-setembro	Dezembro-janeiro

Quadro 2: Épocas de plantação e colheita das culturas agrícolas.

Fonte: Trabalho de Campo- Entrevista com produtores rurais do município.

Org. V. Manfio

Além da utilização de maquinários modernos, encontra-se um ambiente propício, com baixas declividades e médias propriedades rurais, para a intensificação de tecnologias na produção de soja.

As áreas **norte** e **nordeste** (Ilustração 7) destacam-se por uma utilização do solo mais diversificada entre agricultura, pastagens, solo exposto e vegetação. A presença de vegetação é maior que na região noroeste, destacando-se a agricultura de trigo, soja e milho nessas áreas.

As áreas **leste** e **sudeste**, entretanto, se caracterizam pelo oposto que a noroeste. Nessas áreas, encontram-se vales encaixados formados pelo Arroio Felisberta e Arroio Caemborá, ambos afluentes da margem direita do Rio Jacuí, cujas declividades são acentuadas e desfavoráveis à agropecuária. Porém, destaca-se o cultivo de arroz nas várzeas dos arroios e do Rio Jacuí, que passa no distrito de Caemborá, entre a divisa de Nova Palma com Dona Francisca. Ainda há o cultivo de milho, feijão e fumo em pequenas propriedades rurais.

Ao **Sul** do município, constata-se uma área mista de vegetação arbórea, solo exposto e agricultura, cujos produtos agrícolas cultivados nesta parte do município que se destacam são o fumo, o milho, o feijão e outros produtos de subsistência. No entanto, há espaço para o cultivo da soja, em pouca quantidade e sem a utilização de maquinários.

As áreas **oeste** e **sudoeste** localizam-se na planície fluvial formada pelo Rio Soturno e o Arroio Portela. Ambos cruzam a zona urbana do município, respectivamente, de norte a sul e de leste a oeste.

Esta região também apresenta áreas verdes no entorno da área urbana e de espaços com forte declividade, além de uma agricultura de milho, soja, fumo e feijão em pequenas propriedades.

Ao ressaltar o potencial agrícola, percebe-se que a alta mecanização e terras planas com médias propriedades rurais da área noroeste representam forte potencial agrícola pelas culturas e a quantidade produzida em gêneros agrícolas. A produção é de trigo e soja nessas propriedades.

No entanto, convém destacar que outras regiões do município apresentam também um grande potencial agrícola, mesmo que as terras sejam mais declivosas. Porém, há trechos de áreas planas ou onduladas que permitem a produção agrícola utilizada intensivamente. Em uma mesma lavoura, plantam-se duas culturas agrícolas por ano alterando, conforme o quadro 3, feijão (1^o safra) e milho, ou feijão (1^o safra) e soja, ou feijão (1^o safra) e fumo. Entre estas áreas, destacam-se o distrito de Vila Cruz, a Linha do Soturno, Linha Três e Distrito de Caemborá.

A diversidade agrícola consiste muitas vezes em permitir que o produtor tenha renda e evita o endividamento e os financiamentos pela queda da produtividade ou do valor comercial de algum produto, embora a safra não tenha um bom rendimento. Este fato é contrário nas regiões monocultoras. Elas são, por vezes, negativas, principalmente com as condições baixas de produção, devido às condições climáticas ou comerciais. Esta é uma realidade não somente local, mas nacional.

As localidades de Saracura e Felisberta, ambas na região sudeste do município, são as áreas de menor potencial agrícola, devido às altas declividades e conversação ambiental, cujos problemas de pobreza e miséria são mais perceptíveis.

Quanto às áreas de solo exposto, observa-se que as localidades de São Francisco e Novo Paraíso são as que mais apresentam os processos de erosão e solo exposto. Pode-se dizer que boa parte desta condição seja em detrimento ao uso intensivo do solo e o desgaste do ambiente natural.

MOREIRA; COSTA (1995) ainda ressalta que, “na encosta gaúcha, por exemplo, a erosão é acelerada pelo uso indiscriminado do solo, fruto principalmente do parcelamento excessivo da terra” (p.32).

A maior área de vegetação no município encontra-se nos vales encaixados do arroio Caemborá e nas regiões leste e sudeste.

Em síntese, o município de Nova Palma apresenta boas condições hidrográficas e um relevo íngreme. Esta condição do relevo inviabiliza a produção agrícola. Entretanto, o trabalho dos agricultores e a sub-ocupação de áreas de terras mais planas têm proporcionado o desenvolvimento dada agricultura e o potencial agrícola local.

O município apresenta potencialidades agrícolas, econômicas e ambientais. Elas merecem atenção quanto ao uso intensivo e as possíveis fragilidades ambientais que podem inviabilizar o desenvolvimento econômico e rural municipal.

Assim, os estudos e análises a cerca do meio ambiente e das atividades associadas ao campo e ao desenvolvimento local tornam-se importantes, principalmente, em um município cujo espaço rural é de extrema relevância para o crescimento econômico e social. As ações e políticas para promoção do desenvolvimento agrícola contribuem e buscam impactar o menos possível o meio físico.

O espaço novapalmense recebe grande impulso econômico dado não só pelo setor agropecuário e indústrias como também o turismo, que dinamiza sua economia. O turismo rural, realizado pela rede de cidade que compõe a chamada Quarta Colônia, recria espaços com a cultura italiana, através da gastronomia, paisagem e hábitos. Também se destaca o turismo ao balneário de Nova Palma.

O espaço rural novapalmense é tão significativo que influencia os hábitos e cotidiano da cidade, devido à ruralidade existente no local. Estas ruralidades são percebidas através de situações típicas do rural impregnadas no urbano, como, por exemplo, hortas e pomares nos pátios das casas, a criação de aves (codornas, galinhas, garnisés, gansos), a plantação de milho, mandioca nos terrenos baldios e as próprias festividades associadas ao meio rural.

A cidade novapalmense é gestora das atividades advindas do campo e é dependente as atividades rurais, pois o urbano surge em função desta atividade agrícola e continua a desempenhar atividades ligadas ao rural.

Contudo, ressalta-se a importante dinâmica do campo e da cultura italiana para o desenvolvimento da cidade e do município novapalmense, onde boa parte das atividades econômicas são frutos do meio rural, assim como a importância da CAMNPAL para o desenvolvimento local/regional que será abordado no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3: O

COOPERATIVISMO: DESENVOLVIMENTO E DINÂMICA DA CAMNPAL NO ESPAÇO NOVAPALMENSE.

“Através de soluções inovadoras, visamos o desenvolvimento técnico/financeiro dos associados e colaboradores, a satisfação dos clientes, agregando valor aos nossos produtos e serviços, participando ativamente na comunidade, respeitando o meio ambiente e tornando-se referência em qualidade e inovação na Quarta Colônia da Imigração Italiana no RS.” (CAMNPAL).

A criação e desenvolvimento da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda constituem nexos importantes para análise e entendimento da realidade existente no município de Nova Palma. As suas atividades extrapolam e perpassam o município novapalmense e seus estabelecimentos estão disseminados por toda a Quarta Colônia.

Neste sentido, faz-se necessário entender a história e as dinâmicas da CAMNPAL para a compreensão da região e, por sua vez, a construção da cidade e seus papéis urbanos.

3.1. O surgimento e desenvolvimento do cooperativismo: o cenário cooperativista no Rio Grande do Sul.

O sistema cooperativista surge em meio a Revolução Industrial, na Inglaterra, por volta do século XVIII, contra a opressão e discriminação dos trabalhadores pelo capitalismo industrial. Historicamente, a Cooperativa de Rochdale⁸, formada em 1844 por artesões e tecelões que buscavam melhores condições de vida e trabalho, é considerada a primeira e disseminadora das idéias e princípios de cooperativismos para o mundo.

Seguindo as idéias de Rochdale, os agricultores do município de Flammersfeld, na Alemanha, adotam o sistema cooperativista a fim de,

⁸ Rochdale foi a união considerada a primeira cooperativa do mundo, (*Sociedade dos Probos de Rochdale*), contendo inicialmente um grupo de 28 tecelões, após 12 anos de fundação, já contava com 3.450 sócios.

melhorar suas condições econômicas, terminando com a atividade de atravessadores e agiotas que existia na região alemã.

Posteriormente, em Genebra, no ano de 1895, a Aliança Cooperativa Internacional foi criada com os seguintes princípios: adesão voluntária e livre, gestão democrática, participação econômica dos membros, autonomia e independência, educação e formação, inter-cooperação e interesse pela comunidade (SOUSA, 2009).

A partir do desenvolvimento de Rochdale, muitas cooperativas foram sendo criadas no mundo, partindo destes mesmos ideais e tentando sobreviver frente às políticas capitalistas de mercado.

No Brasil, a cooperativa de consumo em Ouro Preto⁹ data de 1889. Após três anos, o Rio Grande do Sul instituiu a cooperativa de crédito. Em 1906, as cooperativas rurais começaram a se formar no território brasileiro. Anos depois, estas ganharam dinamismo e espalharam-se por várias regiões agrícolas do país.

Nas décadas de 1950 e 1960, os sistemas de cooperativas cresceram no Brasil, mostrando uma dinâmica de integração e economia. Os cooperativados viviam seu dia-a-dia no cooperativismo, forma que lhes permitia desenvolvimento e progresso.

As cooperativas tiveram importância e alcançaram a ascensão no Brasil e no mundo pela necessidade de auxílio às pessoas mais carentes, com dificuldades no trabalho e na renda. Destaca-se também a participação dos imigrantes italianos e alemães, no Brasil, no desenvolvimento e expansão do cooperativismo¹⁰.

O cooperativismo que “nasceu” no Brasil apresentou contornos diferenciados em relação aos europeus, devido ao contexto social e econômico das nações e dos períodos históricos (CAMPOS JR. 2000).

SALANEK FILHO (2010, p.3) reforça que “o cooperativismo brasileiro tem na imigração européia a sua maior responsável pela consolidação do sistema.”

Todavia, com o desenvolvimento do cooperativismo no território brasileiro, tem-se a necessidade de criação de leis e normas para conduzir as atividades

⁹ Denominada de *Sociedade Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto*.

¹⁰ Exemplo disso foi à fundação da CAMNPAL na Quarta Colônia.

cooperativistas. Em 1971, no Brasil, a lei nº 5.764/71 é criada. Esta lei rege o funcionamento e conceitua as cooperativas como sendo sociedades de pessoas, constituídas para prestar serviços aos associados, que, reciprocamente, se obrigam a contribuir com bens ou serviços para o exercício de uma atividade econômica, de proveito comum e sem objetivo de lucro.

Para o SEBRAE, a definição de cooperativa consiste em “um meio para que um determinado grupo de indivíduos atinja objetivos específicos, através de um acordo voluntário para cooperação recíproca”.

Crúzio (2000, p.13) reforça definindo cooperativa como

[...] a união de trabalhadores e profissionais diversos, que se associam por iniciativa própria, sendo livre o ingresso de pessoas, desde que os interesses individuais em produzir, comercializar ou prestar um serviço não sejam conflitantes com os objetivos gerais da cooperativa (CRÚZIO, 2000, p.13).

Nas cooperativas, não há retenção de lucros. Tudo é dividido entre os sócios, podendo uma parte dos resultados financeiros ser investida na ampliação da cooperativa ou reinvestida no próprio negócio (Souza 2009).

Diante dos objetivos do cooperativismo, atualmente se desenvolvem várias formas e estruturas ligadas ao caráter cooperativista. Entre elas, destacam-se cooperativas de produção, crédito, trabalho, consumo, habitação, as cooperativas populares e as mistas¹¹.

As cooperativas que mais progrediram foram as de crédito, consumo e as mistas, principalmente, aquelas que forneciam produtos de abastecimento e de intervenções do Estado.

Outro período de importância para o desenvolvimento das cooperativas no Brasil foi o período de modernização conservadora, na qual o campo fica dependente da indústria e do setor financeiro.

Diante do desemprego provocado pela modernização, juntamente com a liberação política e econômica na década de 1990, o papel das cooperativas reaparece no país.

¹¹ As cooperativas Mistas são aquelas que desempenham várias atividades econômicas- exemplo disso a CAMNPAL é uma cooperativa Mista, por atuar com a produção agrícola, comércio, assistência entre outras.

No entanto, por muitos anos, estas cooperativas estiveram fechadas ao sistema econômico. Nos dias de hoje, ocorre uma flexibilidade ao mercado, buscando sua inserção no mercado capitalista e mantendo alguns de seus princípios. Não se pode deixar de considerar a diferença entre o sistema empresarial e o cooperativista: o primeiro refere-se ao trabalho e ao capital, que giram a fim de obtenção de lucros; já a cooperativa valoriza seus membros e não produz apenas no sentido de lucro, mas também no sentido de viabilizar o desenvolvimento e bem estar dos associados e do meio ambiente. Com o advento do desenvolvimento sustentável, cooperativas sensíveis a estas questões surgem.

Cabe destacar também o surgimento de cooperativas solidárias, que procuram atender as necessidades da classe empobrecida e sem trabalho. Entretanto, estas apresentam uma lógica diferente, com a preocupação de melhorar a qualidade de vida dos associados, ao passo que adotam estratégias para se manter no mercado, oferecendo produtos de qualidade, pois tem responsabilidades com os associados e consumidores, resultantes de uma ação solidária e de parceria.

As cooperativas adquirem um grande significado e, se, antigamente estavam ligadas ao campo, hoje, elas tomam outras dimensões, sendo elas cooperativas urbanas, rurais, industriais, educacionais, populares e atuando em diversos setores econômicos, pois são maneiras das pessoas se organizarem frente ao sistema capitalista dominante.

Segundo Lima (2004), o associativismo e o cooperativismo no Brasil ainda têm pequeno papel e participação, sendo ainda pouco desenvolvidos. Entretanto, o cooperativismo tende a se expandir nos momentos de crise econômica e desemprego. O caráter voluntário das adesões fica comprometido, uma vez que ele é mais reflexo da falta de opção dos trabalhadores do que uma escolha efetiva de autonomia e de solidariedade (Lima, 2004).

Muitas cooperativas exercem um forte papel e engajamento político e proporcionam o desenvolvimento social e econômico dos membros, bem como do espaço onde estão inseridas, fortalecendo o campo e a cidade.

3.2. A cidade, o cooperativismo e o desenvolvimento local.

O desenvolvimento é um processo dinâmico que implica não apenas no crescimento econômico, mas também na melhoria da qualidade de vida, no social, ambiental e cultural. O aumento das potencialidades deste conjunto de fatores é o que, de fato, consiste no desenvolvimento local.

Entretanto, as origens do termo “desenvolvimento” estão associadas às ciências biológicas, tendo como sinônimo a palavra evolução, utilizada por Darwin na teoria da evolução das espécies.

Posteriormente, em 1949, Truman, o então presidente dos Estados Unidos, atribuiu à expressão o sinônimo de progresso, quantidade de riquezas produzidas por um país.

Com a expansão do capitalismo no mundo, o conceito de desenvolvimento passou a receber vários significados, conforme as dimensões, a normativa, a economia e o social, contextualizando o desenvolvimento de uma maneira diferente.

Esteva (2000) afirma que o desenvolvimento consiste na realização de potencialidades sociais, culturais e econômicas de uma sociedade em perfeita sintonia com o meio ambiente e os valores éticos (ESTEVA, 2000).

Barqueiro (2001, p.41) destaca que “(...) o desenvolvimento endógeno pode ser visto como um processo de crescimento econômico e da mudança estrutural, liderado pela comunidade local ao utilizar seu potencial de desenvolvimento que leva à melhoria do nível de vida da população”.

Atualmente, questiona-se muito a respeito do desenvolvimento local que consiste na interação constante entre as pessoas de um local, as autoridades, as organizações cívicas e administrativas, os grupos comunitários e as empresas, a fim de garantir e melhorar a qualidade de vida para todos os habitantes do lugar.

Buarque (1999, p. 9) diz que o desenvolvimento local “representa uma singular transformação nas bases econômicas e na organização social em nível local, resultante da mobilização das energias da sociedade, explorando as suas capacidades e potencialidades específicas”.

No entanto, o desenvolvimento local dependerá de vários fatores, entre eles, acumulação de capital, utilização do potencial local, do papel dos atores locais (privados ou públicos), do fortalecimento das instituições locais, do desenvolvimento das cidades, das infra-estruturas, das inovações de tecnologias e da organização da produção.

Com a globalização, o desenvolvimento local ganha novos contornos, pois o global está fortemente inserido no lugar e, muitas vezes, comanda as atividades do local.

A globalização imprimiu novas formas de organização espacial e produtiva, assim como a formação de redes urbanas e econômicas. As relações entre lugares distantes e as condições geográficas são superadas pelos sistemas de comunicação e infra-estrutura complexas (BARQUEIRO, 2001).

Com isso, o desenvolvimento local dentro do processo de globalização consiste diretamente na capacidade dos atores locais de se estruturarem e se mobilizarem com base nas suas potencialidades e sua matriz cultural.

O desenvolvimento local se dá, principalmente, no solo urbano, pois o poder municipal, os centros de encontro de instituições, o estabelecimento de relações econômicas e sociais encontram-se nele. Os lugares se interligam com os demais.

Barqueiro (2001, p.23) coloca que “a cidade é um território formado por um conjunto de atores que tomam as decisões de investimento e localização das atividades produtivas”.

Barqueiro (2001, p.152) reforça que “as cidades propiciam a geração de externalidades, favorecem a diversidade da produção, fomentam a interação e a formação de redes, criam locais de encontro entre todos os tipos de autores e incentivam os processos de inovação”.

GIANEZINI et. al. (2009) menciona que “faz-se necessário dar a devida importância ao papel dos atores locais como responsáveis, interessados e potenciais condutores do desenvolvimento local”.

As políticas locais são importantes para o desenvolvimento local, permitindo expansão e melhoria de infra-estrutura e equipamentos públicos na difusão de tecnologias.

Acentuam-se as redes entre cidades e centros urbanos, ficando pouco visível a diferença entre eles. Uma vez que, o espaço organizado em redes, as associações e as cooperativas promovem a interação entre lugares e regiões e contribuem para o fortalecimento do desenvolvimento frente à lógica capitalista. Essas organizações são importantes no processo de desenvolvimento.

Em se tratando das cooperativas, elas exercem funções econômicas e sociais distintas. Assim, a união dos associados permite não somente um crescimento econômico pela geração e distribuição de renda entre seus associados, mas também imprime uma característica social, aliada à criação de empregos e favorecendo as condições sócio-econômicas dos cooperados.

O surgimento de uma cooperativa em um município gera dinâmicas que são capazes de criar novos investimentos e novas empresas que orbitam em volta da cooperativa, com o propósito de prestação de serviços ao sistema cooperativista. Além disso, neste espaço, moderniza-se a infra-estrutura, promovendo o desenvolvimento local ou regional, dependendo da escala de abrangência da mesma.

A CAMNPAL, no município de Nova Palma, teve sua origem ligada à necessidade de comercialização agrícola por parte dos produtores rurais e ganhou, com o passar dos anos, novas dinâmicas. Através dela, traz instituições como a COTRAPALMA, a SICREDI, a CRESOL, entre outras, para o município.

Além disso, a Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda intervém no planejamento urbano local, ao reivindicar melhorias na infraestrutura, tanto das estradas do município como também das intermunicipais. A exemplo disso, destaca-se o papel desempenhado por este órgão no asfaltamento ao acesso de Nova Palma e da Quarta Colônia de Imigração Italiana. Certamente, o tempo de execução teria sido outro sem a sua intervenção.

São exemplos do papel que a cooperativa é capaz de exercer junto ao poder público, uma vez que ela é a responsável pelo dinamismo comercial e econômico que atua localmente, regionalmente e globalmente, conectando Nova Palma e o seu entorno ao mundo através de suas atividades e relações econômicas. Diante disso, o desenvolvimento novapalmense deve-se a dinâmica da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda.

3.3. A Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda (CAMNPAL): aspectos relevantes.

A ocupação da Colônia Silveira Martins se deu afastada dos grandes centros comerciais e da capital gaúcha. O centro comercial mais próximo era a cidade de Santa Maria. Essa localização geográfica vai acarretar problemas de abastecimento para o desenvolvimento das comunidades que, com a emancipação dos antigos núcleos coloniais formando os municípios da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana, encontraram dificuldades de abastecimento pelo comércio ténue naqueles municípios.

Nova Palma, além da falta de infra-estrutura de serviços e de um fraco comércio local, enfrentava dificuldades no escoamento dos excedentes agrícolas, que geravam renda aos agricultores. Havia dois moinhos e algumas casas comerciais que revendiam os produtos agrícolas. Porém, os agricultores dependiam de atravessadores, encarecendo o preço das mercadorias e minimizando os valores da produção.

Tal situação gerou a intervenção do Padre Luiz Sponchiado, que incentivou os agricultores a unirem esforços e criarem uma cooperativa que permitisse melhores condições na comercialização agrícola. Sendo assim, na década de 1960, a Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda foi criada, passando a traçar suas trajetórias e atividades.

Entre os descendentes italianos, o padre exercia forte influência sobre a comunidade local. Em Nova Palma, as escolas, o hospital, o sindicato e a cooperativa surgem em função da igreja e por pressão exercida pelo padre. Como mencionado no capítulo anterior¹², os italianos eram muito religiosos e seguiam fielmente a liderança do padre e seus ensinamentos.

Em uma reunião realizada no dia 03 do mês de fevereiro de 1963, na cidade de Nova Palma, “apenas 28 agricultores acreditaram na força da união para o crescimento do grupo mediante a venda em comum dos seus produtos”. Conforme Sponchiado (1996), a fundação da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda ocorreu, inaugurada a partir de modestas instalações alugadas e

¹² Capítulo 1- A colonização italiana e a formação da Região da Quarta Colônia/RS.

com a produção de apenas três produtos: fumo, feijão e trigo. Em 1976, a cooperativa ganha um prédio próprio (Ilustração 8).



Ilustração 8: Instalações da CAMNPAL em Nova Palma - 1976.
Fonte: Acervo da CAMNPAL

A cooperativa mostrou significativo crescimento econômico, reforçando as perspectivas de desenvolvimento dos colonos rurais. A partir disso, novos agricultores acabaram se associando e participando da CAMNPAL. O número de associados cresceu significativamente nos anos que se seguiram. Em 1988, a cooperativa contava com 1 400 associados; no ano de 1993, o número de associados atingiu 1 910, com aumento de 36,4% em apenas seis anos. Em relação aos funcionários, o aumento foi também significativo. Em 1988, a empresa contava com 91 empregados assalariados e, em 1991, este número passa para 130 empregados. Em 1993, contava com 169 funcionários (CAMNPAL, 2009).

Essa dinâmica traz ao município de Nova Palma novas atividades. A cidade passou a gerenciar a produção agrícola e a comercializar produtos originários da agricultura. Tais atividades desdobraram-se em novas casas e estabelecimentos comerciais, que tinham como propósito atender as exigências das novas atividades.

Em 1984, a CAMNPAL começou a delinear novas unidades, expandindo seus negócios no município de Dona Francisca com a criação de um novo estabelecimento comercial, inicialmente, com condições modestas.

O desenvolvimento da CAMNPAL naquela localidade foi de tal envergadura que, em 1988, seus estabelecimentos passaram por reformas, ampliando a sede própria, com novos depósitos e silos para o beneficiamento do arroz. Hoje, sua estrutura é composta por armazéns para recebimento e armazenamento, engenho de arroz, supermercado, seção de peças e ferragens, além de escritórios. Na ilustração 9, podem ser visualizadas as estruturas atuais da CAMNPAL no Município de Dona Francisca.



Ilustração 9: Unidade da CAMNPAL no município de Dona Francisca - 2009.

Fonte: CAMNPAL- 2009.

Em 1987, a CAMNPAL se expande para o interior de Nova Palma - distrito de Caemborá - com o objetivo de atender os associados das comunidades do interior, já que este distrito está distante da sede do município. Suas atividades estão centradas na comercialização, financiamento e armazenagem de produtos (Ilustração 10).



Ilustração 10: Unidade da CAMNPAL no Distrito do Caemborá – Nova Palma, 2009
Fonte: CAMNPAL-2009

No ano de 1994, a CAMNPAL instalou-se em São João do Polêsine, construindo um moinho de trigo, a fim de promover o beneficiamento e a industrialização do mesmo, além de recebimento de produtos agrícolas (arroz). Nesta unidade, o beneficiamento e o empacotamento das Farinhas de Trigo Bella Dica, Espiga de Ouro e Moenda estão sendo realizados. A comercialização destes produtos se dá nos supermercados da CAMNPAL, além de serem vendidos para cidades de outras regiões do RS. A ilustração 11 mostra a estrutura da CAMNPAL em São João do Polêsine.



Ilustração 11: Unidade da CAMNPAL em São João do Polêsine – 2009.
Fonte: CAMNPAL- 2009.

Em 2004, ampliou-se a unidade da CAMNPAL em São João do Polêsine, ao instalarem uma unidade de recebimento de cereais, cujo armazenamento se destina para os grãos de soja, trigo e arroz. As suas instalações podem ser vistas na ilustração 12:



Ilustração 12: Moinho da CAMNPAL no município de São João do Polêsine- 2009.
Fonte: CAMNPAL - 2009

Assim, a cooperativa vai espalhando suas unidades pela região, denotando desenvolvimento em suas atividades. Em 2003, visando atender os associados e buscando o fortalecimento do cooperativismo frente aos concorrentes, a CAMNPAL firmou parceria com a COTRIJUC/ Júlio de Castilhos (ilustração 13) e adquiriu uma unidade, juntamente com esta, na localidade de Val de Serra - município de Júlio de Castilhos, cujos produtos agrícolas recebidos são soja, trigo e milho.

Os produtores daquela região foram beneficiados com uma unidade própria de recebimento e armazenagem de grãos em Val de Serra, com capacidade para armazenagem de mais de 150.000 sacos. Uma seção de peças e ferragens e uma de comercialização em insumos também foram disponibilizadas a eles (CAMNPAL-2009).

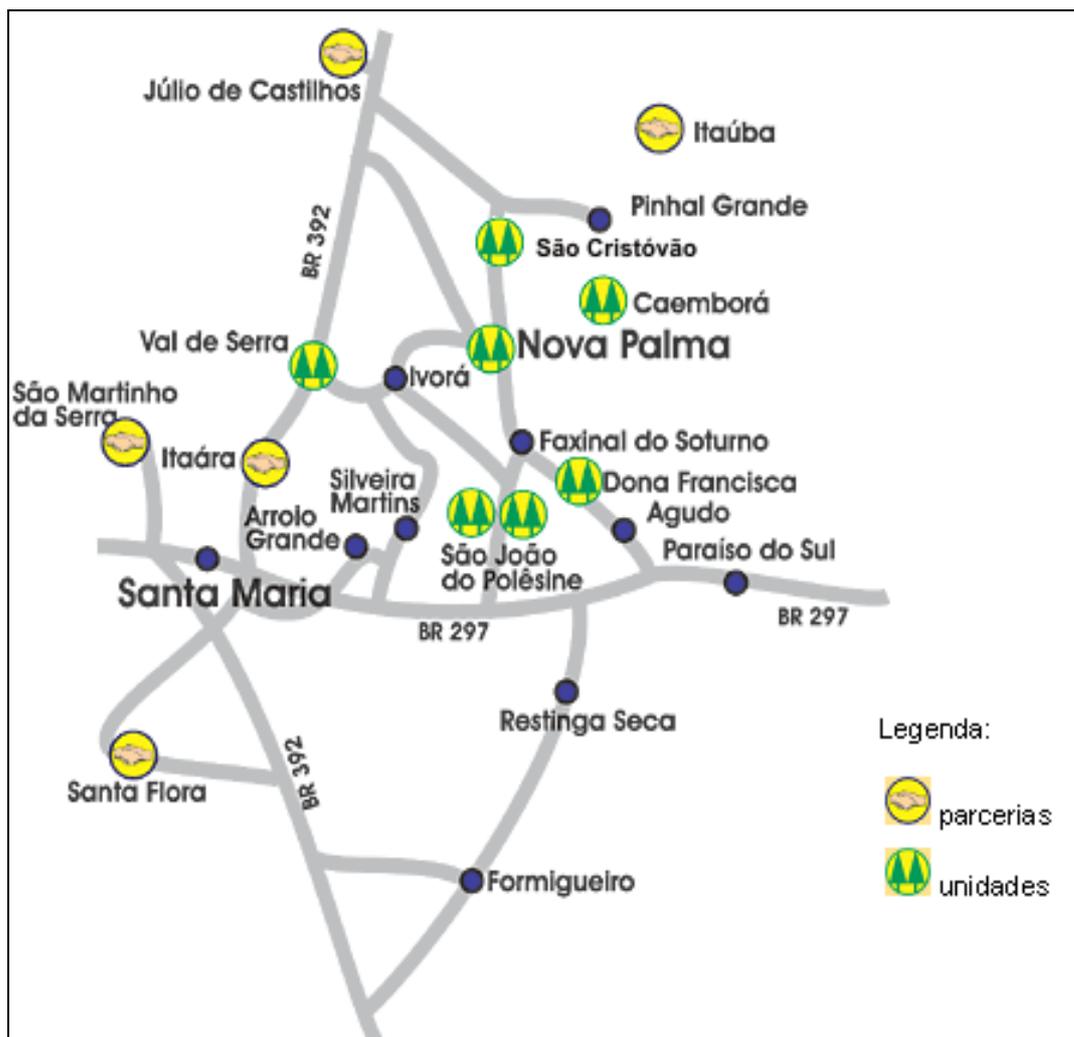


Ilustração 13: Croqui de localização geográfica dos estabelecimentos e parcerias da CAMNPAL em 2010.

Fonte: site oficial da CAMNPAL – 2010.

Em 2005, inaugurou-se o armazém da cooperativa, localizado entre os municípios de Nova Palma e Pinhal Grande, na localidade de São Cristóvão, com capacidade de armazenar 200.000 sacos. A unidade destinada ao armazenamento dos produtos agrícolas comporta armazém para insumos de soja, trigo, milho e feijão, facilitando e promovendo maior dinamismo às atividades da cooperativa. Esta unidade de recebimento possui a maior capacidade de armazenamento em volume de grãos da CAMNPAL (Ilustração 14).

Desde o seu surgimento até os dias de hoje, a matriz tem se transformado, acompanhando o desenvolvimento dos negócios da CAMNPAL.



Ilustração 14: Unidade da CAMNPAL- Localidade de São Cristovão (Rincão dos Padilhos) em Nova Palma.

Fonte: CAMNPAL-2009.

Para isso, adquiriu novas estruturas e ampliou suas atividades, que perpassam das estritamente agrícolas para as de comercialização e estabelecimentos de venda de produtos já industrializados com sua marca própria, sendo a soja o único produto recebido que não é industrializado, no ciclo da produção. Os demais produtos são beneficiados e colocados no mercado através das marcas próprias CALDO DE OURO e BELLA DICA. As Ilustrações 15 e 16 mostram as mudanças ocorridas na sede da CAMNPAL em Nova Palma.



Ilustração 15: Sede da CAMNPAL em Nova Palma – 2002

Fonte: Trabalho de campo – 2009.

O trabalho realizado pela CAMNPAL e pelos seus associados perpassou as atividades agrícolas. A agroindústria tem sido um dos fatores de sucesso da cooperativa. Os produtos comercializados com os agricultores rurais são industrializados pela cooperativa e são repassados aos supermercados para atender os consumidores, através das marcas Bella Dica e Caldo de Ouro, entre outras.



Ilustração 16: Sede da CAMNPAL em Nova Palma – 2009

Fonte: Trabalho de campo – 2009

Atualmente, a CAMNPAL deixou de ser apenas uma cooperativa de auxílio para os colonos. Ela passou a exercer também outras funções, tornando-a uma empresa dinâmica e agro-industrial que participa de várias atividades desde a produção agrícola, o manufaturamento de produtos, a comercialização, o armazenamento e o transporte de gêneros agrícolas com marca própria, representando um empreendimento rentável. A ilustração a seguir mostra os municípios parceiros e as unidades da CAMNPAL em 2010.

A empresa dispõe de uma rede produtiva com matriz em Nova Palma e unidades em São João do Polêsine, Dona Francisca e Caemborá. Também possui indústrias parceiras que recebem grãos em Itaára, São Martinho da

Serra, Júlio de Castilhos, Santa Flora e Val de Serra. Ao todo, são 4 000 associados, sendo a maioria pequenos agricultores, cujas propriedades apresentam atividades agrícolas muito diversificadas como feijão, milho, soja, trigo, leite, suínos.

A estrutura da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda compõe-se de sede administrativa, supermercado, loja de confecções (incluindo artigos de esporte e roupas), seção de peças e ferragem, farmácia veterinária, abatedouro, posto de leite, armazém de recebimento, armazenamento de grãos, insumos, beneficiamento de feijão, farinha de milho e açúcar mascavo. Além disso, ela proporciona inúmeros empregos nos municípios em que está presente. No total, são mais de 220 colaboradores trabalhando para melhor atender os associados, a comunidade e clientes em geral.

Externamente, também dispõe de uma equipe de representantes com mais de 30 profissionais encarregados de levar os produtos da CAMNPAL para todo o estado do Rio Grande do Sul, parte do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Quanto a sua organização administrativa e social, encontra-se organizada em núcleos de produtores. Cada núcleo conta com um representante eleito, formando um Conselho de Representantes (24 membros). Possui também um conselho de administração, eleito pelos próprios associados e formado por 12 conselheiros, e o Conselho Fiscal, formado por três membros titulares e três suplentes.

A CAMNPAL tem o objetivo principal de “através de soluções inovadoras, visamos o desenvolvimento técnico/financeiro dos associados e colaboradores, a satisfação dos clientes, agregando valor aos nossos produtos e serviços, participando ativamente na comunidade, respeitando o meio ambiente e tornando-se referência em qualidade e inovação na Quarta Colônia da Imigração Italiana no RS” (CAMNPAL-2009).

Essa cooperativa conseguiu expandir seus empreendimentos e sua área de influência para toda região da Quarta Colônia, assim como vem firmando parcerias com outras cooperativas e cidades circunvizinhas e com alguns estados brasileiros.

A cooperativa local teve um importante papel para o pequeno produtor rural que dependia de atravessadores. Ela foi a alternativa para melhor

desenvolvimento da agricultura e da comercialização. De acordo com Saquet “... através da CAMNPAL parece que a vida diária do pequeno produtor ficou mais fácil”.

As assistências técnica e financeira também foram importantes ao pequeno agricultor que, muitas vezes, sem muitos recursos, tem, nos créditos e financiamentos, a possibilidade de desenvolver e aumentar a produtividade.

Segundo SAQUET (1996)

A CAMNPAL consolidou-se atuando como via “contratual” no desenvolvimento capitalista nas atividades agrícolas do município de Nova Palma, e em suas circunvizinhanças, através de quatro mecanismos principais, que garantem a conexão entre associados e a cooperativa: comercialização da produção agrícola; a assistência técnica; o fornecimento de insumos em geral e posteriormente de alimentos e roupas etc.; e os financiamentos para o cultivo agrícola. (SAQUET, 1996, p.31).

Saquet (1996) ressalta também que “a cooperativa passou a oferecer-lhe o uso de sementes selecionadas, de ferragens, de peças, a garantia da comercialização da produção, a assistência técnica, os financiamentos agrícolas, outras opções de cultivo como o trigo e a soja, etc.”

Outro aspecto importante para entender o seu crescimento deve-se à dinâmica da cooperativa. Não se limitou apenas em ser um ponto de recebimento e industrialização de produtos agrícolas, mas também de comercialização de outros produtos que pudessem alavancar o desenvolvimento local como, por exemplo, artigos que não tem ligação com a agricultura (loja de roupas e artigos esportivos, junto aos estabelecimentos comerciais por ela administrados).

A CAMNPAL permitiu que o campo se desenvolvesse e se modernizasse, além de proporcionar mais empregos e renda na cidade de Nova Palma e nas outras cidades da região onde tem filiais instaladas da cooperativa.

Percebe-se, através da tabela 7, que os faturamentos anuais da CAMNPAL, com a comercialização de produtos, apresentam um valor significativo. Em 2009, o faturamento total da CAMNPAL foi de 209.583.376,62 milhões e, no primeiro semestre de 2010, já chega a 100.980.173,13 milhões.

Essa movimentação de renda pela cooperativa local proporciona não somente o desenvolvimento da própria instituição, mas também do município novapalmense, à medida que o maior estabelecimento econômico em Nova Palma é a cooperativa. Além do mais, nenhum produto é comercializado sem nota fiscal, não havendo, portanto, sonegação fiscal. Em se tratando de um município de pequeno porte, os faturamentos da CAMNPAL são, de fato, muito expressivos.

Dessa maneira, mostra evidências que a dinâmica da CAMNPAL proporciona o desenvolvimento local, à medida que promove o crescimento econômico do município e também dos aspectos sociais, em geral, do lugar.

A comercialização dos produtos produzidos no município perfaz um faturamento de 209 583 376,62 reais para o ano de 2009 e, até 7/2010, o faturamento tinha contabilizado cerca de 100 980 173,13 reais (Tabela 5).

Tabela 5- Faturamento acumulado de 2009 e faturamento parcial de 2010-CAMNPAL.

Setor e produtos	Total-Faturamento acumulado de 2009 (R\$)	Parcial-Faturamento acumulado (até 31/07/ 2010). (R\$)
Conservas/enlatados	71 230,31	26 314,90
Consumo Rincão dos Padilhos(S.Cristovão)	157 348,12	96 755,45
Consumo São João do Polêsine	254 242,11	164 730,58
Loja de esportes	381 078,41	237 176,44
Óleo de Soja	875 739,79	375 285,22
Lojas de Confeccões	822 438,55	518 828,01
Mercado/agropecuária (Caemborá)	970 748,49	520 301,17
Produtos Embalados	794 602,41	530 512,75
Agropecuária – Dona Francisca	888 367,30	633 514,36
Agropecuária –Val de Serra	1 064 787,82	640 952,51
Sementes	2 583 323,62	728 260,05
Moinho de Trigo	854 928,61	736 901,88
Mercado Dona Francisca	1 766 719,69	1 201 338,57
Produto agrícola: Milho	2 635 362,76	1 356 688,12
Leite UHT	2 060 517,77	1 717 802,96
Abatedouro	3 365 792,25	2 201 075,53
Agropecuária – Nova Palma	4 065 379,14	2 466 530,66
Leite In Natura	6 409 031,08	2 667 462,04
Mercado Nova Palma	7 374 912,87	5 349 887,62
Produto agrícola: Feijão	8 874 034,92	5 641 619,41
Produto agrícola: Trigo	3 181 807,74	5 757 367,71
Insumos Agrícolas	31 515 241,88	9 212 284,78
Arroz industrializado/engenho	20 569 265,76	9 646 210,28
Produto agrícola: Soja	106 482 792,10	48 545 769,73
Total do Faturamento	209 583 376,62	100 980 173,13

Fonte: Trabalho de campo - Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda.- 2010.

Os produtos que mais se destacam estão relacionados: 84 comercialização do feijão com 8 874 034,92 reais em 2009 e 5 641 619,41reais para o ano de 7/2010; o trigo com um faturamento de 3 181 807,74 reais para o ano de 2009 e 5 757 367,71 reais para 7/2010. Para os insumos agrícolas, foram comercializados cerca de 31 515 241,88 reais em 2009 e 9 212 284,78 reais em 2010. O arroz industrializado/engenho foi o 2^o produto com maior faturamento. Nota-se que, em 2009, este produto teve um faturamento de R\$ 20 569 265,76 reais e 9 646 210,28 reais para o ano de 2010. O produto com maior faturamento para os anos de 2009 e 2010 foi a soja, com 106 482 792,10 reais e 48 545 769,73 reais, respectivamente. Os dados estão sistematizados na tabela acima.

A tabela aponta que 3 produtos vão apresentar menos faturamento, seguindo a lógica para completar os meses que faltam para terminar o ano. Esses produtos são conservas/enlatados, óleo de soja e leite in natura. No caso das sementes, insumos agrícolas, arroz industrializado/engenho e soja também apresentam um decréscimo em relação a 2009, mas estes produtos podem sofrer um aumento pelo período de plantio, que ocorre em outubro e novembro, podendo mudar o faturamento que se vislumbra em 7/2010. Os demais produtos, se continuarem apresentando o mesmo faturamento de julho de 2010, superarão o faturamento em relação a 2009.

O volume de negócios que a cooperativa imprime em Nova Palma e região certamente resulta em transformações espaciais na sede municipal – Nova Palma.

Os atores urbanos, juntamente com os membros do controle e administração da CAMNPAL, vão viabilizar a (re) estruturação da cidade, sugerindo ou mesmo exigindo ações, melhorias em infra-estrutura, definindo rodovias e pavimentações, para acelerar as conexões com os mercados externos, possibilitando que suas atividades econômicas ganhem e sejam competitivas no mercado nacional/internacional. Alguns aspectos dessas ações serão abordados no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 4: A INFLUÊNCIA DA CAMNPAL NA (RE) ESTRUTURAÇÃO DA CIDADE DE NOVA PALMA/RS: NOVOS PAPÉIS E ESTRUTURAS URBANAS.

“Quanto mais pequeno o lugar examinado, tanto maior o número de níveis e determinações externas que incidem sobre ele. Daí a complexidade do estudo do mais pequeno. (Milton Santos, 1985).

As mudanças econômicas e políticas resultam na diversificação das funções urbanas e, sobretudo, nos papéis urbanos sempre em transformação, pois acompanham e (re) estruturam as cidades.

Neste contexto, embora as funções das pequenas cidades sejam menos complexas em relação aos grandes centros urbanos, estas pequenas concentrações urbanas desempenham localmente ou regionalmente papéis expressivos para o desenvolvimento local.

A cidade de Nova Palma, originada da colonização italiana na região, durante muitos anos, foi considerada um pequeno povoado cuja funcionalidade era repassar os produtos rurais por ele cultivados a outros centros comerciais.

Com o surgimento da CAMNPAL, novas lógicas de comercialização e beneficiamento de gêneros agrícolas vão surgir na região; novos papéis urbanos foram necessários, repercutindo no espaço urbano novapalmense.

4.1. A Estruturação urbana de Nova Palma/RS.

O município de Nova Palma, como mencionado anteriormente, teve suas origens associadas à colonização italiana na Região central do Rio Grande do Sul, a então Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana. Os imigrantes localizaram-se em lotes rurais e desenvolveram o sistema de policultura em pequena propriedade.

Estas características (colonização italiana e pequena propriedade rural) configuram, na década de 1930, a formação de um pequeno aglomerado de residências na Planície Aluvial do Rio Soturno.

Neste período, havia uma ponte de ferro sobre o Arroio Portela fazendo a ligação do aglomerado urbano com as demais localidades rurais locais e

pequenas “casas comerciais”, a fim de realizar as trocas comerciais. Os caminhos do aglomerado urbano eram de estradas de chão, desenhando os possíveis meios de circulação de pessoas e mercadorias e da formação urbana (Ilustração 17).



Ilustração 17: Aglomerado urbano em 1930.

Fonte: Centro de Pesquisa Genealógica de Nova Palma – 2010

O povoado delineou-se em função da atividade agrícola. Assim, as necessidades dos produtores rurais em comercializar seus produtos impulsionaram a formação deste povoado, já em 1930.

Em 1940, intensificam-se as trocas de mercadorias e fluxos de pessoas no povoado, resultando na presença de alguns estabelecimentos comerciais e fábricas. Situavam-se, entre elas, casa comercial Próspero Pippi, casa comercial Natalino Tomasi, fábrica de calçados Zasso e fábrica Bagiotto. Constituiu-se assim uma identidade fabril e comercial, cujo trabalho era uma atividade importante. A construção da Igreja Matriz Santíssima Trindade consolidou o espírito religioso, garantindo a união entre os habitantes locais de origem italiana.

O povoado se expandiu territorialmente e estabelecimentos comerciais e residências vão se espalhando pelo vale (Ilustração 18), em direção centro/nordeste da planície aluvial do Rio Soturno.



Ilustração 18: Povoado urbano em 1940.

Fonte: Centro de Pesquisa Genealógica de Nova Palma

Diante do constante crescimento do povoado (distrito de Júlio de Castilhos), no ano de 1956, ele adquiriu significativa organização das ruas, o que permitiu a acessibilidade e tráfego no distrito. A intensificação de construções e de residências de dois andares chamadas casarões materializa a paisagem do tecido urbano, ao longo do vale do Rio Soturno. Estas residências mostram uma arquitetura no estilo italiano (Ilustração 19).



Ilustração 19: Povoado Urbano em 1956.

Fonte: Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

Em frente à Igreja matriz, a construção de praça destinada ao lazer e ao encontro com os amigos, criando, aos poucos, equipamentos urbanos necessários para a consolidação daquele espaço urbano.

O crescimento econômico, político e populacional associado ao espírito de liderança do Padre Luis Sponchiado fortaleceu a emancipação política daquele povoado, a qual se deu em 29 de julho de 1960, constituindo, então, em sede do município a cidade novapalmense.

A malha urbana, em 1970, mostrou-se articulada e centralizada em torno da igreja. Ampliam-se os fluxos e a circulação de mercadorias e pessoas, gerando a criação de novas estruturas urbanas como hotel e a Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda. Assim, o aumento dos equipamentos urbanos e a criação de novas atividades e estabelecimentos comerciais, juntamente com a emancipação municipal, oxigenaram o crescimento da cidade. (Ilustração 20).



Ilustração 20: Cidade de Nova Palma/RS em 1970.

Fonte: Centro de Pesquisa Genealógica de Nova Palma.

Com isso, o perímetro urbano se expande horizontalmente. A população se adensou em torno das atividades, agora mais complexas como a cooperativa, bancos, indústrias e rede de lojas. O traçado das ruas encontra-se, neste período, mais articulado, permitindo e facilitando a acessibilidade no interior da cidade (Ilustração 21). A malha urbana, por sua vez, expandiu-se no

sentido leste/oeste, especialmente pela presença da cooperativa, que se instalou distante do centro da cidade e favoreceu tal expansão.



Ilustração 21: Cidade de Nova Palma/RS em 1992.

Fonte: Centro de Pesquisa Genealógica de Nova Palma

A periferia urbana passou a receber pessoas vindas de outros municípios ou do interior do município a partir da década de 2000, ocupando efetivamente a Planície Aluvial do Rio Soturno e redefinindo o centro urbano (Ilustração 22).



Ilustração 22: Cidade de Nova Palma/RS em 2007/2009.

Fonte: Google Earth- 2011.

A partir desta década, o governo municipal destinou recursos financeiros na construção de casas populares, garantindo acesso à moradia com a

construção de COHABs, que foram denominadas Raimundo Aléssio e Habitar Brasil.

Diante do contínuo crescimento urbano, a cidade se expande verticalmente, com a construção de pequenos prédios de estruturas modernas. Tendo em vista o relevo com forte declividade e com rios encaixados, a cidade de Nova Palma se desenvolve na Planície Aluvial do Rio Soturno, que vai apresentar certas limitações em relação a sua expansão e dificultando o crescimento horizontal, restando, como opção, moradias em apartamentos, fortalecendo o crescimento vertical da cidade (Ilustração 23).

Com isso, os órgãos responsáveis pelo planejamento urbano devem buscar novas soluções de crescimento urbano. Estas não devem comprometer o desenvolvimento local, minimizando os impactos ambientais e urbanos.



Ilustração 23: Fotografia da construção do prédio residencial/comercial de Nova Palma/RS.

Fonte: Trabalho de Campo (14/12/2010).

A morfologia urbana tem se articulado em uma área sujeita a inundações. A cidade está situada em uma área de risco onde muitas residências estão e são construídas às margens do Arroio Portela e Rio Soturno. Tal situação tem merecido cuidados pelos constantes transbordamentos dos rios próximos a cidade, causando problemas urbanos no município.

Entre 2009 e 2010, expandem-se os serviços e equipamentos urbanos. Recentemente, um ginásio poliesportivo, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cândida Zasso, e uma creche municipal foram construídos. Neste período, as instalações do posto de saúde municipal e hospital foram ampliados. A estação rodoviária também está em construção, a fim de atender a demanda populacional e o aumento de fluxos intermunicipais.

Assim como os equipamentos urbanos são ampliados, as atividades econômicas e prestação de serviços também adquirem novas proporções no município. Entre as novas estruturas instaladas na cidade, destacam-se a Agência bancária CRESOL, a Padaria Brilhante e a DURABLE (indústria de telhas e matérias de concreto). Diante disso, observa-se que a cidade apresenta um desenvolvimento principalmente urbano, já que a malha urbana encontra-se em constante crescimento, tanto de residências como de serviços e de atividades econômicas.

Em suma, a estruturação urbana de Nova Palma se dá em função da agricultura e surge como um pequeno povoado com características comerciais agrícolas. Em torno desta atividade rural, a cidade se expande e adquire novos papéis urbanos, especialmente com o desenvolvimento da CAMNPAL, que atua como um agente na (re) estruturação urbana.

4.2. A influência da CAMNPAL na (re) estruturação urbana de Nova Palma.

As dinâmicas responsáveis pela CAMNPAL, no município de Nova Palma, permitiram a reconfiguração espacial do tecido urbano, tendo em vista que a cooperativa acaba se instalando na área urbana ainda pouco povoada. Assim, as novas residências e estabelecimentos comerciais instalam-se próximas a ela, expandindo a malha urbana.

A CAMNPAL teve um papel fundamental na expansão urbana, seja pela desconcentração das atividades industriais, comerciais e residencial, seja por proporcionar novos empregos, através dos seus estabelecimentos comerciais ou ainda pelo desenvolvimento local/regional.

A cooperativa contribuiu para a geração de empregos, tanto direta como indiretamente caracterizados pelos empregos em seus estabelecimentos

comerciais ou pelos serviços terceirizados prestados à CAMNPAL. Os serviços terceirizados tanto podem ser os serviços de empresas e pessoas como o transporte especializado do leite *in natura*, que transporta o produto *in natura* do meio rural novapalmense até a CAMNPAL e da cooperativa até o município de Fazenda Vilanova, onde o leite é industrializado e embalado na marca Bella Dica, por uma empresa terceirizada. Os serviços terceirizados podem ser também em relação ao fluxo de mercadorias, principalmente a soja em grãos, que é transportada até o porto de Rio Grande, sendo lá comercializada com outras empresas e industrializada para, posteriormente, ser exportada. Essas dinâmicas retratam o crescimento da CAMNPAL para o aumento e geração de novos empregos, tanto no âmbito local como regional, contribuindo para o desenvolvimento tanto de Nova Palma como da região.

No município novapalmense, a expansão das atividades e negócios da CAMNPAL contribuiu também para o surgimento de novas empresas e a vinda de outras para cidade como a instalação das agências bancárias ligadas a empréstimos rurais: SICREDI (instalada em Nova Palma em 1981 para atender os associados da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda e as atividades da cooperativa) e a criação da Cooperativa de Transportadores Autônomos de Nova Palma, COTRAPALMA (fundada em 2006). Esta cooperativa trabalha no transporte dos produtos agrícolas, especialmente da CAMNPAL, para outras áreas do estado e país e, sobretudo, para o porto de Rio Grande, além de trabalhar com outras empresas ou fazendas de outros estados brasileiros no transporte de produtos agrícolas. A outra agência, denominada CRESOL (instalada em 2010), também atende aos financiamentos dos pequenos agricultores locais. Além disso, a CAMNPAL representa um importante ator local, pois, diante do seu dinamismo econômico, busca, junto aos órgãos públicos, melhorias de infra-estrutura para melhorar a qualidade de seus serviços.

A CAMNPAL representa também um ator frente ao desenvolvimento local, já que é um grande estabelecimento e os poderes locais tendem a agir politicamente frente aos interesses da cooperativa e dos maiores produtores rurais de soja do município novapalmense, podendo ser considerados atores locais no desenvolvimento e nas políticas públicas.

Cabe abordar ainda que o fortalecimento da cooperativa e a ampliação dos negócios por ela realizados no espaço novapalmense têm contribuído também para o enfraquecimento de outros estabelecimentos comerciais e para a fusão¹³ de outros mercados, a fim de manter a concorrência com os produtos e inovações da cooperativa agrícola. Um caso típico da cisão de dois mercados de Nova Palma é a formação do “Super Nova Palma”.

A expansão da área de influência e dinâmica da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda tem reorganizado não somente o espaço rural e urbano, mas também as atividades comerciais, resultando na concentração das atividades econômicas e na participação da CAMNPAL no cenário do comércio internacional, estando inserida em uma rede de empresas e serviços (Ilustração 24).

Santos (1979, p.47) afirma que “(...) a rede urbana é um conjunto de aglomerações produzindo bens e serviços junto com uma rede de infraestrutura de suporte e com os fluxos que, através desses instrumentos de intercâmbio, circulam entre as aglomerações”.

As redes são o conjunto de centros urbanos e indústrias articuladas e com funções diversas que se mantêm conectadas pelas redes de comunicação e transporte por onde fluem mercadorias, informações e pessoas.

Assim, a CAMNPAL estabelece uma conexão com várias empresas gaúchas e importação de produtos de fora do país, como, por exemplo, o sêmen bovino importado da França e a lentilha e o feijão (a produção desse grão tem sido insuficiente para atender a demanda de consumidores das marcas Bella Dica e Caldo de Ouro¹⁴), importados da Argentina e de outros países. A CAMNPAL também fornece seus produtos às empresas localizadas no Porto de Rio Grande, de onde serão exportados para os demais países (Ilustração 24).

SAGGIN, et. al. (2010) ressalta que “os produtos Bella Dica e Caldo de Ouro chegam às diversas regiões do Rio Grande do Sul e do Brasil através do

¹³ Conforme a Lei nº 6.404/76, no art.228, o termo **fusão** designa a união de duas ou mais empresas gerando uma nova e única grande empresa.

¹⁴ As marcas Bela Dica e Caldo de Ouro são as marcas próprias da CAMNPAL; os produtos com a marca da cooperativa são fornecidos para os consumidores de todo o Rio Grande do Sul e inclusive de outros estados Brasileiros.

trabalho de uma equipe de representantes. A logística de entrega é totalmente feita por caminhões da cooperativa”.

Com isso, nota-se a dinâmica da cooperativa e as relações econômicas da mesma no cenário global. Alguns dos produtos citados são exportados, a fim de entender a lógica comercial e econômica da CAMNPAL localmente, regionalmente e globalmente.

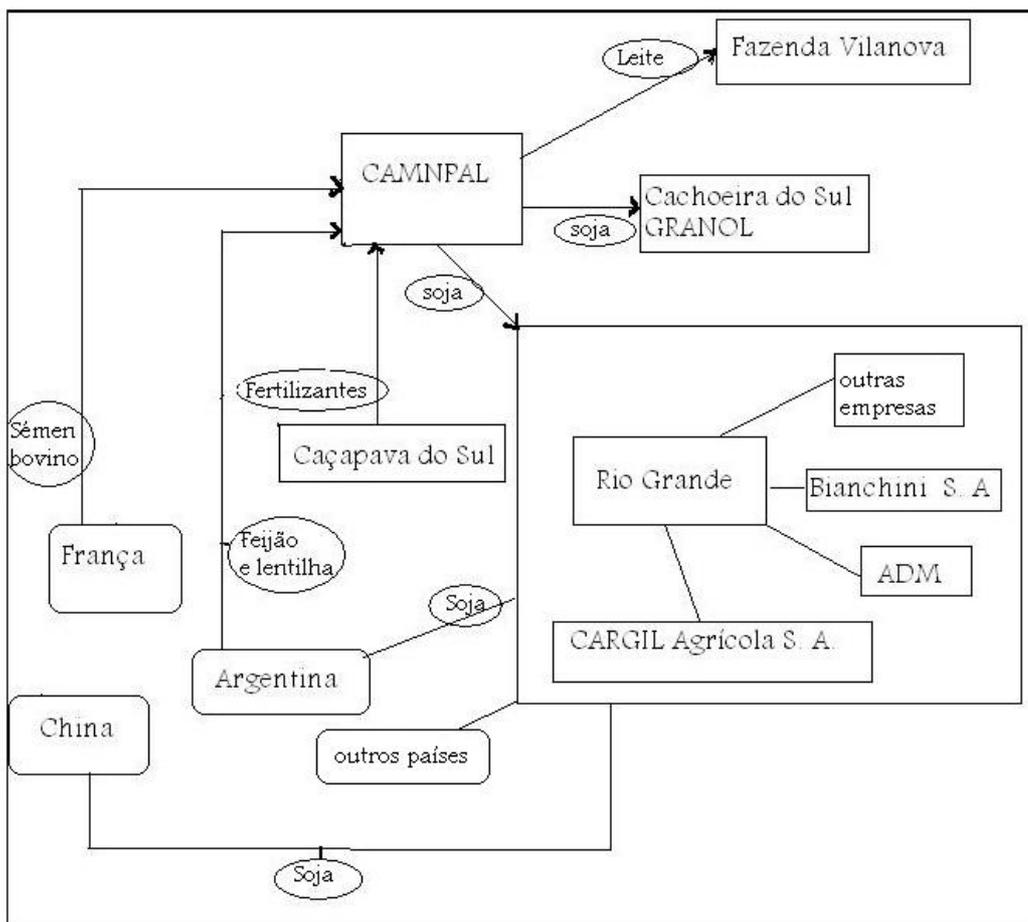


Ilustração 24: Esquema da Comercialização da CAMNPAL - 2010

Fonte: Dados da CAMNPAL – 2010

Org.: MANFIO, Vanessa

A soja *in natura* é levada da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana para o Porto de Rio Grande, onde o produto é fornecido para as indústrias: Bianchini S.A., Cargil S. A., ADM, entre outras. Estes produtos são exportados para outros países, especialmente China e Argentina. A CAMNPAL também comercializa soja *in natura* para a indústria GRANOL, de Cachoeira do Sul. Nas cidades de Rio Grande e Caçapava do Sul, a CAMNPAL compra respectivamente, fertilizantes e calcário, cujo destino será para comercialização

da cooperativa com os produtores rurais da região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Mesmo apresentando decréscimo entre 2006 e 2008, a atividade econômica com maior expressão no município de Nova Palma é a indústria de transformação. Esta representava 54,10% da participação nas atividades econômicas no valor adicionado do município em 2008, seguida das atividades de produção e extração animal e vegetal, nas quais estão incluídas a agricultura e pecuária, com participação de 24,63%, que apresentou acréscimo no período de 2006 a 2008.

O comércio atacadista está em terceiro lugar na participação das atividades econômicas do município, cuja participação representava 7,41. O comércio atacadista apresentou um aumento significativo em relação ao ano de 2006, já que, em 2006, o valor adicionado era de R\$ 6500104,78 passando, em 2008, para R\$ 8440725,20 (Tabela 6).

As duas primeiras atividades reforçam que o município de Nova Palma tem sua base econômica ligada ao campo, tornando, assim, a cidade dependente do mesmo e intensificando as relações urbano/rural.

Sem dúvidas, a CAMNPAL (indústria de beneficiamento e transformação dos produtos agrícolas) exerce um papel muito importante no município, tanto no campo como na cidade, um papel onde é a maior arrecadadora de receitas financeiras no âmbito municipal.

Observa-se que as Indústrias de montagem e Acondicionamento tinham, no período, estudado participação nula nas atividades econômicas de Nova Palma. As demais atividades como o comércio varejista, indústria de beneficiamento, serviços e outras categorias apresentavam pouca participação na economia municipal.

O setor de serviços e outros se encontravam em penúltimo lugar no período em questão, ressaltando as características de município agrícola. Por último, temos a extração mineral, apresentando uma queda bem expressiva no período analisado.

Tabela 6: RS: Nova Palma- Valor adicionado por atividade econômica e percentual de 2006 a 2008.

Atividade Econômica	Valor adicionado em R\$ (para cada atividade no município)			(% participação de cada atividade no município)	
	2006	2007	2008	2007	2007
Prod. e extr.animal e vegetal	20 043 861,21	26 222 459,56	33 975 534,19	24,63	29,84
Ind. extrativa mineral	94 316,66	85 848,23	27 010,00	0,08	0,02
Ind. transformação	62 659 771,33	56 223 759,60	61 591 436,06	52,82	54,10
Ind.beneficiamento	1 189 879,37	1 234 617,84	1 474 155,79	1,16	1,29
Indústria de Montagem	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Ind acondiona e recondiona	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Comércio atacadista	6 500 104,78	14 287 974,92	8 440 725,20	13,42	7,41
Comércio Varejista	4 727 794,74	5 041 207,27	4 803 615,79	4,72	4,21
Serviços e outros	3 222 512,76	3 328 790,88	3 518 031,76	3,12	3,09
Valor adicionado total	98 438 240,85	106 424 658,30	113 830 508,79	100,00	100,00
Participação do município no estado	0,092619	0,087977	0,083644		

Fonte: Prefeitura Municipal de Nova Palma/RS – 2010

Assim, o desenvolvimento da Cooperativa também representa o crescimento econômico de Nova Palma e da região. Segundo entrevistas realizadas na saída de campo do presente trabalho, a CAMNPAL também prevê novos investimentos no município de Nova Palma para este ano e para os próximos. Entre eles, destacam-se a ampliação das estruturas de armazenagem e frigorífico e a abertura de um novo negócio pela cooperativa na cidade, onde antigamente estava localizado o supermercado Librelotto, espaço comprado pela cooperativa, além da ampliação da sede de Dona Francisca. Este novo empreendimento será de comercialização de eletrodomésticos e pneus¹⁵.

A Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda proporcionou a redefinição do papel urbano de Nova Palma. Anteriormente a criação da cooperativa, cidade se resumia a simples troca de mercadorias em condições precárias, destacando apenas a presença de algumas casas comerciais, já citadas no item anterior. No entanto, com a dinâmica da CAMNPAL, o urbano passa a desempenhar o papel de comercialização, industrializando agrícola e circulação de mercadorias em âmbitos locais e regionais, conectando Nova Palma ao global.

4.3. O uso do solo urbano de Nova Palma/RS.

O espaço urbano é o lugar onde estão materializadas as atividades políticas, econômicas e administrativas. Segundo Corrêa (2002),

A cidade é um local onde ocorrem diversas maneiras de utilização da terra, onde os homens, com seu poder de explorar e modificar as coisas, transformam a natureza em edifícios, casas, indústrias, e fazem do espaço da cidade um “local de concentração da atividade comercial, de serviços e de gestão”. (CORRÊA, 2002, p.42).

Assim, o estudo dos papéis urbanos torna-se importante para o conhecimento das dinâmicas da cidade, sendo fundamental para as pequenas cidades, onde estes papéis são fracamente percebidos, mas exercem uma importância para o local.

¹⁵ Em anexo, encontra-se uma reportagem do Jornal cidades do Vale com o Presidente da CAMNPAL a respeito dos novos investimentos econômicos da cooperativa que reforçam as afirmações dadas deste trabalho.

As cidades menores geralmente não atendem todas as necessidades da sociedade municipal. Com isso, estas pequenas cidades acabam exercendo relações com centros maiores, que fornecem os equipamentos e serviços urbanos necessários aos pequenos municípios.

As cidades de níveis mais elevados na hierarquia urbana ocupam posições geoeconômicas privilegiadas, pois apresentam funções mais especializadas e melhor infra-estrutura (Batella; Diniz, 2006).

Neste contexto, a cidade novapalmense busca atendimento médico-hospital, educacional, serviços jurídicos, entre outros, no centro maior Santa Maria. Outros centros maiores na região são Júlio de Castilhos e Cachoeira do Sul. Estes dois últimos centros são pouco procurados pelos habitantes novapalmenses. Santa Maria exerce uma atração de serviços maiores sobre Nova Palma e a Quarta Colônia de Imigração Italiana (Ilustração 25).

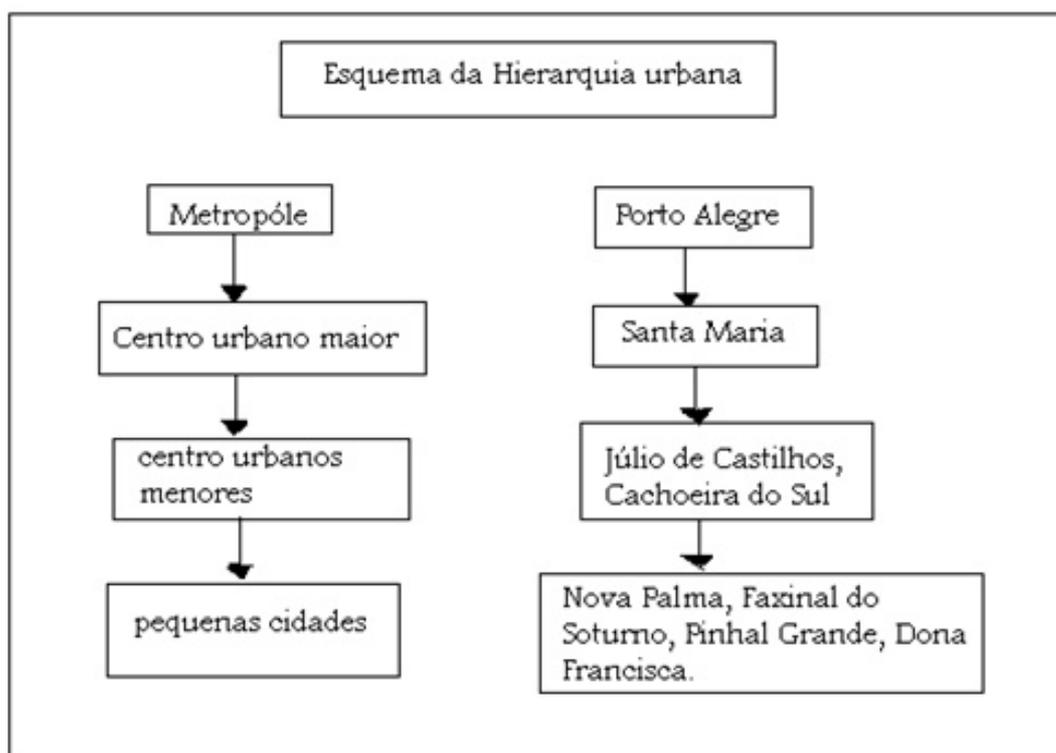


Ilustração 25: Esquema da Hierarquia Urbana de acordo com Milton Santos.

Fonte: Trabalho de Campo (10/11/2010)

Org.: MANFIO, Vanessa

No entanto, Nova Palma também busca serviços e equipamentos urbanos mais complexos na capital gaúcha, Porto Alegre, principalmente,

serviços hospitalares. Assim, estabelece relações com outros municípios, estados e países.

Morfologicamente, a pequena cidade de Nova Palma está localizada na cota altimétrica mais baixa do município, no vale formado pelo Rio Soturno que corta a cidade, juntamente com seu afluente Arroio Portela. O solo urbano apresenta dois bairros: centro, barracão e duas COHAB (Habitar Brasil e Raimundo Alessio).

O uso do solo urbano mostra a ocupação urbana em residências, estabelecimentos comerciais, indústrias, pontos de lazer e outros serviços que se reestruturaram ao longo dos anos, dados os processos históricos e socioeconômicos atuantes neste espaço. Este uso do solo urbano é observado pelos equipamentos urbanos presentes na cidade.

Em relação ao solo urbano, a planta da cidade de Nova Palma revela ter um formato irregular, indicando que a cidade cresceu de forma desordenada. Pode-se observar isto pela falta de planejamento na construção de residências praticamente nas margens do Arroio Portela e do Rio Soturno, gerando inúmeros problemas ambientais e sociais, entre eles, as enchentes, a poluição dos cursos d' água e assoreamento dos rios (Ilustração 26).

Outro aspecto que reforça a forma desordenada e irregular de crescimento da cidade deve-se as indústrias estarem dispersas pelo tecido urbano. Algumas estão próximas do Rio Soturno e Arroio Portela.

Conforme a ilustração 26, as indústrias do solo urbano encontram-se localizadas próximas ao Rio Soturno e Arroio Portela, devido à disponibilidade de recursos hídricos e também por encontrar nos cursos d' água local de descartes dos resíduos.

Porém, a ocupação das margens do Rio Soturno e Arroio Portela geram problemas urbanos de áreas de risco, contaminação hídrica e assoreamento dos cursos d' água, que, associados às fortes chuvas, podem resultar em enchentes¹⁶.

¹⁶ Em janeiro de 2010, o município de Nova Palma foi atingido por uma enchente que deixou o espaço urbano danificado, muitas casas foram destruídas, além do calçamento de ruas próximas ao Arroio Portela e Rio Soturno. Mais detalhes podem ser conferidos nas reportagens do Jornal a ARAZÃO: **Efeito cascata transborda Nova Palma**. Disponível em: <http://www.arazao.com.br/2010/01/19/efeito-cascata-transborda-nova-palma/>. E Correio do Povo: **Águas arrastam 12 casas em Nova Palma, no Centro do RS**. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=80429>.

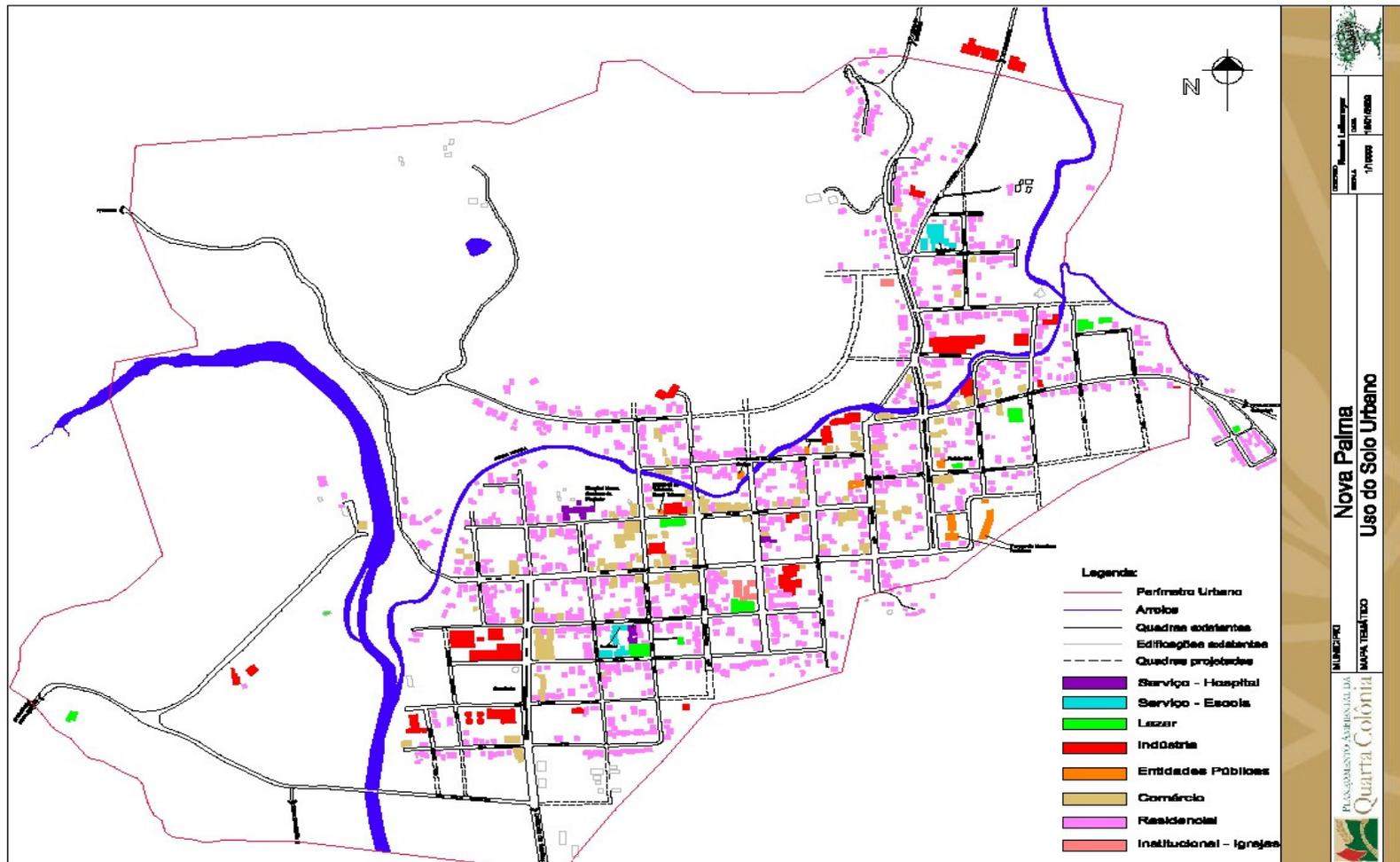


Ilustração 26: Mapa da cidade de Nova Palma/RS, 2008.
 Fonte: Planejamento Ambiental da Quarta Colônia.- 2008

A malha urbana novapalmense vai se estruturando e crescendo horizontalmente nas primeiras décadas do século XX, ocupando os espaços planos do interflúvio do Rio Soturno e do Arroio Portela. Nas margens dos cursos d' água, a mata ciliar e a floresta nativa foram sendo paulatinamente substituídas por residências e construções diversas. Ainda, a especulação imobiliária, com a elevação dos preços dos imóveis, terrenos e casas, tem contribuído para a perspectiva de verticalização do solo urbano novapalmense.

Na atual década, observa-se a tendência de verticalização do urbano, com a construção de prédios residenciais de novas estruturas. A falta de espaço para a expansão urbana leva, assim, a construção de estruturas mais complexas e verticais.

Ao analisar a ilustração 26, observa-se ainda a concentração dos serviços de comércio na porção centro-oeste do tecido urbano de Nova Palma, expandindo-se, possivelmente, para direção oeste. Em 2010, as transferências da loja Scarpy Calçados para o novo prédio e a inauguração da padaria Brilhante, na área oeste da cidade, demonstram uma possível desconcentração dos serviços comerciais do centro e uma possível alocação dos serviços no oeste da malha urbana.

Quanto aos equipamentos urbanos, destacamos as escolas, as praças e campos de futebol, posto de saúde e hospital, transportes, telefones, igrejas, postos policiais, centros comunitários, entre outros.

Atualmente, a cidade, com seus dois bairros, atende as necessidades da população local em relação aos equipamentos urbanos (Quadro 3).

No âmbito educacional, destacam-se a Escola Estadual de Educação Básica Tiradentes, localizada no bairro centro e responsável pelo ensino fundamental e médio, e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Cândida Zasso, localizada no bairro barracão e responsável pela educação infantil e fundamental. A creche municipal, junto à escola municipal da cidade, ainda está em construção.

Na área da saúde, há um hospital na cidade, o Hospital Nossa Senhora da Piedade, além de um posto de saúde recentemente ampliado e o CAPs (Centro de Atenção Psicossocial), atendendo os portadores de alcoolismo e

drogas de toda região da Quarta Colônia/RS, ambos localizados no bairro centro.

Equipamentos urbanos e serviços	Bairro centro	Bairro Barracão
Praças, quadras esportivas	x	
Ginásio de Esportes		x
Posto de saúde	x	
Hospital	x	
Hotel e pousada.	x	
Posto Policial	x	x
Igrejas, grutas, capelas.	x	x
Agencias bancárias	x	
Escolas	x	x
Centros comunitários, clubes.	x	x
Academias de esportes	x	
Indústrias	x	x
Farmácia	x	
Lazer, turismo, cultura	x	x
Correios, Rodoviária	x	
Áreas verdes	x	x
Telefones públicos	x	x
Supermercados e lojas	x	

Quadro 3: A distribuição dos serviços e equipamentos urbanos de Nova Palma

Fonte: Prefeitura Municipal de Nova Palma

Org. Manfio, Vanessa

Entretanto, pelo fato da cidade possuir poucos habitantes e aos bairros espacialmente serem próximos, a existência de apenas um hospital e posto de saúde é suficiente para suprir as condições mínimas de serviços médicos-hospitalares, embora haja precariedade de médicos especialistas (apenas a presença de clínicos gerais). A população desloca-se para Santa Maria em busca de especialistas nas diversas áreas médicas como cardiologistas, traumatologistas, oftalmologistas, mastologistas, entre outros.

No contexto de lazer e esportes, destacam-se as praças Padre João Zanella e Zero Hora, ambas no bairro centro, e dois ginásios de esportes, Ginásio Municipal de Esportes e Ginásio Cândida Zasso, localizados no bairro barracão. O Balneário Municipal de Nova Palma representa no verão um ambiente de lazer da população local e regional (Ilustração 27 e 28).



Ilustração 27: Fotografia da Praça Padre João Zanella
Fonte: Prefeitura Municipal de Nova Palma- (Francieli Rebelatto).



Ilustração 28: Fotografia do Balneário Municipal de Nova Palma
Fonte: Prefeitura municipal de Nova Palma

De forma geral, estes equipamentos estão alocados nos dois bairros da pequena cidade, bairro centro e bairro barracão, atendendo as necessidades básicas da população. No entanto, com a expansão urbana, caberá futuramente a reconfiguração espacial dos bairros.

No aspecto religioso, destaca-se a presença das igrejas Santíssima Trindade (Ilustração 29), centro comunitário Nossa Senhora da saúde, ambas no bairro centro, e o centro comunitário Nossa Senhora Medianeira e Igreja do Caravaggio, no bairro barracão, reforçando a religiosidade local.



Ilustração 29: Fotografia da Igreja Matriz Santíssima Trindade
Fonte: Prefeitura Municipal de Nova Palma

Ao analisar o Quadro 3, nota-se que as principais atividades urbanas e comerciais (os serviços bancários, médicos-hospitalares, circulação de informação e transporte – Correio e Rodoviária) ocorreram no centro da cidade novapalmense.

Ressalta-se, no entanto, as precariedades nos serviços hoteleiros e de telefonia. Na cidade, faltam hotéis e pousadas para atender os visitantes, que, muitas vezes, precisam se hospedar na cidade mais próxima, Faxinal do

Soturno ou Santa Maria. Para uma cidade que pertence a uma rota turística, o planejamento dos equipamentos urbanos como hotéis e restaurantes seriam essenciais para o desenvolvimento turístico.

Quanto aos serviços de telefonia, pode-se dizer serem precários os sistemas de internet e telefone, em decorrência da falta de ampliação das redes de comunicações e da instalação de novos serviços, dificultando o acesso da população aos meios de comunicação.

Para haver desenvolvimento local, é essencial uma infra-estrutura, especialmente serviços de telefonia e internet, cujas redes de informação são rápidas e possibilitam os lugares mais competitivos, assim como a diversificação dos equipamentos urbanos representa qualidade de vida e melhoria dos espaços.

Ao abordar o potencial de desenvolvimento e de redes de comunicações, os autores Milton Santos e Maria Laura Silveira¹⁷ diferenciam os lugares em espaços luminosos e espaços opacos, onde espaços luminosos são aqueles bem servidos de redes de telecomunicações, transporte, infra-estrutura urbana. Entretanto, os espaços opacos são os desprovidos destes serviços e de precários equipamentos urbanos e infra-estrutura (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

Assim como o espaço global se moderniza e assume novas formas de circulação tanto de mercadorias, informações e pessoas, a fim de estabelecer várias relações e complexas estruturas urbano-comerciais, caberá à pequena cidade inserir-se na modernização do espaço, para que estes espaços sejam também luminosos e não meramente opacos.

Em suma, a pequena cidade novapalmense apresenta equipamentos urbanos assegurando as necessidades da população local, embora apresente precariedades dos sistemas de informação e hotelaria. O urbano apresenta-se estruturado de forma irregular em crescimento constante. Mediante a falta de espaços para essa expansão urbana, mostram-se perspectivas de crescimento vertical, principalmente quanto às moradias.

¹⁷ Os espaços luminosos e opacos são abordados no livro, O Brasil: território e sociedade no início do século XXI, de Milton Santos e Maria Laura Silveira, 2001.

Através do desenvolvimento urbano e municipal, a cidade passa a investir e adquirir outros papéis urbanos, entre eles, o turismo (por pertencer à Região turística da Quarta Colônia/RS), não apenas os papéis atrelados ao espaço rural, mas sim novas funções urbanas ou pelo menos funções urbanas paralelas.

Sem dúvida, esta expansão da cidade tem como principal agente da re-estruturação urbana novapalmense a CAMNPAL, impulsionando o desenvolvimento local e regional e desencadeando novos papéis urbanos (a comercialização e industrialização agrícola), além de conectar a cidade ao espaço global.

Cabe ressaltar que o desenvolvimento dos papéis urbanos locais de Nova Palma dependerá, principalmente, do desenvolvimento da infra-estrutura e serviços de informatização e telecomunicação. Caso contrário, a inviabilidade de comunicações dificulta o crescimento de grandes estruturas econômicas e redes, que servem de “ganchos” do progresso local e regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dinâmicas das grandes cidades obtiveram sempre atenção nos estudos geográficos esquecendo-se dos pequenos espaços urbanos que exercem atividades também importantes na região a que pertencem. Recentemente a geografia tenta desvendar as funções e papéis das cidades locais, embora ainda tenham-se poucas discussões e conceitos teóricos em relação a esta escala espacial.

Durante muito tempo a Geografia negligenciou a sua importância no contexto regional dada a pouca visibilidade que possuíam, tal interpretação só adquire outra conotação quando muda a noção de tempo/espaço.

As pequenas cidades apresentam especificidades muito peculiares; são mais tranquilas, os moradores se conhecem, possuem menor circulação de mercadoria, pessoas e informações, mas ao mesmo tempo estas pequenas cidades podem exercer uma função importante na região ou a rede urbana à que pertence.

A pesquisa ora concluída contemplou temáticas, cuja interpretação viabilizou o entendimento das pequenas cidades, especialmente o espaço urbano de Nova Palma/RS.

A trajetória da colonização região central do Rio Grande do Sul, a Quarta Colônia de Imigração Italiana, contribuiu para o surgimento de núcleos coloniais destinados ao cultivo agrícola em pequenos lotes rurais. No entanto, as constantes necessidades de comércio dos produtos agrícolas, fez surgir à formação de um aglomerado urbano.

Sucessivamente a tentativa de união dos produtores rurais fez acontecer a cooperativa (Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda) contribuindo para o comércio local, o qual ao longo dos anos firmou-se como um complexo comercial. Tais funções atingem atualmente toda a região da Quarta Colônia de Imigração Italiana e estabelece uma rede local/regional e global. Assim, a cidade novapalmense se organiza espacialmente mediante a uma atividade econômica, a agricultura.

Ao analisar os aspectos passados procurou-se entender melhor as atuais dinâmicas e transformações do espaço. O estudo da estruturação urbana serviu de base para a compreensão da (re) estruturação da cidade mediante a expansão da cooperativa. Ainda, a colonização italiana na região central atribuiu características no espaço novapalmense, essenciais ao desenvolvimento rural e também da cooperativa em questão.

Através do desenvolvimento da CAMNPAL a cidade de Nova Palma apresentou notório crescimento econômico e expansão do tecido urbano. O urbano passa a desempenhar novas atividades e papéis, principalmente de comercialização, beneficiamento, armazenamento da produção agrícola. Ainda, se destaca o turismo, a criação de indústrias locais, tais atividades aumentam significativamente o setor terciário de prestação de serviços, notadamente dos estabelecimentos bancários.

O nível das negociações da CAMNPAL sobre o espaço gaúcho impulsiona a formação de uma rede comercial, a qual conecta a pequena Cidade de Nova Palma a outras cidades gaúchas, bem como as empresas localizadas no Porto de Rio Grande/RS, e a outros países devido às relações de importação/ exportação da cooperativa.

Assim como, os novos investimentos da cooperativa no solo urbano de Nova Palma tendem a proporcionar o crescimento da cidade, a centralização do comércio seja de produtos agrícolas ou de produto diversos, acirram ainda mais a concorrência local no âmbito comercial. Tais ações vêm interferir nos equipamentos urbanos, quando são exigidos novos equipamentos. Por exemplo, a cidade novapalmense construiu centros comunitários, quadras esportivas e praças, creche municipal, proporcionando infraestrutura para a população local.

Aos poucos a cidade vai adquirindo morfologias mais complexas, prédios e equipamentos, típicos de centros urbanos maiores. Elementos que estão ligados a agricultura e que permanecerá como principal eixo econômico, face a forte dependência do urbano em relação ao rural.

A Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda certamente é o agente na (re) estruturação urbana de Nova Palma, no desenvolvimento local e regional e no aceleração de novas possibilidades econômicas.

As mudanças ocasionadas pelas novas exigências do mercado fazem pensar na expansão da malha urbana com planejamentos e estudos a fim de, garantir um equilíbrio sócio-ambiental evitando assim, problemas e conflitos futuros em virtude das dinâmicas ambientais, já que a cidade está localizada no interflúvio do Rio Soturno e Arroio Portela, cujo solo é marcado por forte declividade dificultando a expansão da área urbana.

Assim, as perspectivas de desenvolvimento e trajetórias que o espaço urbano tomará, dependerão dos atores locais, dos estudos, pesquisas e das políticas públicas, nas quais aproveitando os potenciais locais e respeitando as fragilidades imposta pelo meio ambiente permitirão que a cidade continue crescendo e se desenvolvendo constantemente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. **O Futuro das Regiões Rurais**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ALMEIDA, A. P. **A Percepção da Paisagem Urbana de Santa Maria/RS e os sentimentos de Topofilia e Topofobia de seus moradores**. 2007. 118f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

ALVES, A. G. M. P. **As cooperativas agropecuárias e o BRDE: Histórico, situação atual e perspectivas**. Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, Porto Alegre, 2003.

ALVES, P. et. al. **O Planejamento Urbano e sua aplicabilidade em pequenas Cidades: o estudo de caso do município de Santa Vitória – MG**. In: 4ª Semana do Servidor e 5ª Semana Acadêmica. Universidade Federal de Uberlândia. 2008. Disponível em: <http://www.ic-ufu.org/anaisufu2008/PDF/SA08-10779.PDF>. Acesso em: 14 set. 2009.

ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Atlas**. Disponível em: <<<http://www.seplag.rs.gov.br/atlas/atlas.asp?menu=26>>>. Acesso em: 20 Mar. 2010.

BACELAR, W. K. de A. **As pequenas cidades no Brasil e no Triângulo Mineiro**. Encontro de Geógrafos da América Latina 10. **Anais...**, São Paulo, 2005. 1 CD-rom.

_____. **A Pequena Cidade nas Teias da Aldeia Global: Relações e especificidades sóciopolíticas nos municípios de Estrela do Sul, Cascalho Rico e Grupiara – MG**. 2008. 411f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

BAGLI, P. Rural e Urbano: Harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPÓSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (org.) **Cidade e Campo: Relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão popular, 2006. p. 81-110.

BATELLA, W. B.; DINIZ, A. M. A. Desenvolvimento humano e hierarquia urbana: uma análise do IDH-M entre as cidades mineiras. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. V. 6, N. 2, set. 2006. Disponível em: <<http://eduep.uepb.edu.br/rbct/sumarios/pdf/IDH.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2010.

BATTISTELLA, L. F. **A experiência vivida pelo ser-gestor no Desenvolvimento regional em um consórcio de Pequenos municípios**. 2006. 278f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

BENADUCE, G. M. C. **Intensificação das Redes de Informações e Novas Espacialidades no Paraná**. 1999. 212f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1999.

BERNADELLI, M. F. da. H. **Pequenas cidades na região de Catanduva – SP: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias**. 2004. 384f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

_____. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: Maria Encarnação Beltrão Spósito; Arthur M. Whitacker. (org.) **Cidade e Campo: Relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão popular, 2006. p. 33- 52.

BARQUEIRO, A. V. **Desenvolvimento Endógeno em Tempos de Globalização**. Porto Alegre: FEE, 2001,

BUARQUE, S. C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. Brasília, jun. 1999. Disponível em: http://www.apodesc.org/sites/documentos_estudos/arquivos/PlanejMetodologia%20de%20planejamento%20do%20desenvolvimento%20local%20e%20municipal%20sustentavel-Sergio%20Buarque.pdf. Acesso em: 30 de out. 2010.

BOURLEGAT, C. A. Le. Ordem local como força interna de desenvolvimento. **Interações**. V. 1, N. 1, p.13-20, set. 2000.

BRASIL. **Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5764.htm. Acesso em: 25 set. 2010.

BRUM NETO, H. **Regiões Culturais: A construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha**. 2007. 328f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

CALLAI, H. C. A Cidade e a (re) Criação da Relação Homem-Natureza. **Ciência e Ambiente**. Ano IV, n. 7, jul/dez. 1993.

CAMNPAL. **Nova Palma**. Disponível em: <[http:// www.camnpal.com.br](http://www.camnpal.com.br)>. Acesso em: 16 de out. 2009.

CAMPOS JR. L. de C. **O cooperativismo no Vale do Paranapanema: estudo das cooperativas- Riograndense, agropecuária de Pedrinhas Paulista e coopermota- Marília: UNIMAR; São Paulo: Editora ciência & arte, 2000.**

CARBONI, F.; MAESTR, M. (org.). **Raízes Italianas no Rio Grande do Sul (1875-1997)**. Passo Fundo: UPF, 2000.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CARLOS, A. F. A.; LEMOS, A. I. G. (org.). **Dilemas urbanos**: novas abordagens sobre cidades. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. A questão da cidade e do campo: teorias e política. **Mercator**, ano 03, n. 05, 2004. Disponível em: <<<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/>>>. Acesso em 07 nov. 2009.

CENCI, A. **Análise do Perfil das agroindústrias familiares situadas na Região do CONDESUS**. 2007. 139f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

CORRÊA, R. L. **A Rede Urbana**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2002.

CRÚZIO, H. de O. **Como organizar e administrar uma cooperativa**: uma alternativa para o desemprego. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

DE BONI, L. A.; COSTA, R. **Os imigrantes italianos**. Porto Alegre; Caxias do Sul: EST; UCS, 1979.

DECIAN, I. dos A. da S. **Aplicação de Geotecnologias no Planejamento de Unidade Político-Administrativa Municipal**. 2005. 80f. Dissertação (Mestrado em Geomática) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

DESCOVI FILHO, L. L. V. **Mapeamento de Unidades de Relevo da Sub-bacia Hidrográfica do Rio Soturno/RS**. 2007. 64f. Monografia (Monografia em Geografia Bacharelado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

DIAS, L. C. Redes: Emergência e Organização. In **Geografia: Conceitos e Temas**. Org. Iná Elias de Castro; Paulo C. da Costa Gomes; Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro. RJ Ed. Berthand do Brasil SA. 1995. p. 141 -162.

ELIAS, D. **Meio Técnico Científico informacional e Urbanização na Região de Ribeirão Preto**. 1996. 293f. Tese (Doutorado em Geografia)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

ENDLICH, A. M. **Pensando os Papéis e Significados das Pequenas Cidades do Noroeste do Paraná**. 2006. 505f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

ENDLICH, A. M.; ROCHA, M. M. (Org.). **Pequenas cidades e desenvolvimento local**. Maringá: PGE, 2009.

ESTEVA, G. **Desenvolvimento**. In: SANCHS, Wolfgang. Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

FAGAN, S. **O Cooperativismo e o Desenvolvimento Sócio-Econômico: o caso da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda - CAMNPAL - RS - 1996 à 2005**. 2007. Monografia (Graduação em Economia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

FERRARI, R. BOLFE, S. A. PEREIRA, R. S. **Atlas escolar do município de Nova Palma – RS**. Santa Maria. Plugcenter. 2007.

FERRARI, R. **Modelagem dinâmica do uso e cobertura da terra da Quarta Colônia, RS**. 2008. 131f. Dissertação (Mestrado em Geomática) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

FERRARI, R. et. al. Conflitos no uso e cobertura da terra no município de Nova Palma, RS. **Ciência e Natura**, v. 30 (2), 127 - 139, 2008.

FIGUEIREDO, V. D. M. **Pequenos Municípios e Pequenas Cidades do Estado do Rio Grande do Sul: Contrastes, Perfil do Desenvolvimento e de Qualidade de Vida, 1980-2000**. 2007. 265f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas**. Porto Alegre. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/estatisticas/>>. Acesso em: 09 nov. 2009.

GIANEZINI et. al. **O cooperativismo e seu papel no processo de Desenvolvimento local: a experiência das cooperativas Agrícolas no médio norte de Mato Grosso**. In: 47 Congresso Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Porto Alegre, 26 a 30 jul. 2009.

GEIGER, P. P. A Urbanização Brasileira nos Novos Contextos Contemporâneos. In: GONÇALVES, M. F. (Org.) **O Novo Brasil Urbano: Impasses, Dilemas, Perspectivas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995. p. 23-40.

GIRON, L. S.; HERÉDIA, V. Cultura e religião. In: GIRON, L. S.; HERÉDIA, V. **História da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Est, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sidra**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br> >. Acesso em: 02 abr. 2010.

.Geociências.

Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br> >. Acesso em: 10 jun. 2010.

.@Cidades.

Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19 jun. 2010.

ITAQUI, J. (org.). **Quarta Colônia**: inventários técnicos. Santa Maria: CONDESUS, 2002.

LEFEBVRE, H. **O direito a cidade**. São Paulo: Documentos LTDA, 1969.

LIMA, J. C. O trabalho autogestionário em cooperativas de produção: o paradigma revisitado. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.19, n.56, out. 2004.

LINDNER, M. **Turismo rural e desenvolvimento local**: Estudo da rota gastronômica de Santa Maria - Silveira Martins, RS. 2007. 110f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

_____. Manifestações das ruralidades em pequenos municípios do Rio Grande do Sul. In: 1º simpósio de pós-graduação em geografia do Estado de São Paulo, 2008, Rio Claro. **Anais eletrônicos**. Rio Claro, UNESP, 2008. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/simpgeo/782-794michele.pdf>>. Acesso em: 20 de jul. 2010.

MANFROI, O. **A Colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, político e culturais. 2 ed. Porto Alegre: EST, 2001.

MARIN, J. (org.). **Quarta Colônia**: Novos olhares. Porto alegre: EST, 1999.

_____. Combatendo nos exércitos de Deus: as associações devolucionais e o projeto de romanização da igreja católica. In: MARIN, J. (org.). **Quarta Colônia**: Novos Olhares. Porto Alegre: EST, 1999. p.74-94.

MARIN, M. Z. **As transformações no espaço agrário e seus reflexos na agricultura familiar e sustentabilidade ambiental em Nova Palma/RS**. 2000. 204f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2000.

MARIN, M. Z.; CORRÊA, W. K. As transformações sócioespaciais na Quarta Colônia (RS) a partir da Década de 1990. **Geografia: Ensino e Pesquisa**, Santa Maria, v. 13, n. 2, p.148-155.

MARQUES, M. I. M. O conceito de espaço rural em questão. **Terra Livre**. São Paulo. ano 18, n. 19, p. 95-112, jul./dez. 2002. Disponível em: << <http://www4.fct.unesp.br/nera/usorestrito/MARTA.pdf>>>. Acesso em: 23 jun. 2010.

MARX, K. **O capital**. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

MELO, N. A. **Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (GO)**: análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas. 2008. 527f. Tese (Doutorado em Geografia)- Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

MOREIRA, R. **Repensando a Geografia**. In: SANTOS, M. (Org). Novos rumos da geografia brasileira. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOREIRA I. A. G.; COSTA, R. H. da. **Espaço & Sociedade no Rio Grande do Sul**. 4 ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1995. 110p.

NARDI, O. **O meio rural da Quarta Colônia de imigração italiana como tema e cenário turístico**. 2007. 189f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

PESAVENTO, S. J. **Rio Grande do Sul: Agropecuária colonial e industrialização**. Porto alegre: Mercado Aberto, 1983.

_____. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PICCIN, E. **O Código Cultural Religião Como Uma das Manifestações da Identidade Cultural da Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS**. 2009. 148f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

PORTAL QUARTA COLÔNIA. **Rotas Turísticas da Quarta Colônia**. Disponível em: <http://www.quartacolonia.com.br//>. Acesso em: 20 Nov. 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DONA FRANCISCA. **Dados do Município**. Disponível em: << <http://www.donafrancisca.rs.cnm.org.br> >> . Acesso em: 24 jul. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FAXINAL DO SOTURNO. **Dados do município**. Disponível em: <<<http://www.faxinal.com>>>. Acesso em: 20 jul. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IVORÁ. **Dados do Município**. Disponível em: <http://www.ivora.rs.gov.br> >. Acesso em: 15 ago. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PALMA. **Dados do município**. Disponível em: << <http://www.novapalma.rs.gov.br/>>>. Acesso em: 15 de ago. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PINHAL GRANDE. **Dados do Município**. Disponível em: <<<http://www.pinhalgrande.rs.gov.br> >>. Acesso em: 24 jun. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO POLÊSINE. **Dados do Município**. Disponível em: << <http://www.polesine.com.br/>>>. Acesso em: 25 jul. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SILVEIRA MARTINS. **Dados do Município**. Disponível em: <www.silveiramartins.rs.gov.br>. Acesso em: 14 ago. 2010.

SAGGIN, et. al. (2010). Gestão Ambiental nas Organizações da Quarta Colônia. **Revista de Gestão Social e Ambiental**. v. 4, N^o.1, jan./ abr. 2010, p. 214- 227. Disponível em: www.gestaosocioambiental.net. Acesso em: 28 fev. 2010.

SALANEK FILHO, P. **Integração Regional, Desenvolvimento Local e Cooperativismo**: O Melhoramento da Renda do Pequeno Produtor Associado na Cooperativa Agroindustrial Lar de Medianeira/PR. Disponível em: <<http://www.unifae.br/publicacoes/pdf/sustentabilidade/pedrosalanek.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2010.

SALGUEIRO, T. B. Espacialidades e temporalidades urbanas. In: CARLOS, A. F. A.; LEMOS, A. I. G. (org.). **Dilemas urbanos**: novas abordagens sobre cidades. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SAQUET, M. A. **A construção do espaço em Nova Palma (RS)**. Nova Palma: Prefeitura Municipal, 1996.

_____. Alguns aspectos da formação econômica da ex- colônia Silveira Martins (1878- 1925). In: MARIN, J. (org.). **Quarta Colônia**: Novos Olhares. Porto Alegre: EST, 1999. p. 56-73.

_____. **Colonização italiana e agricultura familiar**. Porto Alegre: EST, 2002.

_____. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**: o desenvolvimento econômico da Colônia de Silveira Martins (RS). Porto Alegre, EST, 2003.

SANTI, S. Sonhos diferenciados ou desfeitos: Silveira Martins, a Quarta Colônia, no cenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. P.11-24 In: MARIN, J. (org.). **Quarta Colônia**: Novos Olhares. Porto Alegre: EST, 1999.

SANTOS, C. D. dos. A formação e produção do espaço urbano: discussões preliminares acerca da importância das cidades médias para o crescimento da rede urbana brasileira. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. Taubaté, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 177-190, jan-abr/2009. Disponível em: <<<http://www.rbgdr.net/revista/index.php?journal=rbgdr&page=article&op=viaw&path%5B%5D=188&path%5B%5D=149>>. Acesso em: 20 jul. 2010.

SANTOS, M. Crescimento Nacional e Nova Rede Urbana: o exemplo do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro. IBGE. 1967.

_____. **Espaço e Sociedade**: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Manual de Geografia Urbana**. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. **Técnica Espaço Tempo: Globalização e Meio Técnico Científico Informativo**. S. Paulo. Ed. Hucitec. 1997.

_____. **A urbanização Brasileira**. 2ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro- São Paulo: Record, 2001.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS-SEBRAE. **Cooperativa: O que é?** Disponível em: <<http://www.sebraemg.com.br/culturadacooperacao/cooperativismo/cooperativa%20o%20que%20e.htm//>>. Acesso em: 15 ago. 2010.

SCHERER, F. B. **Construção do Espaço Urbano da Pequena Cidade: um estudo sobre São Sepé – RS**. 2009. 108f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

SINGER, P. **Economia Política da Urbanização**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

SOUSA, L. P. de. Cooperativismo: conceitos e desafios à implantação da economia solidária. **FAE**. V. 2, n.2, abr. 2009.

SPOLAOR, S.; BOLFE, S. A. O processo de urbanização nas pequenas cidades da Quarta Colônia/RS: Algumas considerações. In: XII Simpósio de ensino, pesquisa e extensão e 4º salão de iniciação científica, 2008, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: XII simpósio de ensino, pesquisa e extensão e 4º salão de iniciação científica, 2008.

_____. **Os papéis urbanos nas Pequenas Cidades da Região da Quarta Colônia –RS**. 2010. 192f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

SPONCHIADO, B. A. **Imigração & Quarta Colônia: Nova Palma e Pe. Luizinho**. Nova Palma: Paróquia Santíssima Trindade; Santa Maria: Ed. da UFSM, 1996.

SPONCHIADO, L. A anágrafe de Nova Palma e os inícios da Colônia Silveira Martins. In: BONI, L. A. de [et. AL]. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre; Torino: EST; Fondazione Giovanni Agnelli, V. II, p.425-446, 1990.

SPOSITO, M. E. B. A urbanização da sociedade: reflexões para um debate. In: Ana Fani Alessandri Carlos; Amélia Luisa Damiani; Odette de Lima Seabra. (Org.). **O espaço no fim do século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 83-99.

SPOSITO, M. E. B. A urbanização da sociedade: reflexões para um debate sobre as novas formas espaciais. In: DAMIANI, A. et al. (Orgs.). **O espaço no fim de século**: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: p. 111- 130. SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (orgs.). **Cidade e Campo**: Relações e Contradições Entre Urbano e Rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SUERTEGARAY D. M. A.; FUJIMOTO, N. V. M. Morfogênese do Relevo do estado do Rio Grande do Sul. p. 11-26. In: VERDUM, R.; BASSO, L. A.; SUERTEGARAY, D. M. A. (Org.). **Rio Grande do Sul**: Paisagens e territórios em transformação. 1 ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

SUERTEGARAY D. M. A.; GUASSELLI, L. A. Paisagens (Imagens e Representações) do RS. p. 27-38. In: VERDUM, R.; BASSO, L. A.; SUERTEGARAY, D. M. A. (Org.). **Rio Grande do Sul**: Paisagens e territórios em transformação. 1 ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

ZANINI, M. C. C. Entre memórias e identidades (étnicas). **História UNISINOS**, São Leopoldo, Vol. 11 Nº 1, p. 40-48, jan./abr. de 2007.

_____. Pertencimento étnico e territorialidade: italianos na região central do Rio Grande do Sul (Brasil). **REDES**, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 3, p. 140 - 163, set /dez. 2008.

RAMBO, A. G.; RÜCKERT, A. A. Desenvolvimento territorial e escalas geográficas de poder e gestão - o caso da Cooperacana, Porto Xavier-RS. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p 95-114, jul./dez. 2008.

VEIGA, J. E. **Cidades Imaginárias**: O Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2002.

VERDUM, R.; BASSO, L. A.; SUERTEGARAY, D. M. A. (Org.). **Rio Grande do Sul**: Paisagens e territórios em transformação. 1 ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. 320p.

ANEXOS

ANEXO A- Fotos da Quarta Colônia de Imigração Italiana (arquitetura italiana).



Antiga casa colonial italiana- Município de Ivorá.
Fonte: Prefeitura Municipal de Ivorá



Casa da Família Manfio- Localidade Linha Três/Nova Palma.

ANEXO B- Formas de relevo presentes na Quarta Colônia: área de transição entre a Depressão Central e o Planalto Meridional brasileiro.



Fotografia do Paredão da Piruva- Ivorá (relevo típico de Rebordo do Planalto).
Fonte: Prefeitura Municipal de Ivorá



Fotografia do relevo típico de área de Planalto no Município de Silveira Martins
Fonte: Prefeitura Municipal de Silveira Martins



Fotografia do relevo típico de Planície – Faxinal do Soturno
Fonte: Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno.

ANEXO C: Roteiro da Entrevista A**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E
GEOCIÊNCIAS****Trabalho de Campo referente à dissertação de Mestrado
Acadêmica: Vanessa Manfio**

Qual o número de associados na CAMNPAL? (Dona Francisca e Nova Palma).

Quais os produtos que a CAMNPAL industrializa e comercializa?

Os produtos são produzidos com agricultura mecanizada ou tradicional?

A CAMNPAL oferece assistência técnica e incentivos aos agricultores associados?

Qual o número de estabelecimentos da CAMNPAL no município de Nova Palma? E relacionados à CAMNPAL?

Qual a importância da cooperativa local para a cidade de Nova Palma?

ANEXO D: Roteiro da Entrevista B

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E
GEOCIÊNCIAS**

**Trabalho de Campo referente à dissertação de Mestrado: “ A construção do espaço Urbano de Nova Palma a partir da CAMNPAL ”.
Acadêmica: Vanessa Manfio**

Questões:

1) Qual a principal função da cooperativa? _____

2) Qual o n° de funcionários da cooperativa? (por unidade)

3) Qual o n° de associados por município ou por unidade?

4) Qual o valor das negociações com os produtos?

5) Qual o produto de mais circulação (negociação) na região?

6) Quais as atividades complementares – em cada unidade (lojas, mercado...) _____

7) Quais as atividades para o futuro, expansão- como e quando?

8) Quais seriam as dimensões das propriedades rurais dos associados (estrutura fundiária)?

9) O capital que circula na região tem permitido o desenvolvimento da cidade? Em que termos, onde e quando e como será?

10) Como é o escoamento da produção? Que empresas fazem parte deste sistema de escoamento? _____

11) A prefeitura colabora com o escoamento da produção? Quais os fluxos de caminhões? Que estradas percorrem? De onde para onde vão?

ANEXO E: Reportagem sobre os futuros investimentos da CAMNPAL.

Cidades do Vale - O Jornal da Quarta Colônia

REGIÃO

Sexta-feira, 19 de novembro de 2010 11

Nova Palma

CAMNPAL fará investimentos superior a R\$ 3 milhões

Presidente da maior cooperativa de grãos da Quarta Colônia e que hoje atua em outros setores, Euclides Vestena, falou em entrevista sobre empreender, crescimento da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma (CAMNPAL) e também de futuros negócios e investimentos

O que começou através de uma reunião em 03 de fevereiro de 1963 e com apenas 28 agricultores, hoje a Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma possui 4.880 associados. De lá para cá a cooperativa passou a ser dona também de supermercado, agropecuárias, lojas de confecção e artigos esportivos, recebimento, armazenamento e comercialização de cereais, com serviços na parte de insumos e indústrias (beneficiamento de feijão, engenho de arroz, moinho de trigo, fábrica de rações, posto de recebimento de leite e frigorífico). Com a matriz em Nova Palma, com a presidência de Euclides Vestena a CAMNPAL possui filiais em Dona Francisca, São João do Polésine, Caemborá (interior de Nova Palma), Val de Serra e São Cristóvão (interior de Pinhal Grande).

Em entrevista à Rede Jauru de Comunicação o presidente da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma, falou sobre os novos negócios e futuros investimentos da entidade na Quarta Colônia.

Repórter - Qual é o próximo investimento da CAMNPAL?

Euclides Vestena - Nós planejamos para o exercício de 2010 investimento em Dona Francisca, onde compramos três terrenos para construir um mercado e também compramos o supermercado do Librelotto em Nova Palma, onde vamos instalar ali a revenda de pneus e depósito de bebidas e a Linha Branca, que são os eletrodomésticos. E também nós estamos no Caemborá (interior novapalmense) construindo mais um pavilhão lá, para que nós possamos receber a granel e fazer expedição a granel do produto agrícola. Também estamos concluindo a instalação da fábrica de rações, fábrica nova com capacidade boa para atender a nossa região e estamos investindo também aqui na parte de insumos que está praticamente pronto e também estamos construindo três tubos de armazenagem de feijão preto para que possamos diminuir o custo de recebimento. Estes são os investimentos iniciais.

Repórter - Estes são os investimentos ainda para este ano. E para 2011?

Euclides Vestena - Para 2011 nós estamos fazendo um projeto novo do frigorífico, pois aqueles que nós temos está praticamente sendo desativado até em função porque ele está próximo ao rio, estando dentro da Preservação Permanente, nós temos um Termo de Ajuste de Conduta com a Promotoria de Faxinal do Soturno, nós não conseguimos mais investir nessa área, então nós compramos uma área de terra próxima aquele e estamos construindo um novo frigorífico para o próximo exercício.

Repórter - Qual é o custo inicial desta construção, presidente?

Euclides Vestena - O custo inicialmente está em torno de R\$ 3 milhões, mas vai ser um frigorífico bastante moderno e vai ser o único dos frigoríficos com SISPOA Estadual ou SIF Federal, nós estamos estudando qual é a inspeção que vamos entrar, se é no estadual ou no federal para que nós possamos até mesmo exportar alguma coisa, dentro daquilo que nós hoje visualizamos.

Repórter - Neste novo frigorífico, há uma previsão de abates de animais por dia?

Euclides Vestena - O número de abates por dia seria de 50 bovinos e mais 50 ovinos e 100 suínos por dia.

Repórter - Como vocês estão trabalhando na questão de geração de empregos, com estes novos investimentos?

Euclides Vestena - Nós precisamos enxugar nosso custo operacional, estamos preocupados com isto até porque para hoje se manter no mercado nós precisamos também adequar as nossas estruturas, porque se iniciou pequeno e fomos emendando muita coisa, construindo dentro das nossas instalações, fomos arrumando a casa do jeito que achou melhor, mas hoje a sede aqui da CAMNPAL de repente o recebimento de grãos e a parte da indústria nós estamos até pensando em sair de dentro da cidade e ir para uma região mais próxima mas no interior para que não haja muito pó, muita poluição, muito barulho para o pessoal da cidade que sempre tem algumas reclamações, mas o progresso também tem o seu custo. A gente um dia terá que pensar num projeto maior. Claro que sempre pensando que a cooperativa tenha os seus resultados a cada ano que passa. Nós precisamos ir crescendo sim.

Repórter - Quando que abre a loja em Nova Palma?

Euclides Vestena - Nós estamos com o projeto praticamente pronto e ainda no mês de novembro estamos com ele elaborado e depois vamos buscar uma empresa, vamos contratar o serviço e pensamos em abrir aí por abril ou março do ano que vem.



Equipe de diretores da matriz de Nova Palma da CAMNPAL



Presidente da Cooperativa Euclides Vestena

Fonte: Jornal Cidades do Vale- Data: 19 de novembro de 2010.